

WIDENER LIBRARY



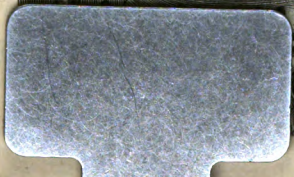
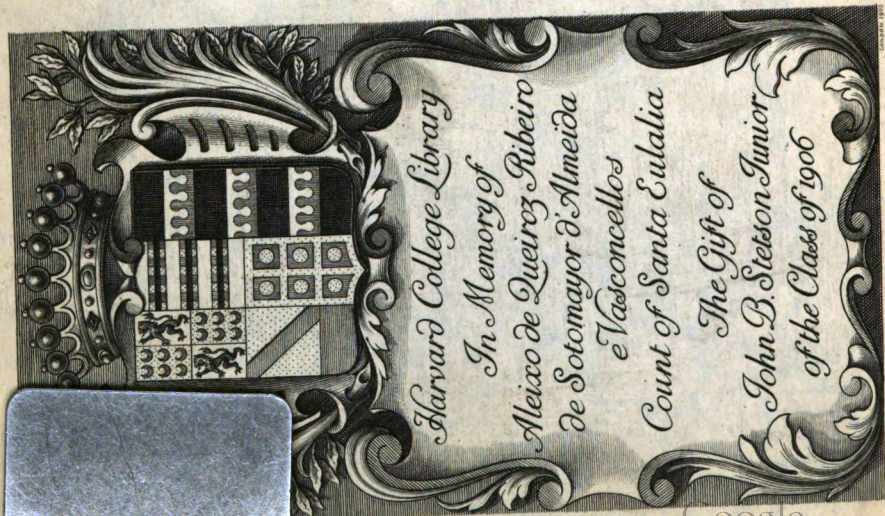
HX 1470 2

Port
5929
9.105

915
LIVRARIA
DE
PALHA

N.º 193

EST. 6, 5
R 3





Oferta do meu saudoso Amigo, o Ex.^{mo} Conde
de Azouar.
Lomb.

DISTRACÇÕES METRICAS

0

DISTRACÇÕES METRICAS

DO

VISCONDE DE AZEVEDO

POR ELLE DEDICADAS AO SEU PARTICULAR AMIGO

O SNR.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

PORTO

TYPOGRAPHIA PARTICULAR DO VISCONDE DE AZEVEDO

1868.

✓ P. 5929.2 p. 1. 1. 1.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

S

CARTA DEDICATORIA

DO AUTHOR AO SEU ILLUSTRE E RESPEITAVEL AMIGO
O SNR. JOSÉ GOMES MONTEIRO



Meu hom e querido Amigo.

Ahi lhe offereço esses rabiscos metrificados feitos com longos intervallos em diversas épocas da minha vida, aos quaes se não póde dar outro nome, e foi n'essa conta que eu os tive sempre.

Estavam, como v. sabe, destinados a nunca se alumiarem com a luz typographica, porém a amisade benevola e até parcial, com que v. me trata ha tantos annos, serviu-lhes de piedosa providencia mudando-lhes por effeito de um beneficio gratuito o seu primitivo destino. Logo que v. mostrou desejar que eu mandasse imprimir na minha pequena imprensa estas ninherias, cuidei em satisfazer a sua vontade; não sei se v., conhecendo o meu habito inveterado de obedecer-lhe, abusou d'este conhecimento por causa sem duvida da sua grande bondade para comigo, e do prisma favoravel porque vê sempre tudo quanto me toca: o que sei com

certeza é que satisfazer os desejos de um amigo verdadeiro e experimentado, é um dever que não tem excepções, ainda acontecendo, como n'este caso me aconteceu, ser essa satisfação acompanhada pelas provas publicamente confessadas da propria insignificancia litteraria.

Para a traducção das restantes nove eclogas de Virgilio, que dei por companheiras á quinta traduzida por Bocage (a qual vai indicada entre ** no meio das outras), já v., quando leu o manuscripto, me deu desculpa attendendo a que fiz aquillo quando tinha pouco mais de vinte annos, edade em que ainda podem ser desculpaveis os maiores atrevimentos.

Diz-se que os presentes pequenos entretêm a amizade, e n'essa classificação deveria contar-se esta dedicatória, se acaso no que n'ella se dedica pudesse achar-se qualquer valor para chamar-se-lhe um presente, o que não pôde, e ainda menos um futuro, que não tem, sendo apenas umas memorias fraquissimas do passado, que pela maior parte me recordam os meus verdes annos, e v. sabe que semelhantes recordações são sempre gratas aos velhos, mesmo quando como estas recordam sómente bagatellas. Peço-lhe aqui uma indulgencia plenaria em particular para a tragedia de «Atreo e Thiestes», que eu alinhavei entre os annos de 1835 e 1838, tempo, em que esta fórma que antigamente fazia chorar, quasi já fazia rir! A leitura do livro de La Harpe, onde este censurando as duas tragedias de Crebillon e Voltaire indica o modo como sobre o assumpto se faria uma boa composição dramatica, me incitou esta tentativa. Da tragedia de Crebillon ha duas traducções em portuguez, creio eu.

Adeus, meu querido Monteiro, não fallemos mais no tal livrinho por ser elle como os projectos de lei que não soffrem segunda leitura, e creia-me sempre de todo o coração

o seu amigo velho e fiel criado

Largo de Santo Antonio
do Penedo, no Porto, 4 de
Julho de 1868,

Visconde de Azevedo,

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

ARGUMENTO DA ECLOGA PRIMEIRA

O imperador Augusto Cesar mandou repartir pelos soldados veteranos, que o serviram na guerra, o campo Mantuano e Cremonense, e n'esta occasião foi o nosso Virgilio esbulhado das propriedades campestres, que no territorio de Mantua possuia: tendo porêm sido recomendado a Mecenas, valido do imperador, por Asinio Pollion commandante das legiões romanas no Mantuano, foi pelo mesmo Mecenas introduzido á graca de Augusto, e conseguiu por este modo recuperar tudo o que havia perdido.

Canta pois aqui o poeta a sua felicidade, a calamidade dos Mantuanos, e os louvores de Augusto e de Roma. Foi escripta esta ecloga quando Virgilio contava vinte e nove annos de idade, no anno 713 da edificação de Roma, sendo consules P. Servilio, e Lucio Antonio irmão de Marco: n'este anno foi feita a celebre repartição das terras, que já fica mencionada, e d'ahi nasceu a chamada guerra Perugina, acolhendo-se os antigos donos das propriedades repartidas, á protecção de Lucio Antonio, que os defendia contra os Triumviros. Esta repartição foi feita no anno que se seguiu á victoria de Philippes, alcançada por Augusto e Marco Antonio contra Bruto e Cassio, matadores de Julio Cesar, e não depois da victoria em Accio de Augusto contra Marco Antonio, a qual só teve logar dez annos depois. Tityro representa Virgilio, e Melibeo os cidadãos de Mantua.

ECLOGA PRIMEIRA

TITYRO

Tityro, Melibeo

MELIBEO

Tityro, tu sentado aqui á sombra
D'esta faia copada, modulando
Estás canção silvestre em tenue flauta;
Nós fugimos á patria, e abandonamos
Da terra tão querida os doces campos;
Nós fugimos á patria, e tu do bosque
Aos echos entretanto ocioso ensinas
D'Amaryllis formosa o amado nome,

5

TITYRO

Foi um deus quem me deu este descanço;
Por deus, ó Melibeo, o terei sempre:
De meus redis os tenros cordeirinhos
Com innocente sangue os seus altares
Em honra sua irmão tingir mil vezes,
Elle me permittiu que livremente
A pastar, como vês, trouxesse o gado,
E que da canna agreste a melodia
Fizesse a meu prazer soar nas selvas,

10

15

MELIBEO

Não t'invejo em verdade a tua dita,
Sómente admiro como ser podéste
Venturoso entre tantos desgraçados!

20

Eu triste e sem conforto as pobres cabras
 Vou conduzindo; attenta que trabalho
 Esta me dá, que ha pouco entre as cerradas
 Aveleiras pariu dous cabritinhos
 Esperança da grei, que ao desamparo
 Deixou sobre uma lagea! Ai! quantas vezes
 Pelo raio os carvalhos fulminados
 O mal me predisseram, qu' indiscreto
 Lamento agora e ver então não sube!
 Tambem me lembra a gralha, que grasnando
 Sobre velha azinheira á parte esquerda
 Fez igual predicção; porém quem seja
 Este deus favoravel dize, ó Tityro.

TITYRO

A cidade, que Roma se nomeia,
 Pensava eu, insensato, assimillar-se,
 O' Melibeo, á nossa, onde nós vamos
 Vender os tenros anhos a miudo!
 Eu sabia que parecidos eram
 Aos cães os cachorrinhos, que das cabras
 Não differiam recém-nados filhos,
 Senão só na grandeza; assim as cousas
 Pequenas com as grandes comparava:
 Mas entre as mais cidades tanto Roma
 Eleva a fronte quanto se ergue altivo
 Entre os vimes humildes o cipreste.

MELIBEO

E que alta causa te levou a Roma?

TITYRO

A liberdade, a qual, bem que tardia
 E quando branca a barba eu já cortava,
 Em minha inercia pôz benignos olhos,
 Chegando para mim depois que pude
 Amaryllis seguir, e para sempre
 Galatea deixar; sim, eu confesso

Que enquanto Galatea me reteve
 Não alcancei sequer uma esperança
 De liberdade, ou de riqueza ao menos. 55
 Embora a Mantua meus curraes mandassem
 De rezes grande copia, embora fossem
 Excellentes os queijos, que eu fazia,
 Nunca a cidade ingrata me deu ganho
 Que o meu trabalho assidio compensasse. 60

MELIBEO

Quando invocavas com tristeza os deuses
 Eu te ouvia pasmado, ó Amaryllis,
 Sem saber para quem guardar querias
 Maduros pómos na arvore pendentes,
 Tityro aqui faltava, estes pinheiros 65
 Arvoredos e fontes suspirando,
 Tityro, por te ver, por ti chamavam.

TITYRO

Que havia eu de fazer? Não me era dado
 A' servidão fugir d'outra maneira,
 Nem encontrar os deuses tão presentes 70
 Em outra qualquer parte que os buscasse:
 Alli, ó Melibeo, ver pude o Joven
 Em cuja honra e louvor sobre os altares
 Doze dias cada anno o fogo accendo:
 Elle a meus rogos respondeu propicio: 75
 — «Apascentai, rapazes, como d'antes
 Os vossos bois, e dai o jugo aos touros».

MELIBEO

Ditoso velho, (*) ficarão teus campos

(*) Para se entender esta exclamação de Melibeo á felicidade que engrandece no velho, a quem parece dirigir-se, deve primeiro reflectir-se em que Virgilio tinha n'aquelle tempo seu pae ainda vivo, o qual usofruia as terras restituídas por Augusto ao mesmo Virgilio, e é

Sempre no teu poder, vasta largueza N'elles terás, embora os cubra e cerque	80
De nua esteril pedra alta camada, E de junco limoso o lago cheio. Damno não soffrerão de pasto insólito Tuas ovelhas prenhes, nem contagio	85
Do rebanho visinho ao teu vir póde. Ditoso velho, aqui perto dos rios Que sempre amaste, e das sagradas fontes, Irás gozando á sombra o ar da patria; Aqui do Hybla as abelhas por um lado, Libando as flores dos salgueiros proximos,	90
Com seu zumbir suave te convidam Da sésta ao brando somno; da outra parte Emquanto o podador canções ás auras Entre os rochedos solta, sobre os olmos O rouco trocaz pombo, e a rôla ingenua, Com seus ternos arrulhos te deleitam.	95

TITYRO

Mais possivel será qu'inda vejamos O cervo corredor pastar nos ares, Depôr na praia o mar sem agua os peixes, E dos rios mudados os limites,	100
Dar-se a Parthia ao Arar, Germania ao Tigre, Antes que no meu peito se esvaeça D'aquelle benefeitor a viva imagem.	

ao velho pae que allude o pastor Melibeo, o que se vê mais claramente no que o poeta representado por Tityro acabou de dizer, pois contando que fôra á presença do Imperador, e repetindo o que este lhe dissera vê-se que o príncipe fallou no plural; logo Virgilio não estava só, mas tinha mais alguém comsigo, que era seu velho pae, o que o poeta suppõe sabido por Melibeo, e por isso se explica do modo, que se aqui lê.

MELIBEO

Mas nós iremos uns a Africa adusta,
 Outros á fria Scithia, ou ao Cretense 105
 Rapido Oaxis, ou á dos Britanos
 Terra do mundo todo separada!
 Ai! Verei en depois de um longo exilio
 Inda outra vez a patria, e a pobre choça
 De colmo e torrão feita? Inda estes sitios 110
 Que eram todo o meu bem, virei pasmado
 Visitar uma vez antes que expire?!
 Estes campos serão d'impio soldado?
 D'um estranho estas messes? Desgraçados
 Cidadãos, eis os fructos da discordia, 120
 Eis para quem a terra semcamos!
 Tuas péreiras, Melibeo, enxerta,
 Alinha e põe por ordem as videiras.
 Andai, andai, cabrinhas, que já fostes
 Rebanho tão feliz; o pastor vosso 125
 Deitado á sombra em verdejante gruta
 Não mais tem de vos ver pendendo ao longe
 Das rochas, que circumda o tojo agreste;
 Não cantarei mais versos, ó cabrinhas,
 Nem mais ireis tosar por mim guiadas 130
 Salgueiro amargo, ou flórido codeço.

TITYRO

Podes comtudo sobre a folha verde
 Repousar esta noute aqui comigo.
 Temos fructa madura para a cea,
 Ha castanhas cozidas, ha fartura
 De queijo fresco: ao longe já fumegam 135
 Os cumes dos casaes; já das montanhas
 Descendo crescem as nocturnas sombras.

ARGUMENTO DA ECLOGA SEGUNDA

Amava Virgilio um mancebo escravo de Pollion, que celebra debaixo do nome Alexis, e a si mesmo se disfarça com o de Corydon. Alguns commentadores quizeram suppor que Alexis era escravo de Mecenas, porém a opinião mais seguida, é como se disse, que o era de Pollion. Não se sabe cousa alguma a respeito do anno em que o poeta escreveu esta Ecloga, a qual é uma imitação, e em alguns trechos até mesmo versão dos Idyllios 11 e 23 de Theocrito.

ECLOGA SEGUNDA

ALEXIS

O pastor Corydon louco de amores
Pelo formoso Alexis suspirava,
De seu amo delicias, mas não tinha
Nada que esperar d'elle; tão sómente
Vinha entre as densas faias alterosas 5
Com descuidado canto muitas vezes
Fazer ouvir em vão sósinho e triste
Taes queixumes aos bosques e aos outeiros
O' Alexis cruel, como desprezas
Com tal indiferença as minhas vozes?! 10
Tu me farás morrer por fim, se sempre
Com tão grande dureza me tratares.
Agora o gado busca a fresca sombra
E entre as silvas se esconde o sardão verde:
Agora esmaga Thestylis os alhos, 15
E o cheiroso serpão para os ceifeiros,
Que, oppressos do calor, lassos succumbem
Mas eu, enquanto sob um sol ardente
Teus passos vou seguindo, escuto apenas
Por entre os ramos do calado bosque 20
Rouco zumbir de garrulas cigarras.
Quanto melhor me fôra d'Amaryllis
O génio irado, o desdenhoso orgulho
Resignado soffrer, soffrer Menalcas
Bem que fusco elle seja, e tu branquissimo! 25
Ah formoso menino, não te fies
Muito nas côres; vê como os escuros
Arandos são colhidos, e as alfenas,
Apesar da brancura, regeitadas!
Tu desdenhas-me, Alexis, não procuras 30
Saber quem sou, nem que riquezas tenho

Em gado e niveo leite: da Sicilia
 Nos montes pastam mil ovelhas minhas,
 E no calmoso estio, ou frio inverno
 Nunca ao meu tarro o fresco leite falta. 35
 Sei as cantigas, que Amphião de Dirce
 Costumava cantar quando chamava
 La no monte Aracinho pelo gado.
 Nem muito feio sou; sereno o rio (*)
 Ha pouco estava e nelle a minha imagem 40
 Vi; se me não engano em formosura
 Vencerei por teu voto o proprio Daphnis.
 Oh! Praza-te habitar comigo o campo
 E estas humildes choças, que t'enojam;

(*) Apartei-me aqui da intelligencia que vi até agora ser dada por todos os traductores a esta passagem do poeta, e julgo-me por isso mesmo obrigado a explicarme. Virgilio suppõe o pastor Corydon assistindo nos campos, e para elles convidando Alexis, e estes campos de nenhum modo se podem crer situados á beira-mar. Alem d'esta razão ha outra e é que as aguas do mar nunca reflectem as imagens corporeas clara e distinctamente: ora Virgilio o mais exacto e perfeito dos poetas não podia empregar a palavra—*mare*,—de que se serve no seu verso 26 d'esta Ecloga, no sentido de mar propriamente dito, o que seria n'esta situação não só inconveniente, mas até disparatado. Portanto entendi dever servir-me da palavra rio, que era de certo ao que alludia o poeta, ou pelo menos a algum lago, que houvesse no paiz por elle descripto; para isto me authorisa o *Magnum Lexicon* de Fr. Manoel de Pina Cabral, que na palavra—*mare*—se apoia no nosso poeta para dar-lhe tambem a significação de rio. Nunca pude até hoje comprehender bem o motivo, porque muitos traductores adoptando para a palavra—*æquor*,—empregada por Virgilio no verso 56 da Ecloga IX, a versão pela palavra rio, não quizessem jámais usar d'esta na presente passagem, quando é bem claro que em ambos os casos o poeta não podia deixar de ter na ideia uma allusão igual.

Praza-te a montaria dos veados,	43
E o compellir a grei caprina ao pasto	
Do malvaisco verde: aqui nós ambos,	
Pelas selvas cantando, imitaremos	
A Pan. Foi Pan quem deu primeiro o modo	
De unir com cera os calamos da avena:	50
Pan protege as ovelhas e os pastores.	
Não temas molestar na flauta os labios;	
Para que eu a tocal-a o ensinasse	
Que não fazia em outro tempo Amyntas?	
Uma tenho, á qual dou alta valia,	55
De sete designaes canuas composta	
Prênda antiga, que outr'ora o bom Demetas	
Pouco antes do morrer me deu dizendo:	
—«Serás, amigo, o seu dono segundo.»	
Isto Dametas disse, o estulto Amyntas	60
D'inveja se mordeu. Tambem possuio	
Dous montezes cabritos mosqueados,	
Que com risco apanhei n'uma quebrada;	
Todos os dias dous bem fartos ubres	
Esgotam d'uma ovelha, os quaes guardava	65
Para dar-t'os um dia, porém vendo	
Que prendas e dous meus tanto t'enjoam,	
Os levarei a Thestylis, que muito	
M'os tem pedido já por muitas vezes.	
Vem cá, lindo menino, aqui as nymphas	70
Te darão cestos cheios de açucenas:	
Aqui a bella Nais colhendo as altas	
Papoulas com as palidas violas	
Para ti as prepara o endro unindo-lhes	
Tão aromatico, e o gentil narciso;	75
De cheirosa alfazema e de outras plantas	
Suaves tambem sórma ramalhetes,	
Onde aos moles orandos formoscia	
O dourado matiz dos malmequeres.	
Eu proprio irei colher marmelos brancos,	80
De macia pennugem guarnecidos,	
E nozes, e castanhas, das quaes tanto	
Minha boa Amaryllis se pagava:	
Addir-lhes-hei ameixas amarellas	
Fruca assaz estimada, e juntamente	85

Ramos de louro, e tu tambem, ó murta Proxima tens de vir para que os vossos Agradaveis aromas se misturem. Rustico és, Corydon, não cura Alexis	
Dos teus presentes, nem, se com presentes Tentas ganhál-o, t'ó concede Iollas!	90
Desgraçado, que fiz?! Perdido o tino O Austro ás flores dei, e sobre as puras Fontes lancei os javalis immundos!	
De quem foges, louquinho?! Os proprios deuses Habitaram no campo, e o Teucro Páris Foi pastor. Queira embora habitar Pallas Nos castellos, qu'edificou famosos:	95
Nós as selvas amemos mais que tudo. O terrivel leão persegue ao lobo, Persegue o lobo á cabra, e a folgasona Cabra procura o flórido codeço, Mas eu, Alexis, só por ti suspiro.	100
Tem cada qual seu gosto. Attenta como Já para casa os touros se recolhem, Suspenso o arado ao jugo conduzindo:	103
Vê como a cada instante a sombra augmenta Nuncia da noute quando ao seu occaso Proximo vai o sol: inda comtudo Me abrasa o amor! E dá o amor descanso?!	110
Corydon, Corydon, como tonteias? Tens no frondoso olmeiro a vide tua Meia podada, porque não preferes Ir cuidar antes d'ella e dos teus campos? Porque de vime e de flexivel junco	115
Cestos não teces, que nos teus trabalhos Tanta falta te fazem tantas vezes? Se n'este Alexis só fastio encontras Outro acharás, que saiba apreciar-te.	

ARGUMENTO DA ECLOGA TERCEIRA

Esta Ecloga é das que se chamam amebéas, nas quaes os versos devem ser alternados, cantados por dous pastores, que cantam cada um igual numero d'elles, e o segundo deve cantar cousa analogo ao sentido, em que o primeiro cantou, quer seja conforme ao que este disse, quer seja contraria, sendo a maior parte das vezes contraria, por se dar quasi ssmpre n'estas Eclogas uma especie de desafio, como se dá n'esta, entre Menalcas e Dametas, e Palemon é o juiz, que deve decidir qual dos dous venceu, e por isso tomou a Ecloga d'elle o nome.

Não se sabe ao certo em que tempo foi composta, mas comparando alguns versos d'ella allusivos aos triumphos de Pollion, e segundo os melhores commentadores foi escripta quando Virgilio contava entre trinta e um e trinta e dous annos de idade, no de 715 da edificação de Roma. Alguns quizeram ver n'esta Ecloga varias allusões e allegorias, porém o mais provavel é que o poeta quiz n'ella imitar os Idyllios IV e V de Theocrito, os quaes aqui refundiu, traduzindo d'elle versos inteiros.

ECLOGA TERCEIRA

PALEMÓN

Menalcas, Dametas, Palemon

MENALCAS

Vem cá, Dametas, dize-me, esse gado
A quem pertence? A Melibéo acaso?

DAMETAS

Não, mas a Egon: Egon foi quem ha pouco
De mim o confiou.

MENALCAS

Pobres ovelhas

Grei sempre desditosa! Egon, emquanto	5
Vai seguindo a Neéra receoso	
De me ver preferido, aqui consente	
Um pastor mercenario, que mungindo	
Duas vezes cad'hora as ovelhinhas	
Toda a força lhes rouba, e o leite ao anhos.	10

DAMETAS

A modo, a modo, lembra-te que em face	
Nunca a um homem cousas taes se dizem.	
Sei certas acções tuas vergonhosas,	
E em que logar sagrado as commetteste...	
A vista os bodes de travez volveram,	15
Mas as nymphas por serem bonachonas	
Rindo-se disfarçaram tanta infamia.	

MENALCAS

Creio que assim seria, mas foi quando
 Me viram com a fouce malfçitora
 Decepar de Micon as vides novas
 E com ellas as arvores d'envolta. 20

DAMETAS

Ou antes junto d'estas velhas faias,
 Onde arco e settas destruiste a Daphnis.
 Quando viste, ó perverso, estes presentes
 Dados áquelle moço, morrerias 23
 D'inveja se algum mal lhe não causáras!

MENALCAS

Os amos que farão quando ousam tanto
 Os criados ladrões?! A ti, malvado,
 Não te vi eu, que por traição furtaste
 Um cabrito a Damon, ladrando muito 30
 A cadella Lycisca? Emquanto eu clamo:
 —«Qu'ê do ladrão? Recolhe a grei, ó Tityro,
 Tu por detraz das canas te sumias.

DAMETAS

E porque me não dava elle o cabrito,
 Que com a minha flauta eu lhe ganhára? 35
 Sabe que este era meu, sabe que o proprio
 Damon o confessava, mas dizia
 Que não tinha a coragem d'entregar-m'ô.

MENALCAS

Tu na flauta o venceste? E quando flauta
 Tiveste já por tua? Não usavas, 40
 Pobre ignorante, andar pelos caminhos
 Fazendo ouvir da ingrata charamella
 A misera harmonia detestavel?

DAMETAS

Muito bem: queres tu que alternos versos
 Entre nós ensaiemos? Eu aposto 45
 Esta novilha; vem por dia ao tarro
 Duas vezes, e aleita duas crias.
 Dize qual penhor dás para a contenda.

MENALCAS

Rez nenhuma contigo apostar ousou:
 Pae e madrasta injusta em casa tenho; 50
 Duas vezes no dia ambos me contam
 Todo o rebanho, e um d'elles os cabritos.
 Mas, pois te apraz tão louco desafio,
 Quero aposta fazer mais preciosa,
 Como confessarás: são duas taças 55
 De faia, em que o divino Alcimedonte
 Gravou de volta com entalho facil
 A vide entre seus ramos abraçando
 Os corymbos da hera descórada.
 Cada uma d'ellas tem no centro um busto, 60
 Cónon primeiro: mas quem foi o outro
 Que o mundo ás gentes descreveu por linhas,
 Demarcando á colheita e á lavra os tempos?
 Inda as não estreei, conservo-as mesmo
 Como das mãos de quem as fez sahiram. 65

DAMETAS

Tambem tenho do proprio Alcimedonte
 Dous copos cujas azas molle acantho
 Adorna circumdando-as; teem no centro
 Orpheo cantando, e os hosques a seguil-o. 70
 Inda os não estreei, conservo-os mesmo
 Como das mãos de quem os fez sahiram:
 Mas da novilha a par não sei que possas
 Dar a copos de pau grandes louvores.

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

19

MENALCAS

Não has de hoje escapar-te, estou por todo
O partido, que queiras: só pertendo
Que nos escute alguém: Palemon chega:
Farei que nunca mais tenhas a audacia
De provocar ao canto outros pastores.

75

MENALCAS

Começa tu, se sabes, eu não falto,
Nem recuso qualquer juiz; visinho
Palemon, só te peço que nos ouças
Com todos teus sentidos; a disputa
A que vais presidir é muita séria.

80

PALEMON

Pois que na branda relva nos sentamos
Cantai, pastores: todo o campo agora,
Todo o bosque estão vida respirando;
Agora a verde folha adorna as selvas,
Do anno a quadra mais formosa é esta.
Tu, Dametas, começa, e tu, Menalcas,
O seguirás depois: cantai alternos;
Alternada canção agrada ás Musas.

85

90

DAMETAS

Deusas do Pindo em Jove começemos,
O seu poder abrange o immenso espaço
E' elle quem as terras fertiliza,
Elle, a quem os meus cantos não desprazem.

95

MENALCAS

Apollo me concede os seus favores
Tenho-lhe sempre dons aparelhados
Do seu sacro loureiro, ao qual ajunte
O suave jacintho purpurino.

DAMETAS

Galatea, travêssa rapariga, 100
 Uma maçon me joga, e logo foge
 A esconder-se ligeira entre os salgueiros;
 Mas quer que eu veja o sitio, onde s'esconde.

MENALCAS

Amyntas, a quem amo ternamente, 110
 Vem d'espontaneo moto procurar-me;
 E tantas vezes vem, que os meus rafeiros
 Menos que á propria Delia o não festejam.

DAMETAS

Reservo para dar á minha amada 115
 Um mimoso presente já disposto;
 Sei o logar, onde seu doce ninho
 Um par de pombos bravos fabricaram.

MENALCAS

Dez aureos pomos dei ao meu Amyntas
 D'uma arvore silvestre recolhidos;
 Só pude colher estes, mas prometto
 Qu'hei de ámanhan com outros dez brindal-o. 120

DAMETAS

O' quantas vezes e quão doces cousas
 Galatea comigo tem fallado!
 Aos ouvidos dos deuses parte d'ellas
 Levai, ó ventos, sobre as azas rapidas.

MENALCAS

De que me vale, Amyntas, que em teu peito 125
 Por mim tua affeição seja tão viva:
 Se enquanto os feros javalis monteias
 Vou eu longe de ti guardar as redes.

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

21

DAMETAS

Hoje, Ióllas, o meu natal celebrou;
Phyllis m'envia, e quando em prol da messe
Eu immolar uma bezerra a Ceres
Virás então tu proprio acompanhar-me. 130

MENALCAS

Ióllas, tambem eu muito amo a Phyllis;
Por mim a vi chorar quando a deixava
E sua voz ouvi, que longo tempo
—cAdeus, adeus, gentil pastor—bradava. 135

DAMETAS

Aos apriscos desastre o lobo agoura,
As searas maduras os chuveiros,
As arvores os ventos, e ao meu peito
Da formosa Amaryllis os rigores. 140

MENALCAS

E' grata a doce lympha ás sementeiras,
O medronho aos cabritos desmamados,
O flexivel salgueiro ás rezes prenhes,
Grato ao meu coração é só Amyntas.

DAMETAS

Bem que rustica seja, a minha musa
Agrada a Pollion: Deusas Pierides,
Nutri uma novilha em dom condigno
Ao illustre leitor das canções vossas. 145

MENALCAS

O proprio Pollion, eximio vate,
Novos versos compõe; nutri-lhe, ó musas,
Um vigoroso touro, que arremeta,
E com os pés espalhe a solta areia. 150

DAMETAS

Quem, Pollion, t'estima, a gozar chegue
 A mesma dita, que em ti hoje applaude:
 Caudal lhe corra o mel, e a çarça asperrima 155
 Se lhe transforme em recendente amomo.

MENALCAS

Alguem, que, ouvindo a Bavio, o não detesta,
 Teus versos ouvirá, Mevio, com gosto:
 Ajoujará nas cangas as rapozas,
 Bodes irá mungir em vez de cabras. 160

DAMETAS

Mancebos, que colhendo andais as flores,
 E os morangos, que a terra tem creado,
 Retirai-vos d'ahi, olhai, e vêde
 Qu'entre a relva se esconde a cobra fria.

MENALCAS

Caminhai com cautella, ovelhas minhas; 165
 Estas margens dão pouca segurança;
 Inda o carneiro despenhado d'ellas
 Seu alagado vello está seccando.

DAMETAS

Vai alongar, ó Tityro, das bordas
 D'aquelle rio as cabras que alli pastam: 170
 Eu proprio, quando fôr hora opportuna,
 A' fonte as guiarei, porque se lavem.

MENALCAS

Recolhei as ovelhas, ó pastores;
 Se a calma agora lhes estraga o leite,
 Como já succedeu, debalde iremos 175
 Seccos ubres rebeldes ordenhar-lhes.

DAMETAS

Ai! ceos! Como estão magros os meus touros!
 Apesar de pascerem ferteis campos!
 Amor, amor é só quem m'os define
 E quem melhor não trata o pastor d'elles. 180

MENALCAS

Nenhum mal faz amor ao meu rebanho
 E sobre os ossos traz a pelle apenas!
 Não sei quem dá com vistas invejosas
 A estes cordeirinhos mal de ollhado!

DAMETAS

Que me digas te rogo qual na terra 185
 O sitio, onde se vê do ceo sómente
 Extensão de tres braças; se n'ó dizes
 Sérás para mim sempre um grande Apollo.

MENALCAS

Tambem tu, se disseres qual a terra,
 Onde nascem as flores tendo inscriptos 190
 Em si nomes de reis, serás de Phyllis,
 (Sem que eu mais t'a dispute,) unico dono.

PALEMON

Mal posso julgar lide tão renhida:
 Ambos dignos da almalha sois; merece-a
 Não só quem d'amor sente o doce effeito, 195
 Mas tambem quem lhe bebe as amarguras.
 Vedai já os regatos, ó mancebos,
 Assás se saturaram d'agua os prados.

ARGUMENTO DA ECLOGA QUARTA

Qual fosse o assumpto d'esta Ecloga tem sido objecto de grande divergencia entre os commentadores; a razão de tanta variedade de opiniões não pôde ser outra se não a tendencia natural dos homens, mesmo os mais intelligentes para o mysterioso. Quizeram por força saber quem era o menino, cujo recente natal celebrava o poeta n'esta canção genethliaca, porém como o poeta o não marcou claramente, trataram de o adivinhar. Uns quizeram que fosse Marcello, filho de Octavia, irman de Augusto, e de seu primeiro marido C. Marcello, porém o abbade Desfontaines mostrou que não podia ser este, porque, além de outras razões, ha uma essencial, que se oppõe a tal hypothese, a qual consiste em marcar o poeta a epocha precisa do nascimento, que celebra, dizendo positivamente que foi no anno em que Pollion era consul; ora sendo bem sabido que Pollion foi consul no anno 714 da edificação de Roma, e que o dito Marcello nasceu no anno 706 da referida edificação, claro se torna não lhe poderem ser applicações estes versos. Outros pretenderam que o recém-nascido era Druso, irmão do imperador Tiberio, e filho de Livia, quarta mulher de Augusto, e de seu primeiro marido Claudio Tiberio Nerão, e d'este parecer foi Antonio José de Lima Leitão, que na traducção portugueza, que fez das Eclogas de Virgilio, denominou esta—Druso,—privando-a da sua denominação antiga de—Pollion—que todos, ou quasi todos os exemplares das antigas edições lhe davam, e o mesmo fizeram quasi todos os commentadores; esta opinião mais razoavel podia parecer, mas oppõe-se-lhe igualmente a chronologia, porque Virgilio marca a epocha precisa de 714 da edificação de Roma, como já se disse, e Druso nasceu no anno de 716, isto é, dous annos depois da composição da Ecloga! A razão que aponta Lima Leitão, citando o verso 17, e dizendo que não podia ser applicado a Pollion, por isso que este sendo apenas o consul, e estando o po-

der na mãe dos Triumviros, só a algum d'estes se deviam referir as palavras—*Pacatumque reget patriis virtutibus orbem*—provavelmente que este homem, aliás cheio de erudição e intelligencia, não reflectiu em que no tempo em que foi escripta a *Eclogia*, os Triumviros eram considerados, como uma entidade excepcional e temporaria; e que era aos consules, a quem ainda n'aquelle tempo os romanos attribuiam o regimento regular da republica, e nem era de crer, e antes seria uma cousa inaudita, que o poeta cantando o nascimento de um filho da esposa de Augusto, dirigisse a poesia a Pollion, cuntasse promiscuamente os louvores d'este, e nem uma palavra dissesse relativa á mãe e ao padrasto do nascido! Demais o pae d'este era Claudio Tiberio, ao qual de modo nenhum podem accomodar-se as expressões da *Eclogia*, porque nem elle esteve jámais em posição eminente, nem n'aquelle tempo estava na graça dos Triumviros, contra os quaes combatera, seguindo sempre o partido do Senado.

Tudo porém se explica naturalmente cingindo-nos ás palavras do poeta sem aspirarmos a adivinhações ou mysterios: dirige elle a sua *Eclogia* a Pollion, e, quando está fallando a este, por uma transição rapida e immediata dirige-se ao recém-nascido e agoura-lhe um futuro semelhante ao de seu pae, isto é, agoura-lhe que será consul, e que regerá o mundo pacificando-o, como fizera o mesmo seu pae. Seria um contrasenso entender-se que este pae era Augusto, não só porque nem o nomeia, nem as palavras se podem suppôr a elle dirigidas, mas até porque o pae de Druso era Claudio Tiberio, que nada regeu, nem pacificou, sendo Augusto padrasto, e não pae. Pelo contrario Pollion era consul, e portanto era quem se considerava como regendo a Republica Romana, e tinha n'aquelle mesma occasião sido um dos principaes negociadores da paz de Puzzoles, que pozera termo á guerra terrivel, que estava accesa entre Augusto e Marco Antonio, a qual dividindo em dous partidos a Republica, bem pôde affirmar-se que abrazava o mundo, porque o mundo n'aquelle tempo era a Republica Romana por excellencia.

Que este filho de Pollion se não chamasse Salonino,

e que Salonino em lugar de filho fosse seu neto, nada significa n'este caso, porque Pollion teve mais, que um filho, e a historia não particularisa os nomes d'elles, nem as datas dos seus nascimentos, e nada se oppõe a que um nascesse no anno de 714, do qual nenhuma outra noticia nos resta mais, que a eternisada por esta bellissima Ecloga, uma das mais admiraveis do immortal poeta.

ECLOGA QUARTA

POLLION

O' Musas da Sicilia, por um pouco
S'eleve a mór assumpto o nosso canto:
Nem arvoredos só, nem sómente urzes
Agradam sempre a todos: se cantarmos
Selvas, sejam de um consul selvas dignas. 5
Chega por fim a idade prometida
Nos versos da Cumêa; novos evos
Vão descerrar-se em magestosa serie.
Astrea volta, voltam de Saturno
Os tempos venturosos: raça nova 10
D'homens nos manda agora o ceo supremo.
Concede teu favor, casta Lucina,
Ao menino, que nasce; elle no mundo,
Extinguindo primeiro os ferreos dias,
Fará surgir os seculos dourados: 15
D'Apollo, teu irmão, já brilha o imperio.
Esta das eras nunca vista gloria,
O' Pollion, virá sendo tu consul,
E encetarão seu curso os mezes grandes.
Por tua direcção, se alguns vestigios 20
Do crime antigo inda entre nós restarem,
Apagados serão, ficando a terra
De seu terror perpetuo alliviada.
Terá vida divina este menino,
Verá deuses e heroes, sendo elle proprio 25
Contado entr'elles: regerá o mundo
Em paz, seguindo sempre o patrio exemplo.
Primicias de seus dons, 'spontanea a terra
Te offerta sem cultura, ó bello infante,
A hera vagabunda, o nardo rustico, 30
E ao grato acantho a colocasia mista.

Aos redis voltarão do pasto as cabras
 Com bem repletos ubres; os rebanhos
 Perderão o temor dos leões feros. 35
 Produzirá teu berço brandas flores,
 Morrerão as serpentes, e as veneficas
 Plantas fallazes ficarão extinctas;
 Será vulgar na terra o amomo Assyrio.
 Mas quando já ler possas os louvores 40
 Dos famosos heroes, e os grandes feitos
 De teu pae, quando conhecer já saibas
 A solida virtude, a pouco e pouco
 Louras espigas dourarão os campos,
 Os roxos cachos penderão das çarças,
 E o mel orvalhará dos rijos robles. 45
 Inda comtudo alguns escassos laivos
 Da velha fraude existirão, que obriguem
 Os homens a tentar co'as náos as ondas,
 A cercar as cidades de altos muros,
 E a pôr em movimento o curvo arado. 50
 Outro Tiphys virá, outra náos Argos,
 Qu'escolhidos barões conduza ovante.
 Surgirão novas guerras, e de novo
 Marchará para Troya o invicto Achilles.
 Quando depois á perfeição chegares 55
 Do ser humano em varonil idade,
 Não mais os nautas sulcarão os mares,
 Nem os pinheiros, de que as náos se formam,
 Mais viagens farão de porto a porto:
 Todos terão na sua terra tudo. 60
 Não mais soffrer ancinhos ha de o campo,
 Nem a vide o podão; já não carece
 De appôr ao jugo os bois robusto agricola.
 Os carneiros, pastando pelos prados,
 Darão por natureza ao proprio vello 65
 Da purpura e açafão as varias cores,
 Sem que precisem mais de alheias tintas:
 Espontaneo escarlate aos cordeirinhos
 Dará tambem seu brilho mal que nasçam.
 —«Correi seculos taes:»—assim as Parcás 70
 Concordes c'os destinos immutaveis
 Rudopiando os fuzos exclamaram.

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

29

O' tu dos deuses geração querida,
Grande renovo do potente Jove
Eis vem o tempo alfim, recebe as honras 75
Que t'esperam sublimes: vê o mundo,
Que em seu pêso convexo oscilla e nuta;
Olha esse ceo immenso, e o mar, e as terras,
Como tudo se alegra contemplando
A bella idade de ouro, que começa. 80
Oh! dure a minha vida, e possa a mente
Ajudar-me a cantar inda teus feitos!
O Tracio Orpheo não vencerá meus cantos,
Nem Lino, dê soccorro embora a este
Seu pae Apollo, e áquelle a mãe Calliope. 85
O proprio Pan, sendo juiz a Arcadia,
Se fôr comigo contender ant'ella,
O proprio Pan dirá perante a Arcadia
Que na contenda foi por mim vencido.
Vai, ó pequeno infante, conhecendo 90
No sorrir tua mãe; mãe, a quem déste
Dez mezes de trabalho e longo enjôo.
Ah! vai, pequeno infante: nao consentem
A' meza os deuses, nem no leito as deusas
Aquelle, a quem os paes se não sorriram. 95

ARGUMENTO DA ECLOGA QUINTA

A extensão um tanto mais longa, que demos ao argumento da Ecloga quarta, será compensada pela pouca, que julgamos necessario dar a esta da quinta. Houve, segundo o costume, entre os commentadores, o mesmo empenho de saber quem era o Daphnis, cujo necrologio aqui se descreve em versos tão harmoniosos e cheios de sentimento; afinal não se soube com certeza quem elle era. Fiquemos portanto em que Virgilio commemorou na quinta Ecloga a morte de um individuo, desconhecido para nós, a quem deu o pseudonymo de DAPHNIS. O anno preciso d'esta composição tambem se ignora e sabe-se unicamente que é posterior ás Eclogas segunda e terceira, porque assim o diz o poeta nos seus ultimos versos.

**** ECLOGA QUINTA ****

DAPHNIS

Menalcas, Mopso

MENALCAS

Já que n'este lugar nos encontramos
Eu versado no canto e tu na flauta,
Mopso, porque razão nos não sentamos
Entre estas avelleiras, cujas folhas
Quasi com as dos alamos se enredam?

5

MOPSO

Tu és mais velho que eu, e a ti, Menalcas,
Me cumpre obedecer. Ou descansemos
A' sombra d'estas arvores, que tremem
Co'as frouxas virações, ou antes vamos
Para a gruta, que alli se nos off'rece.
Olha como verdejam dentro n'ella
D'uvas agrestes pequeninos cachos!

10

MENALCAS

Nos nossos montes disputar-te a gloria
Pretende Amyntas só.

MOPSO

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Phebo?

15

- E como á voz dos nautas toda a praia
 «Hylas, Hylas» por longo tempo sóa. 70
 De Pasiphae o louco amor pranteia,
 Amor a um niveo touro! Quam ditosa,
 Se dos touros a raça nunca houvera!
 Pobre menina! ah! como endouceceste?!
 De Preto as filhas atroaram campos 75
 Com seus falsos mugidos, mas nenhuma
 A amores tão infames deu cabida
 Bem que temessem para o collo o jugo
 E sobre a lisa testa muitas vezes,
 Cuidando encontrar pontas, apalpassem. 80
 Pobre menina! Agora pelos montes
 Triste vagueias e elle, reclinando
 Sobre o molle jacyntho a branca ilharga,
 Descançado rumina as hervas pallidas
 Sob a azinheira escura, ou vai seguindo 85
 Entre a grande manada uma novilha.
 Cerrai, Dicteas Nynfas, cerrai prestes
 Dos bosque as sahidas; é possível
 Que d'este amado touro alguns vestigios
 Nossos olhos descubram; ai! quem sabe 90
 Se attrahido da relva, ou namorado
 De alguma vacca, apoz a grei caminha
 E aos apriscos Gortynios se recolhe?!
 Tambem canta a donzella deslumbrada
 Por Hesperideos pomos, e circunda 95
 As irmãs de Phaetonte com córteça
 Cheia de musgo e de amargueza e logo
 Em gigantescos alamos as muda.
 Canta depois como da Aonia aos montes
 Foi por uma das Musas conduzido 100
 Gallo, que juncto ás margens do Permesseo
 Andava errante; como o Phebeo coro
 Se ergueu, quando elle entrava, em signal d'honra;
 E como o pastor Lino, tendo ornada
 De flores a cabeça e d'aipo amargo 105
 Em linguagem divina lhe dissera:
 —«Esta flauta recebe, é dom das Musas,
 Já n'outro tempo o velho Ascrêo a teve;
 Quando soar a fazia os rijos freixos

Commovidos dos montes arrancava.	110
Com ella celebrar agora debes	
Do Gryneo bosque por tal arte a origem	
Que Apollo o estime sobre os bosques todos.»	
Que direi do que mais canta, seguindo	
A fama antiga, que narrava como	120
Scylla, filha de Niso, tendo em volta	
Dos candidos quadris cães esfaimados	
Cruelmente vexou as náos Dulichias	
Té sorver no profundo os nauas pavidos	
Dando-os aos mesmos cães por alimento,	125
Ou como de Terèo mudado em poupa	
Canta o fado infeliz, e os horrorosos	
Manjares, que lhe dava Philoméla!	
E como elle, fugindo para os bosques,	
Ao paterno aposento, onde nascera,	130
O derradeiro adeus disse voando!	
Sileno assim cantou tudo o que ontr'ora	
Ouvira já o afortunado Eurotas	
Cantar ao proprio Phebo, e que aos loureiros	
Ordenara aprender: do velho os cantos	135
Sobre os echos do valle aos ceos subiram.	
Mas a estrella da tarde, começando	
A fulgurar, mandava que os pastores	
Aos seus curraes as rezes recolhessem	
Depois de as ter contado; vinha a noute,	140
A qual o proprio Olympo não quizera	
Que d'esta vez tão rapida chegasse.	

MENALCAS

Eia, Mopso, começa. Ou saibas versos
 Aos amores de Phyllis alva e loura,
 Ou em louvor de Alcão, ou á contenda
 De Codro, do bom rei, começa. Emtanto
 Tityro cuidará dos nossos gados,
 Que na varia planicie andam pascendo. 20

MOPSO

Antes exp'rimenlar uns versos quero,
 Uns versos que são meus, que inda outro dia
 D'uma faia entalhei no verde tronco:
 Ora os ia escrevendo, ora entoando. 25
 Ouve, e dize depois ao fofa Amyntas
 Que ouse, que venha disputar-me o premio.

MENALCAS

Quanto o molle salgueiro ás oliveiras,
 Quanto o rasteiro arbusto d'alfazema
 Cede á belleza do rosal córado,
 Tanto, a meu parecer, te cede Amyntas. 30

MOPSO

Basta, mancebo. Já na gruta estamos.

—«Desgrenhadas as nymphas pranteavam
 De morte lastimosa extincto Daphnis:
 Vós fostes de seus ais, de seus lamentos 35
 Testemunhas, oh arvores, oh rios,
 Quando a pallida mãe, tendo nos braços
 O misero cadaver de seu filho,
 Cruéis aos ceos chamou, cruéis aos fados:
 N'aquelles dias ninguem houve, oh Daphnis, 40
 Ninguem, que fartos bois levasse ao rio;
 E quadrupede algum n'aquelles dias
 Não gostou agua, nem boliu na relva.

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

33

Té n' Africa os leões te deploraram; Dizem-no os montes, dizem-no as florestas.	45
Daphnis instituiu, mandou que o jugo Ao carro submettesse armenios tigres; Em hora a Baccho introduziu choreas, E a revestir de pampanos os thyrsos Ensinou aos pastores. Como as vides Trepando são das arvores adornos E adornos são da vide os prehes cachos; Como servem de pompa e de ufania As manadas o touro, ao campo as messes, Daphnis eras dos teus o amor e a gloria:	50 55
Depois que os fados negros te levaram Pallés e Apollo d'entre nós fugiram! Estas nossas campinas, que abundavam De barbadas espigas proveitosas Só brotam joio infesto, inúteis hervas. Surge o cardo mordaz, a çarça aguda Onde a molle violeta roxeava, E o purpureo narciso. O' vós pastores Mil folhas pela terra ides esparzindo As fontes assombraí co'a rama agreste Daphnis quer que a memoria assim lhe honrem. Um tumulo erigi, gravai-lhe em cima Estes saudosos versos:—Eu fui Daphnis Das selvas conhecido até aos astros, D'um bello gado guardador mais bello.»	60 65 70

MENALCAS

É, divino poeta, é o teu canto Suave para mim, como é suave O dormir sobre a relva aos fatigados, Ou qual ao encalmado, ao sequioso Matar a sêde em limpido regato, Que vai por entre seixos murmurando: A teu mestre és egual não só na flauta, Mas no verso e na voz. Feliz mancebo!	75
---	----

Tu lhe has de succeder no dom, na fama:
 Nós comtudo, pastor, como podermos 80
 Algum verso tambem soar faremos:
 N'elle ás estrellas ergueremos Daphnís,
 O teu Daphnis aos ceos irá com elle,
 Que Daphnis se dignou tambem de amar-nos.

MOPSO

Que prazer me darás maior, que ouvir-tel 85
 Daphnis é digno assumpto d'esses versos,
 E ouvi a Stimicon louval-os muito.

MENALCAS

—«Do Olympo as aureas portas extranhando
 Pasma em almo prazer o ingenuo Daphnis:
 Vê debaixo dos pés nuvens e estrellas. 90
 Eis a doce alegria occupa os bosques,
 Os valles, as montanhas, os pastores,
 O arcadio Pan, as driades donzellas;
 Nem o lobo ao rebanho insidias tece,
 Nem a rede traidora engana os cervos. 95
 Daphnis ama o socego. Intonsos montes
 Mil vozes de prazer soltaes vós mesmos!
 Proferem brando verso até rochedos,
 E o tremulo arvoredado está soando;
 Ménalcas, elle é deus!... E' deus!... oh Daphnis 100
 Sê benefico aos teus. Eis quatro altares;
 Eil-os dous para ti, dous para Phebo.
 Aqui te sagrarei todos os annos
 Dous vasos, em que espume o leite novo,
 Com outros dous tambem, nos quaes loureje 105
 Da placida oliveira o grato sumo.
 Baccho fervendo em prodigos banquetes
 Com fogoso prazer ha de despertar-nos,
 E á sombra no verão, no inverno ao lume

AS BUCÓLICAS DE VIRGILIO . 35

As taças encherei de Arvisio nectar: 110
A Dametas e Egon direi que entoem
Ledas canções, e os satyros saltantes
Ao leve Alphisibêo direi que imite.
Sempre serás por nós d'est'arte honrado,
Ou quando, amável Daphnis, consagreiros 120
Votos solemnes ás formosas nymphas,
Ou quando á roda dos hervosos campos
Co'as victimas andemos, como é uso.
Emquanto o javali na serra, emquanto
O peixe nadador folgar no rio 125
Emquanto de tomilho a loura abelha,
E de orvalho as cigarras se abastarem,
Hão de permanecer por estes montes
Teu nome, teu louvor, tua saudade.
Como a Ceres e Bacêho, os lavradores 130
Todos os annos te farão mil votos,
E obriga-os tu, se acaso os não cumprirem.»

MOPSO

Que premio te darei que valha os versos,
Os versos immortaes, que me encantaram? 135
Tanto austral viração me não recreia,
Nem d'um mar brando areias acoutadas,
Nem o susurro d'um arroio ameno,
Que serpecia entre valles pedregosos.

MENALCAS

Eu te hei de preceder nos donativos:
Aqui tens esta flauta; é ella, ó Mopso, 140
Quem fez com que eu cantasse aquelles versos:
—«O pastor Corydon, louco de amores
Pelo formoso Alexis suspirava.»

E os outros:—«Esse gado a quem pertence?
Talvez a Melibêo?»

MOPSO

Pois tu recebe

145

Este cajado: tem de bronze o conto,
E eguaes os nós. Antigens mil vezes
M'ó pediu (e era então credor de amar-se),
Mas, por mais que lidou, não pôde obtel-o.

ARGUMENTO DA ECLOGA SEXTA

Virgilio expõe n'esta Ecloga uma cosmogonia conforme ao systema de Epicuro, ainda que com o andar da idade parece que depois se inclinou ao systema de Pythagoras e de Platão; com a cosmogonia mistura algumas fabulas para embellezar o seu canto. Segundo os commentadores o poeta na pessoa de Sileno representa o philosopho Syron, que fôra seu mestre, e na dos pastores Chromis e Mnasillo se figura a si mesmo e a Varo, que fôra seu condiscipulo perante o referido mestre; quanto á nympha Egle parece entrar aqui como' adorno poetico.

Alguns commentadores quizeram que esta Ecloga fosse a primeira, que o poeta compoz, fundando-se nos dous primeiros versos d'ella; porém Virgilio com aquelle «Prima Syracosio, etc.» não quiz dizer que eram estes os primeiros versos Syracusanos, isto é, os primeiros versos imitados de Theocrito, que compunha, mas sim que fôra elle o primeiro, que em Roma imitára o poeta grego. A epoca, em que foi escripta ignora-se.

ECLOGA SEXTA

SILENO

Foi a minha Thalia a que primeiro
Brincando usou de Syracusio metro,
Sem que a vida campestre a envergonhasse;
Mas quando cantar quiz reis e batalhas
Cynthio puchou-me a orelha, e assim me disse: 5
—«Meu Tityro, convem que um pastor saiba
Ao pasto conduzir gordas ovelhas,
E dar aos cantos seus assumpto humilde.»
Vou pois agora ao som da tenue flauta
Tentar rusticos versos (já que, ó Varo, 10
Muitos cantar intentam teus louvores,
E as guerras sempre aos homens tão funestas):
Cousas não cantarei que um Deus não mande;
Se alguém houver que estes meus versos leia,
N'elles verá teu nome celebrarem 15
As nossas tamargueiras e arvoredos:
A Phebo não ha pagina mais grata,
Que essa, em que s'inscrever de Varo o nome.
Musas, vós m'inspirai.—Mnasilo e Chromis, 20
Ambos mancebos, a Sileno acharam
Dormindo em uma gruta, com as veias
Inchadas, como sempre, pelo effeito
Do vinho, que na vespera bebera;
Jaziam pela terra ao longe esparsas
Da cabeça as grinaldas sacudidas; 25
Pendia da aza gasta pelo tempo
Um grande cangirão. Já muitas vezes

- Os illudira o velho com promessas
 De versos, encontrando-o agora a geito
 Com as proprias grinaldas o ligaram: 30
 Vem de reforço aos tímidos mancebos
 Egle por companheira, Egle das Naiades
 A mais formosa, e logo com amoras
 Ao já desperto velho a testa e as fontes
 Pinta de côr sanguinea: elle então rindo-se 35
 Do dolo juvenil, lhes diz: —«Rapazes,
 Porque assim me enlaçaes? Eia, soltai-me,
 Assaz foi que podesseis surprender-me.
 Ovi os versos, que quereis; os versos 40
 São para vós; terá Egle outro premio.»
 Isto dizendo, o canto principia.
 —Ao som da sua voz, leitor, tu viras
 A compasso dançar Faunos e feras,
 Balançar-se cadentes dos carvalhos
 Duros as altas pontas: nem a rocha 45
 Parnassia folga mais de ouvir a Phebo,
 Nem mais por Orpheo pasma o Ismaro e o Rhodope.
 Cantava como no vasio immenso
 Os atomos dispersos se ajunctaram
 Dando o primeiro ser ao ar, e á terra, 50
 Ao mar, e ao fogo puro, e como d'elles
 Origem teve a criação inteira
 E foi crescendo em consistencia o globo.
 Como depois a terra em massa sólida
 Se tornou, como as aguas, que a inundavam 55
 Se guardaram no mar, e a pouco e pouco
 A materia tomou fórmãs diversas.
 Como do novo sol o folgor enche
 D'admiração o mundo, e como as nuvens,
 Subindo ás altas regiões dos ares 60
 Desfeitas em chuveiros de lá cáem.
 Como a surgir os bosques começaram,
 E como pelos montes não sabidos
 Vagam as alimarias inda raras.
 Por Pyrrha as remessadas pedras canta, 65
 O Saturnio reinado, o furto feito
 Por Prometheo, do Caucaso os abutres.
 Mais canta Hylas deixando junto á fonte,

E como á voz dos nautas toda a praia «Hylas, Hylas» por longo tempo sôa.	70
De Pasiphae o louco amor pranteia, Amor a um niveo touro! Quam ditosa, Se dos touros a raça nunca houvera! Pobre menina! ah! como endoudeceste?!	75
De Preto as filhas atroaram campos Com seus falsos mugidos, mas nenhuma A amores tão infames deu cabida Bem que temessem para o collo o jugo E sobre a lisa testa muitas vezes, Cuidando encontrar pontas, apalpassem.	80
Pobre menina! Agora pelos montes Triste vagueias e elle, reclinando Sobre o molle jacyntho a branca ilharga, Descançado rumina as hervas pallidas Sob a azinheira escura, ou vai seguindo Entre a grande manada uma novilha.	85
Cerrai, Dicteas Nynfas, cerrai prestes Dos bosque as sahidas; é possível Que d'este amado touro alguns vestigios Nossos olhos descubram; ai! quem sabe Se attrahido da relva, ou namorado De alguma vacca, apoz a grei caminha E aos apriscos Gortynios se recolhe?!	90
Tambem canta a donzella deslumbrada Por Hesperideos pomos, e circumda As irmãs de Phaetonte com córtiça Cheia de musgo e de amargueza e logo Em gigantescos alamos as muda.	95
Canta depois como da Aonia aos montes Foi por uma das Musas conduzido Gallo, que juncto ás margens do Permesseo Andava errante; como o Phebeo coro Se ergueu, quando elle entrava, em signal d'honra;	100
E como o pastor Lino, tendo ornada De flores a cabeça e d'aipo amargo Em linguagem divina lhe dissera: —«Esta flauta recebe, é dom das Musas, Já n'outro tempo o velho Ascreo a teve; Quando soar a fazia os rijos freixos	105

Commovidos dos montes arrancava.	110
Com ella celebrar agoia debes	
Do Gryneo bosque por tal arte a origem	
Que Apollo o estime sobre os bosques todos.»	
Que direi do que mais canta, seguindo	
A fama antiga, que narrava como	120
Seylla, filha de Niso, tendo em volta	
Dos candidos quadris cães esfaimados	
Cruelmente vexou as náos Dulichias	
Té sorver no profundo os nauias pavidos	
Dandq-os aos mesmos cães por alimento,	125
Ou como de Terèo mudado em poupa	
Canta o fado infeliz, e os horrorosos	
Manjares, que lhe dava Philoméla!	
E como elle, fugindo para os bosques,	
Ao paterno aposento, onde nascera,	130
O derradeiro adens disse voando!	
Sileno assim cantou tudo o que ontr'ora	
Ouvira já o afortunado Eurotas	
Cantar ao proprio Phebo, e que aos loureiros	
Ordenara aprender: do velho os cantos	135
Sobre os echos do valle aos ceos subiram.	
Mas a estrella da tarde, começando	
A fulgarar, mandava que os pastores	
Aos seus curraes as rezes recolhessem	
Depois de as ter contado; vinha a noute,	140
A qual o proprio Olympo não quizera	
Que d'esta vez tão rapida chegasse.	

ARGUMENTO DA ECLOGA SEXTA

Esta Ecloga é do genero amebeo, como a terceira; quem a narra é o pastor Melibeo, que conjunctamente com o pastor Daphnis presidiu e foi juiz da contenda, a qual teve logar entre os pastores Thyrsis e Corydon. Não se pôde saber com certeza o tempo, em que foi escripta, nem a quem allude o poeta nas pessoas dos pastores, que representa; só se sabe por se ver que é uma pronuncia-da imitação do oitavo Idyllio de Theocrito.

ECLOGA SETIMA

MELIBEO

Melibeo, Corydon, Thyrsis

MELIBEO

De sonora azinheira á sombra um dia
Acaso o pastor Daphnis se assentara:
Thyrsis e Corydon levado tinham
Para o mesmo logar as greis unidas,
Corydon suas não mungidas cabras, 5
Suas ovelhas Thyrsis; ambos eram
De florecente idade, Arcades ambos,
Eguaes no canto, e na resposta promptos.
Aqui, enquanto busco a tenra murta
Da neve resguardar, se me desgarrá 10
O bode conductor: então avisto
A Daphnis, que de longe me bradava:
—«Anda cá, Melibeo, não te demores,
Está salvo o teu capro e os teus cabritos;
Anda, se tempo tens, gozar da sombra; 15
Aqui virá por cima d'estes prados
O teu gado beber; aqui as margens
Borda brando juncal ao verde Mincio,
E sobre o sacro roble enxames zumbem.»
Que podia eu fazer! Não tinha em casa 20
Nem Alcippe, nem Phyllis, que os meus anhos

Desmamados guardasse, ia com Thyrsis
 Travar-se Corydon em grão certame,
 Resolvi-me a deixar amanhos propios
 Para assistir ao passatempo alheio. 25
 Então os dous com alternados versos
 A contender entr'ambos começaram;
 D'est'arte aprouve ás Musas que cantassem
 Primeiro Corydon, Thyrsis seguindo-o.

CORYDON

O' Nynfas de Libethra, que amo tanto, 30
 Ou canções m'inspirai, quaes ao meu Codro
 As tendes inspirado (elle faz versos
 Quasi como os de Phebo), ou se esta graça
 De vós haver não posso, aqui penduro
 No sacro pinho a flauta sonora. 35

THYRSIS

Coroai d'hera, Arcadicos pastores,
 O vate novo, que se vai formando,
 E rebentem d'inveja a Codro as visceras;
 Mas se elle, a pezar meu, me louva, ornai-me 40
 De nardo a testa, porque tão má lingua
 Ao futuro cantor não lamba a gloria.

CORYDON

De um javali cerdoso esta cabeça
 E de um cervo vivaz galhudas pontas
 O pequeno Micon t'offerta, ó Delia.
 Se o dom de caçador feliz me outorgas 45
 Busto terás de marmore pulido
 Com burzeguins puniceos adornado.

THYRSIS

Basta, Priápo, que eu te dê cad'anno
 Bolos das libações, do leite um cantaro;
 Da horta, de que és guarda, a inopia sabes. 50

Mas se até 'gora só marmorea estatua
Te pude dedicar, t'a darci d'ouro
Logo que as rezes no rebanho avultem.

CORYDON

O' filha de Nerco, ó Galatea,
Mais doce para mim, que o Hybleo tomilho, 55
Mais candida que os cysnes, mais formosa
Que a hera branca, se te merece algo
Ó teu Corydon, vem, quando aos apristos
Os touros já bem fartos se acolherem.

THYRSIS

Mais, que herva Sarda, eu te pareça amargo, 60
Máis, que a gilbarbeira aspera, pungente,
Mais vil que o vil sargaço, se no dia
Que te não vejo um anno não contemplo.
Ide, novillos, ide para casa,
Envergonhai-vos de um pastar tão longo. 65

CORYDON

Musgosas fontes, relva, que convidas
Á' meiga sésta, e tu, ó medronheiro,
Que lhes das sombra com as folhas raras,
Amparai do solsticio as minha rezes;
Já vem o ardente estio, já na parra 70
De viço cheia os rebentões pullulam.

THYRSIS

Fogo no lar, e resinosas achas
Aqui ha sempre, e as portas s'ennegrecem
Pelo fumo continuo. Aqui tememos

Tanto o rigor do Boreas desabrido, 75
 Quanto a um rancho de ovelhas teme o lobo,
 Ou o rapido rio ás margens suas.

CORYDON

Temos zimbros aqui, temos castanhas
 Quriçudas, e a terra assaz juncada
 De pomos varios sob as varias arvores; 80
 Tudo prazer respira, mas se o bello
 Alexis se ausentar d'estes outeiros
 Verás os proprios rios como seccam.

THYRSIS

Arido o campo está, de sêde morrem
 Aservas de ar pestifero sopradas; 85
 Rouba aos montes Liêo, a parra umbrosa,
 Mas se Phyllis vier eis n'um instante
 Reverdecem os bosques, e com chuvas
 Alegres sobre os campos desce Jove.

CORYDON

E' gratissimo o choupo ao grande Alcides, 90
 A Baccho a vide, o myrtho á linda Venus
 E o seu loureiro a Phebo; á gentil Phyllis
 Mais a aveleira agradã, e, pois lhe agrada.
 Não póde myrtho haver, nem Phebéo louro,
 Que da aveleira o credito supêre. 95

THYRSIS

E' nos bosques o freixo formosissimo,
 Nos jardins o pinheiro, sobre as margens
 Do rio o choupo, na montanha o abêto;
 Mas, se tu, bello Lycidas, vieres

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

47

**Muitas vezes a ver-me, ha de nos bosques
Ceder-te o freixo, e nos jardins o pinho.**

100

MELIBEO

**D'estes versos me lembro, e de que Thyrsis
Em seu vão porfiar vencido fôra.
Desde esse tempo a Corydon estimo
Pelo que Corydon merece e vale.**

105

ARGUMENTO DA ECLOGA OITAVA.

Esta Ecloga é quasi uma traducção dos Idyllios terceiro e segundo de Theocrito: e dividida em duas partes, sendo a primeira cantada pelo pastor Damon, e a segunda pelo pastor Alphisibéo, mas nenhum d'elles canta em seu nome, porque o primeiro falla em nome ou na pessoa do noivo abandonado, e o segundo na da feiticeira. E' dedicada a Pollion, e não a Augusto, como alguns suppozeram. Foi composta no anno 715 da fundação de Roma, tendo Virgilio trinta e um annos de idade.

ECLOGA OITAVA

PHARMACEUTRIA

Damon, Alphisibêo

Os versos, que cantaram os pastores
Damon e Alphisibêo, versos, que ouvindo-os
As novilhas do pasto s'esqueceram,
Os lynces como attonitos pasmaram,
E o proprio curso os rios detiveram! 5
Os versos, que cantaram os pastores
Damon e Alphisibêo diremos hoje.
Presta-me o teu favor, guerreiro illustre,
Quer do Timavo as rochas ultrapasses,
Quer do Illyrico mar a costa sulques. 10
Nunca um dia virá, no qual me seja
Narrar teos altos feitos permittido?
No qual me seja dado ir espalhando
Por toda a parte os versos teus sós dignos
Do Sophocleo cothurno? Em ti meu canto 15
Teve principio, é bem que em ti feneça.
Os versos por teu mando começados
Benigno acccita, e soffre que s'enlacem
Qual hera com os louros do triumpho,
Que a vencedora fronte te engrinaldám. 20
Mal do ceo se apartava a sombra fria
Da noute, quando sobre a relva tenra
Agrada ao gado tanto o orvalho doce
Cantou Damon d'est'arte, recostado
De roliça oliveira ao liso tronco. 25

DAMON

Nasce, estrella gentil da madrugada,
 Vem trazer-nos depressa o claro dia,
 Enquanto eu choro o engano e amor indigno
 De Nise, qu'esposei, e bem que aos deuses
 Por testemunhas invoquei de balde, 30
 Da vida á hora extrema inda os invoco.
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa.
 Sempre o Menalo tem bosques sonoros,
 Tem loquazes pinheiros, ouve sempre 35
 As canções pastoris dos amadores,
 E a Pan, que d'entre todos o primeiro
 Não consentiu dos calamos a inercia.
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa. 40
 Nise a Mopso se dá, vendo horror tanto!
 Qu'esperar nós amantes não podemos?!
 Hão de jungir-se gryphos com cavallos
 E na futura idade á mesma fonte 45
 Irao beber os cães e os gamos timidos.
 Corta novos archotes prompto, ó Mopso,
 Mulher vais ter; marido espalha as nozes,
 Por ti o Hespero deixa ao monte Oéta.
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa. 50
 E tu, casada com tão digno esposo!
 Tu, que a todos desprezas, que aborreces
 A minha flauta e cabras, e esta barba
 Comprida, intonsa, e hirsutas sobrançellas,
 Crês que sobre os mortaes um deos não vela?! 55
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa.
 Em pequena te vi nas nossas hortas
 Com tua mãe colhendo (eu era o guia)
 Os pomos orvalhados; tinha apenas 60
 Doze annos eu d'idade, e já podia
 Do chão chegar co'a mão aos debcis ramos.
 Ver-te e morrer d'amor foi um instante!

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

51

- Turbou-me erro fatal alma e sentidos!
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo, 65
 Versos Menalios a entoar começa.
 Quem seja amor sei hoje: entre os rochedos
 Do Rhódope, ou do Ismaro gerado,
 Ou entre os Garamantes moradores 70
 Lá nos confus da terra, este menino
 Do nosso sangue e raça é mõi diverso.
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa.
 Fez o cruel amor com que dos filhos
 No sangue a propria mãe as mãos manchasse! 75
 Barbara foste, ó mãe, mas por ventura
 O foste mais que amor? Ambos o fostes;
 malvado o amor, malvada tu como elle.
 Começa, ó minha flauta, aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa. 80
 O lobo por vontade d'ora avante
 Fuja ás ovelhas, aureos pomos crie
 O roble duro, ou alamos se adornem
 Com florentes narcisós, ambar suem
 Oleoso pela casca as tamargueiras, 85
 Travem contenda cysnes com corujas,
 Tityro emúle a Orpheo, se em hosques vive,
 Se entre delphins viver a Arion emúle.
 Começa, ó minha flauta aqui comigo,
 Versos Menalios a entoar começa. 90
 Tudo se torne em mar: selvas embora
 Ficai, adeos; d'est'alto monte ás ondas
 Precipitar-me vou, de um moribundo
 O dom guardai, extremo dom é este.
 Cessa, é já tempo, cessa, ó minha flauta, 95
 Menalios versos de entoar comigo.
 —Assim cantou Damon, dizei agora
 D'Alphesibéo qual a resposta, ó Musas,
 Todos podêrem tudo é impossivel.

ALPHESIBEO

- Traze, Amaryllis, agua, e aparelha 100
 Prestes com molles fitas os altares,

- Queima a gorda verbena, e o macho incenso:
 Quero ver se com ritos de magia
 Do meu consorte a fria temp'ra mudo. 105
 Agora as canções sacras só me faltam.
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis,
 Podem canções roubar do ceo a lua,
 Com canções mudou Circe Ullysseos socios,
 Com ellas entre a relva a cobra estoura. 110
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Com tres diversos liços tricolores
 Vou circumdar primciro a tua imagem,
 Irei depois com ella andar em torno 120
 Ao altar por tres vezes; muito agrada
 O numero não par ao deos de agouros.
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Ata, Amaryllis, com tres nós os fios 125
 De triple côr: prompta, Amaryllis, ata-os,
 E diz:—«eu as prisoes ligo de Venus».
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Assim como em um só e o mesmo fogo 130
 Se endure o barro, e a cera se derrete,
 Assim do meu amor se sinta Daphnis.
 Esparge o bolo, e com betume accende
 Este loureiro fragil: o malvado
 Daphis me abrasa, eu queimo-o n'este louro. 135
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Qual a novilha, que, buscando o touro,
 Por bosques e por combros elevados,
 Causada e já perdida se recosta 140
 Sobre verde paul do rio á margem
 Sem que a noute os apriscos lhe recorde,
 Tal em amor por mim Daphnis s'inflamme
 Nem eu pense jámais em dar-lhe a cura.
 Trazei, minhas canções, lá da cidade, 145
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Estes despojos, que em peuhor querido

Me deixara de si outr'ora o perfido,
 Aqui no liminar de casa, ó terra,
 Ao teu scio os entrego; estes despojos 150
 Devem restituir-me o ausente Daphnis.
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Estas hervas me deu, e estes venenos
 Collidos lá no Ponto o proprio Meris: 155
 Nascem muitos no Ponto, eu vi com elles
 Mudar-se muita vez Meris em lobo,
 E entranhar-se nas brenhas; dos sepulchros
 Vi-o evocar as almas dos finados,
 Vi-o tambem as messes já maduras 160
 Mudar de um campo ao outro em um instante.
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis.
 Leva, Amaryllis, estas cinzas fóra,
 Por cima da cabeça ao rio as lança, 165
 Nem olhes para traz; farei com ellas
 Encantos, que empecer a Daphnis possam,
 Já que em nada elle tem canções e deuses,
 Trazei, minhas canções, lá da cidade,
 Trazei depressa para casa a Daphnis. 170
 Repara: incendiou com chammas tremulas
 Ao altar esta cinza por si mesma;
 O que é não sei, que seja um bem desejo.
 Lá se ouve Hilaz á porta estar ladando.
 Posso crêl-o? Serão sonhos de amante?! 175
 Cessai, minhas canções, eis da cidade,
 Cessai, minhas canções, eis chega Daphnis.

ARGUMENTO DA ECLOGA NONA

Virgílio na occasião, em que se repartiram os campos Mantuanos pelos veteranos de Augusto, foi perseguido e maltractado por um centurião, a quem fôra dada a sua propriedade, e para escapar uma vez á morte viu-se obrigado a passar o Mincio a nado, e logo em seguida a partir para Roma a fim de alcançar a protecção de Augusto por meio dos seus amigos d'elle Virgílio, e validos do Triumviro, que eram Mecenas, Varo, e Pollion. Por esta occasião deixou na sua casa uma especie de administrador, que é o que se deisgna pelo nome de Meris; Lycidas é outro pastor, que com Meris se encontra no caminho de Mantua, e Menulcas é o proprio Virgílio.

Esta Ecloga foi escripta ou logo depois da primeira denominada Tityro, ou mesmo antes d'esta, mas muito proxima a ella, ao que nada se oppõe.

ECLOGA NONA

MERIS

Lycidas, Meris

LYCIDAS

Onde te levam os teus pés, ó Meris,
Por ventura á cidade? A estrada é esta.

MERIS

Assaz se prolongou nossa existencia,
Licydas, para ouvirmos um estranho
D'estes campos senhor (quem tal temera!), 5
Dizer-nos orgulhoso:—«E' minha a terra,
Ide-vos sóra d'ella, antigos donos!»
Agora, pois que a sorte altera tudo,
Abatidos e tristes lhe offertamos
Estes cabritos, que oxalá o empestem. 10

LYCIDAS

Mas eu ouvi cantar que o teu Menalca
Por meio dos seus versos conservara
Inteira a herdade, desde o sitio, d'onde
Começam a abaixar-se aquelles combros
Em suave ladeira até ao rio 15
E até ás velhas faias despontadas.

MERIS

Ouviste-o contar, sim, foi essa a fama,
 Mas valem nossos versos tanto, ó Lycidas,
 Entre os dardos de Marte, quanto valem
 Pombas Chaónias sobre vindo as aguias. 20
 Se em carcomido azinho á parte esquerda
 Grasnando a gralha aviso me não déra
 De evitar novas rixas, nem Menalcas
 Nem o teu Meris vivos já seriam.

LYCIDAS

Oh ceos! Tanta maldade em peitos d'homens! 25
 E podia, ó Menalcas, ser contigo
 Toda a nossa gloria assim roubada?
 Quem cantaria as Nyntas? Quem a terra
 De florecenteservas juncaria?
 Quem saberia dar ás nossas fontes 30
 Com verdejantes ramos fresca sombra?
 Quem comporia aquelles lindos versos,
 Que te aprendi de cór sem que o soubesses,
 Quando d'aqui ha pouco te asentavas,
 Para Amaryllis ver delicias nossas? 35
 —«Ate que eu volte, e a ausencia será breve;
 Tityro, estas cabrinhas guia ao pasto,
 Leva-as depois ao lago porque bebam,
 E ólho sempre no bode, é dos qu'escornam.»

MERIS

Eu gósto mais dos versos, que Menalcas 40
 Cantou a Varo, embora não polidos:
 —«Teu nome, ó Varo, os sonorosos cysnes
 Sublimarão aos astros se nos salvas
 A nossa Mantua... a nossa pobre Mantua
 Por desgraça a Cremona tão visinha.» 45

LYCIDAS

Assim os teus enxames se defendam
 Do teixo corso, assim as vaccas tuas
 Nutridas de codêço os ubres tragam
 De leite a rebentar, com tanto, ó Meris,
 Que se alguma canção te lembra, a cantes. 50
 Também poeta as Musas me crearam,
 Também tenho canções, também me chamam
 Vate os pastores, bem que os eu não creia.
 sim, versos nunca fiz, que dignos fossem
 De Varo, nem de Cinna, antes pareço 55
 Ganso rouquenho entre canoros cysnes.

MERIS

De mim o mesmo eu digo: vou agora
 Revocar á lembrança umas cantigas,
 Que não são desprezíveis; ouve-as, Lycidas:
 — «Galatea, anda cá, prazer nas aguas 60
 Qual podes encontrar? Aqui purpurea
 A primavera reina, aqui a terra
 De variegadas flôres borda os rios,
 Aqui o branco choupo as grutas cobre,
 Aqui tece a parreira fresca sombra. 65
 Galatea, anda cá, deixa que as vagas
 A furia insana contra a praia empenhem.»

LYCIDAS

E os versos, que sósinho em bella noute
 Cantaste e eu te ouvi? Porque os não cantas?
 Lembra-me o estillo, esquecem-me as palavras. 70

MERIS

— «Daphnis, que admiras tu quando contemplos
 O nascimento de antigos signos?
 Vê de Cesar Dionêo como se eleva
 Nos ceos a estrella, estrella, a cujo aceno

Jubilosas as messes fructificam, 75
 E as uvas nos outeiros se colóram.
 Pereiras enxerta, ó Daphnis, teus netos
 Hão de as peras colhêr, que tu lhes crias. »
 Os annos gastam tudo, até o espirito!
 Lembra-me que passei dias inteiros 80
 Repetindo canções quando era moço;
 Mas hoje da memoria ellas me fogem,
 A propria voz a Meris desampara!
 A Meris algum lobo viu primeiro!
 Tens comtudo de ouvir inda Menalcas 85
 Estes versos cantar por muitas vezes.

LYCIDAS

Vãos pretextos são esses, com que buscas
 Meu prazer d'escutar-te ir differindo.
 Attenta como o rio por ouvir-te (*)
 Silencio guarda, e como as proprias auras 90
 Nem mesmo em brando ciciar respiram:
 Temos meio caminho, já começa
 De Biamor o sepulcro a descobrir-se.
 Aqui, onde os agricolas desbastam
 A folha espessa, aqui, Meris, cantemos. 95
 Poe no chao os cabritos, á cidade
 Chegaremos a tempo, e se temermos
 Que nos apanhe a chuva ao vir a noute,
 Andemos, mas cantando, porque menos
 Nos enfade a jornada; esses cabritos 100
 Eu levarei, poupando-te ao seu péso.

MERIS

Deixa, menino, mais canções façamos,
 O que convém agora; cantaremos
 Então melhor quando chegar Menalcas.

(*) Veja-se a nota da Ecloga segunda, verso 39.

ARGUMENTO DA ECLOGA DECIMA

Virgilio dedica esta sua ultima Ecloga a Gallo, general de Augusto, e amigo do nosso poeta; parece que este se morria de amores por Lycoris, que era uma actriz do theatro da pantomima, a qual o deixou por outro general, que muitos querem seja Marco Antonio. Sabe-se que foi a ultima, que o poeta compôz, como elle proprio affirma, porém não se sabe em que anno, porque, se com effeito é Marco Antonio o amante preferido por Lycoris, de quem se falla, então a Ecloga deve ter sido escripta muitos annos depois de acontecido o facto, que commemora; é tirada em grande parte do Idyllio primeiro de Theocrito, embora accommodada a pessoas differentes.

ECLOGA DECIMA

GALLO

Concede-me, Arethusa, qu'inda eu possa
Levar ao fim este ultimo trabalho.
Ao meu querido Gallo versos poucos
Comporei, que Lycoris feia um dia.
E haverá quem recuse a Gallo versos? 5
Assim Doris salgada não misture
Comtigo as suas aguas quando corres
Por debaixo do mar Siciliano.
Começa tu: cantemos os amores
Afanosos do Gallo emquanto as tenras 10
Vergontas dos arbustos vão tozando
As nari-rombas cabras: não cantamos
A surdos, pois que as selvas nos respondem.
Que florestas, ó Naiades, que bosques
Vos esconderam n'outro tempo quando 15
Do mais indigno amor Gallo morria?
Não foi de certo o Pindo, ou o Parnasso
Quem vos reteve, ou Aganippe Aonia.
Então choraram-no urzes e loureiros;
O pinifero Ménalo e os penedos 20
Do nevoso Lyceo tambem choraram
Quando o viram a sós co'a magoa sua
O refugio buscar d'erma caverna.
As ovelhas em volta não se pejam

De nós, do nosso amor, nem tu te pejes Do pastoril mester, divo poeta. Já rebanhos guiou por juncto aos rios Sem ter d'isso algum pejo o bello Adonis. Alli veio o ovelheiro, alli vieram Os morosos boieiros e Menalcas Das bolotas hiemais inda molhado	25 30
D'onde este amor uasceu todos perguntam. Chega Apollo e te diz:—«Porque deliras, Essa Lycoris, Gallo, em quem só pensas, De gelos através lá foi seguindo E de arraiacs medonhos outro amante.» Chegam tambem alli Silvano, tendo A cabeça adornada com enfeites De compostura agreste, e sacudindo Grandes lirios, e flores canafrechas.	35 40
Afinal chegou Pan, o deos da Arcadia, Nós o vimos, que o rosto pinto tinha De vermelhão e d'ebulo sanguineo. —«Quando ha de isto acabar? (diz) amor zomba D'estas paixões; amor cruel, que nunca De dolorosas lagrimas se farta Qual nunca se sacia d'agua o prado, De folha a cabra, e de codêço a abelha.» Mas Gallo suspirando assim responde: —«O' Arcades, cantai aos vossos montes Estes amores meus; só vós sois proprios Para cantar, ó Arcades. Quam doce Mansão dará o tumulo a meus ossos Se vós com vossas flautas algum dia Estes amores celebrar quizerdes.	45 50 55
Ah, quem me déra que um de vós eu fosse, Ou pastorando pelo campo os gados Ou as uvas maduras vindimando. Phyllis, Amyntas, ou qualquer ainda Outro amor meu, comigo aqui se achara Sob a fragil parreira entre os salgueiros (Pouco importa a côr fusca de Amyntas: As violetas são negras e os arandos). Festões me colheria a gentil Phyllis, Amyntas brandos versos cantaria;	60 65

Temos aqui, Lycoris, frescas fontes, Temos prados amenos, temos bosques, Inteira a minha vida aqui te déra. Agora o insano amor por causa tua Me enche de horror e susto apresentando-me Do duro Marte as armas e as batalhas. Tu vais longe da patria (crêl-o eu posso?), Ingrata, atravessar neves Alpinas E do rapido Rheno os caramelos Sem mim, sósinha! Ah, frios te não tólham, Teus brandos pés não fira o gelo agudo. Do Siculo pastor irei na flauta Modular as canções, que n'outro tempo Já traduzi do Chalcidense verso; Quero antes padecer, passar a vida Juncto aos covis das feras entre as brenhas, Gravando o meu amor nas tenras arvores: Ellas irão crescendo, ireis crescendo Vós com ellas'tambem, ó meus amores. Socio das Nynfas correrei o Ménalo, A' caça irei dos javalis ferozes Nenhum frio haverá, que m'embarace De bater com meus cães Parthenias mattas. Já me vejo a caminho por fraguedos E por bosques sonoros, já me agrada D'arco Partho lançar Cydonia frecha; Como se o meu furor assim curasse, Ou se o nume cruel quizesse um dia Aprender compaixão de humanas dôres. Mas já sentindo vou que me desgostam Hamadryades, já versos me aborrecem. Segunda vez vos digo adeus, ó selvas, Nada alcançar d'amor meus males podem, Nem se eu bebesse as aguas congeladas Do Thacio Ebro, ou no rigor do inverno Atravessasse as neves da Sithonia, Nem quando fosse apascentar ovelhas Ethiopicas de Cancer sob o signo Na estação, em que o sol abraza ardente Dos altos olmos a torrada casca A tudo vence amor, a amor cedamos.»	70 75 80 85 90 95 100 105
---	--

AS BUCOLICAS DE VIRGILIO

63

Não mais, deosas, não mais, basta que o vosso
Poeta haja cantado estas cantigas

Sentado á sombra emquanto foi tecendo

De tenue malvaisco uma cestinha;

110

Vós as engrandecei diante de Gallo,

De Gallo, cujo amor todas as horas

Cresce em meu peito tanto, quanto crescem

Na fresca primavera os verdes alamos.

Vamos d'aqui, faz mal cantar á sombra,

115

E esta de zimbro é mais nociva ainda;

Até ás proprias messes damna a sombra,

Ide ao curral, cabrinhas, ide fartas,

Não tarda a luzir Vesper, chega a noute.

FIM DAS BUCOLICAS DE VIRGILIO

ATREO E THIESTES

TRAGEDIA

EM CINCO ACTOS

INTERLOCUTORES

ATREO—Rei d'Argos.

THIESTES—seu irmão, Rei de Mycenae.

HIPPODAMIA—mãe dos dous, viuva de Pélope.

PALAMEDES—Archonte, aio d'Atreo, e de Thiestes.

IDAMANTE—Archonte.

EIONE—General, e confidente d'Atreo.

CERANNO—Official do exercito d'Atreo.

CEFISA—confidente de Hippodamia.

ARCHONTES—um **SOLDADO**—**GUARDAS** e **Povo**, que não fallam.

A Scena se representa em Argos, no Palacio de Atreo. O primeiro, terceiro, quarto e quinto actos, em uma sala commum: o segundo no aposento particular da Rainha.

ATREO E THIESTES

TRAGEDIA

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

ATREO, EIONEIO

EIONEIO

Promptas para marchar, Senhor, as tropas,
Tuas ordens supremas só aguardam:
Os chefes e os soldados á porfia
Juram verter por teu amor seu sangue.

ATREO

Fazem o seu dever: são meus vassallos,
Vingando a minha injúria, a si se vingam.
Mas dize-me, Eioneio, tens escutado
Pela cidade o popular discurso?
Approvação geral merece a guerra?
Ou ha quem atrevido se levante
Contra a justiça de tão santa causa?
Não temas offender-me; tudo conta.

EIONEIO

A verdade em meus labios sempre assiste;
E fallando ao meu Rei, qu'infame eu fôra,

Se occultal-a tentasse! A voz unanime
 E' de todos, Senhor, qu'alta vingança
 Deves tirar da recebida affronta;
 E se permittes, qu'um teu servo humilde
 Seus pensamentos livremente exponha,
 Ousarei condemnar tanta bondade
 D'esse teu coração! Tu, generoso
 Demeraste annos tres justo castigo
 D'horrerosa maldade! Se Thiestes
 Recebesse de ti igual injuria,
 Nao te poupara tanto!

ATREO

A lealdade,
 Com que me tens servido, não merece,
 Qu'il odido te deixe. Não; não penses,
 Qu'a vingança até'gora differida
 Foi por bondade minha; essa bondade
 Era fraqueza tal, que s'um momento
 D'ella eu fôsse capaz, não me julgara
 Digno do sceptro d'Argos; a politica,
 Da cabeça do réo, é quem sómente,
 O raio vingador tem desviado.
 Sabes, que meu Irmão audaz tentava,
 Mal Pélope morreu, em succeder-lhe;
 Qu'entre o povo, e os archontes tinha séquito;
 E que mesmo a rainha em protegel-o
 Se mostrava empenhada; necessario
 Me foi ceder ao tempo, e aos destinos;
 Consenti que Thiestes occupasse
 De Mycenae o throno: eu não sabia
 Ainda então, que nos ingratos peitos
 Todo o favor se perde; elles tem pejo
 D'amar seu bemfeitor, não d'ultrajal-o.
 Também te lembrarás..., lembrança horrivel!
 Qu'entre as jovens princezas d'esse tempo
 Primava em perfeições e formosura
 A filha d'Eurystheo: quam viva chamma
 Sentiu d'amor meu coração por ella!

Chegava al-fim a hora, em que devia
 Minha honesta affeição ser premiada.
 Já tudo estava prestes, já no templo
 O nupcial cortejo entrado tinha:
 Thiestes assistia; o vil Thiestes
 Traidor ás leis do sangue, e da virtude,
 Só d'ignobeis paixões sequaz infréne
 Diante do proprio altar roubou-me a esposa!!
 Tu o viste, Eioneo; fiquei immovel;
 Tão atrevida acção não esperando!
 Tal, como um passageiro ficaria,
 Que sobre a relva tenra descansando
 Ao conforto d'um brando somno entregue
 De repente acordasse ouvindo os silvos
 De uma serpe medonha, que em meandros
 Rápidos, pavorosos, o assaltava!
 O delicto punir logo alli mesmo
 Possivel me não foi. D'est'arte o perfido
 A salvo s'escapou, talvez zomhando
 De meu cruel pezar. Oh! nunca... nunca...
 Dos infernos sahio vapor tão negro,
 Como aquelle, qu'então dentro no peito,
 Mal, que tornei a mim, senti calar-me!
 Corri pela cidade, como louco,
 Quiz seguir o traidor, mas era tarde!
 Que luctuoso dia! Desmaiada
 Pareceu com tal crime a natureza!
 Pensando em fim melhor, voltei ao Paço
 Resolvido em vingar-me a todo o trance.
 O furor do perverso aproveitou-me;
 A Rainha, que sempre o defendera,
 Ressentida contr'elle, deu-me auxilio;
 O povo a meu favor pegou nas armas;
 Proxima a guerra estava quando o monstro
 Temeroso dos males, qu'elle proprio
 Chamara sobre si, cedeu cobarde,
 Sujeitando-se á paz, que eu lhe dictasse.
 Esquivo recebi sua embaixada;
 Mas a Rainha, a quem com vis affagos
 Tem sabido o malvado enganar sempre,
 Oppoz-se ao meu desejo; então de novo

A transigir m'obriga essa política,
 Inimiga tenaz dos Reys, dos Povos,
 Qu'os objectos mais caros tantas vezes
 Faz postergar, e trabalhando occulta,
 Ganha, como um ladrao força nas trevas!
 Olvidar prometti a offensa enorme.
 Veio Thiestes entregar-me a esposa,
 Pedir perdão, jurar-me eterno affecto.
 Um abraço nos demos; depois d'isso
 Inimigos ficamos mais, que d'antes,
 Se mais era possível! Tempo breve
 Eroe aqui viveu; seguiu-se a morte,
 Que á dura escravidão rouba-a veio!
 Desd'então até hoje os meus cuidados
 Tenho com sagaz manha dirigido,
 A aluir da Rainha pouco, e pouco
 Todo o poder antigo; ora apartando
 Os seguidores seus dos cargos publicos;
 Ora espalhando vozes, que lh'enervem
 Authoridade, e credito. D'est'arte
 A' nullidade reduzido a tenho.
 Respeito-a; é minha mãe; mas não consinto,
 Que pense em governar; se lh'é submisso
 O filho Atreo, o Rei mãe não conhece.
 Hoje não temo nada; estou seguro;
 Posso vingar-me em fim; um só instante
 Não me sabiu do coração a raiva.
 Agora mesmo... agora ella recresce!
 Quantas vezes, dormindo, horriveis sonhos
 A' mente me traziam, de Thiestes
 A aborrecida imagem!... Só me resta
 Vê-os realizados... Sôa a hora!
 Tremo o ingrato..., a morte vai prendel-o!
 Corre, Eioneo, ao campo; serci prestes
 Comtigo lá.

EIONE0

Senhor, eu obedeço
 Contente ás ordens tuas; mas, se acaso

Thiestes nos resistê? Longo tempo
Póde a guerra durar.

ATREO

E tu julgavas,
Que das armas a sorte eu tentaria,
Sem ter quasi seguro o resultado?
Marchando por vingar-me d'uma affronta,
Deveria arriscar-me a soffrer duas?
Vou dizer-te um segredo, mas reflecte
Que é segredo do rei: tudo disposto
Foi per mim d'antemão; dentro em Mycenae
Traidores fiz pagar, qu'ás minhas tropas,
Dado certo signal, as portas abram;
A guerra é sempre incerta se d'astucia,
E de falta de fé não vai armada.

EIONE

Para ser Rei, Senhor, só tu nasceste;
Trazes contigo mesmo o teu conselho;
S'intentas dominar a Grecia toda,
Qual o povo será, que te resista?

ATREO

Vai onde te mandei, depois veremos,
Se meu impio offensor seu fado illude.

EIONE

Eu corro já, Senhor.

SCENA II

ATREO

Leal, e experto,
Não posso recear, que m'atraiçõe;
E' lisongeiro, sim, bem o conheço;

Mas é fiel; mas gosta d'agradar-me;
 Tudo o que eu mando cumpre; isso me basta.
 Aqui vem Palamedes; a virtude
 Austera d'este velho m'incommoda;
 Ouça-se todavia.

 SCENA III

ATREO, PALAMEDES

PALAMEDES

Agora mesmo
 Me disseram, Senhor, que o teu exercito
 Ajuntando-se está; que á frente d'elle
 Tu próprio vaes marchar; mas eu duvido,
 De tão estranha nova.

ATREO

Não duvides.
 Sabe, que de Thiestes a carreira
 De crimes semeada o termo toca.
 Assaz tenho deixado d'uma affronta
 Espassar a vingança. A Grecia clama
 Contra a minha fraqueza, e me condemna.
 Convem mostrar-lhe emfim que sou Rei d'Argos;
 Que castigar eu sei quantos m'offendam.

PALAMEDES

Ah! Que dizes, Senhor? A linguagem
 Das terriveis paixões assim adoptas?
 A Grecia clama? Não; não clama a Grecia;
 Clama o teu coração, que só destilla,
 Em vez de puro sangue, atro veneno.
 Condemnar-te por fraco?! Oh! Quem?! Quem ha de
 Ousar fazel-o? Só as almas baixas
 Pensarão d'esse modo; o verdadeiro

Valor é perdoar; um Rei é grande
 Quando perdôa, e não quando se vinga.
 Sempre é valente um homem generoso;
 Mas um covarde é sempre vingativo!
 Repara bem, Senhor, ah! não t'illudas
 Não vás arrepende-te sem remedio,
 Depois de feito o mal!

ATREO

Não arrependo
 Tu não me lembras cousa, qu'esquecesse
 A's minhas reflexões; tenho pensado
 Maduramente... mister hei vingar-me.
 D'um magnanimo peito, eu bem conheço,
 Qu'é proprio o perdoar; mas é só quando
 Não podem do perdão nascer os males,
 Que d'este nasceriam. Se Thiestes
 Ficasse impune de tão feia culpa,
 Que a Grecia toda encheu d'horror, e escandalo,
 Qual seria o perverso, que temesse
 Offender-nos de novo com seus crimes?
 Quem seguro viver jámais podéra
 Contr'os insultos de qualquer malvado
 A' impunidade afeito? Do castigo
 O receio contem sómente os homens;
 A justiça é dever, que os Reis commanda;
 Quem a quer postergar não reja os povos.
 Quero mostrar-me rei punindo o crime!

PALAMEDES

Queres mostrar-te rei? Então perdôa!
 Um rei quando castiga é magistrado,
 Que das leis cahir deixa a cega espada
 Sobre quem desprezou d'ellas o imperio;
 Mas quando lá do solio a magestade
 Benigna pronuncia:—Eu te perdôo—
 Superior ás leis, de Jove imagem
 Então s'ostenta, e o ser Rei é isto!
 Supponhamos, porém, que tu não queres

De teu mais nobre dote fazer uso;
 Acaso em teu irmão vês um vassallo?
 Elle é rei como tu; independente
 Vive do teu poder; com que direito,
 Como a teu servo, intentas castigal-o?
 Offendeu-te, é verdade; inda lamento
 O triste dia, quando solto em furias
 Nas voragens do crime o vi perder-se!
 Mas sobr'elle as leis d'Argos não imperam.
 Sómente podes ser seu homicida,
 Nunca seu julgador; e só vingança,
 N'elle podes cumprir, mas não justiça.

ATREO

Morra o infame, e chamem-lhe vingança;
 O nome, que m'importa? Eu quero-o morto.
 Implacavel me veja quem bondades
 Me pagou com traições; mas não; Thiestes
 Nasceu para meu subdito; se reina
 Sobre Mycenas, deve-o a ser rebelde;
 Direitos d'um rebelde nada valem.
 S'outr'ora as circumstancias me forçaram
 A com elle partir d'um pae a herança,
 Hoje, que de vencel-o os meios tenho,
 Posso, e devo tirar-ll'a; a minha mente
 Sempre esta foi; cedi; mas constrangido;
 Nem vi n'elle jámais senão um servo.

PALAMEDES

E queres tu, Senhor, qu'algum se fie
 Inda em tuas promessas, quando faltas
 Tão facilmente ao juramento dado
 A' face dos altares?

ATREO

E Thiestes,
 Qu'esses mesmos altares poluindo,

Ao proprio irmão d'ant'elles rouba a esposa,
 Ousará pertender, que lh'os respeitem,
 Quando lhe são propicios? Miscravel!
 Dos Deuses quer valer-se, e zomba d'elles?!

PALAMEDES

O crime d'um irmão, Senhor, não serve
 De te justificar; se foi sacrilego,
 Profanador, perjuro, has-de tu sel-o?
 Para illudir assim teus juramentos,
 Causa terias só, se com violencia
 De ti os exigissem tão notoria,
 Que duvidar ninguem d'ella podesse;
 Mas tu juraste livre; se um motivo
 Occulto te forçou, isso não basta
 Para desobrigar-te. Ah! S'entre os povos
 Dos contractos a fé tão levemente
 Se podesse extinguir, quem quereria
 Mais contractos fazer? Em breve rotos
 Os laços sociaes, os homens foram,
 Como as teras, que habitam no deserto!
 E tu, Senhor, dos Deuses descendente,
 Não sabes, que faltando a fé na terra,
 No coração dos Reis deve acolher-se?
 Mas deixemos argucias escusadas,
 Indignas d'um Monarcha; tu não déste
 Já tua approvação á paz fraterna?
 Não recebeste já do criminoso
 Toda a satisfação que á tua gloria
 Dada podia ser? Não viste humilde
 Accurvar-se Thiestes, entregando
 Eroe nas mãos tuas? Que mais queres?
 Oh!... refrêa, Senhor, refrêa as iras;
 Lembra-te d'um irmão, qu'arrepellido
 Buscou todos os meios d'apiedar-te!
 Lembra-te d'uma mãe, a quem trespassas
 O coração de dôr com teus furores;

Lembra-te de qu'és homem, s'esquecer-te
Pretendes de qu'és Rei!

ATREO

Ah! bem t'entendo!
Parcial da Rainha, e de Thiestes,
Olhas sem desprazer minhas affrontas.

PALAMEDES

Oh! não, Senhor; respeito na Rainha
De Pélope a viuva; amo em Thiestes
Um irmão do meu Rei; mas o partido
Sigo só da razão.

ATREO

Pois segue embora,
Mas com arengas vans não mais me cances.
Thiestes morrerá; na Grecia conste,
Que quem offende Atreo evoca a mortel
Tremam d'ouvir meu nome os meus contrarios;
Só nuncio do pavor eu ser-lhes quero!

PALAMEDES

Mas....

ATREO

Não me falles mais nos meus deveres;
Teus conselhos escuso.

PALAMEDES

E assim deprezas
A voz sincera d'um fiel vassallo?!

ATREO

Um vassallo fiel não contraria
A vontade do Principe.

PALAMEDES

Qu'escuto?

Assim teu peito regio abandonaram
Os sentimentos nobres da virtude?
A vontade do Rei, sim, é sagrada,
Quando tem a razão por fundamento;
Mas quando ordena o crime, então aos subditos
Respeital-a não cumpre; nunca a força
Direito ha de crear. Esta franqueza,
Com que digo verdades talvez duras,
Nos meus cabellos brancos tem desculpa,
E nos braços, Senhor, que tantas vezes
Na tenra infancia tua t'embalaram.

ATREO

Essas palavras ultimas te salvam.
Foste meu pedagogo, se o não fôras,
Aqui mesmo a meus pés me respondêras
Por tanto atrevimento. A tua idade
Não te desculpa, culpa-te. Devias
Ter de velho a prudencia; acaso ignoras,
Que as verdades aos Reis, quando se digam,
Convem dizê-las com respeito e susto?
Se sabes que t'estimo, não abuses
Da minha estimação; passou o tempo
De me dares lições; fui teu discipulo,
Sou hoje o teu Senhor; obedecer-me
E' tua obrigação; cumpre-a; retira-te.

PALAMEDES

Perdoa-me, Senhor, se o muito zêlo,
 Se o muito affecto meu me tem levado
 A ponto d'offender-te; os Deuses queiram
 Ser-te propicios sempre. * Infeliz Principel...
 Se teu furor medonho não acalma,
 Perdes-te a ti, e aos teus!...

SCENA IV

ATREO

Perdão! olvido!
 Para Thiestes! Eu! Salvar-lhe os dias!
 A morte é quem o salva! Ah! Irmão perfido,
 Tens uma vida só, teu bem é esse!
 O ingrato me trahi; com mão sacrilega
 Os altares manchou; e deve impune
 Ficar tanta maldade? E falla o mundo?!
 E geme a natureza?! O' raiva, ó furiast!
 Pereça o mundo, expire a natureza,
 Se o crime do traidor desculpar ousam!

* *Áparte.*

SCENA V

ATREO, CERAUNO

CERAUNO

Por Eioneo, Senhor, mandado venho
Saber as ordens tuas.

ATREO

Tudo prestes

Está no campo?

CERAUNO

Tudo

ATREO

Vamos. Segue-me.

FIM DO ACTO PRIMEIRO

ACTO SEGUNDO

SCENA I

HIPPODAMIA, CEFISA

CEFISA

Não quererás, Senhora, por um pouco
Dar tregoa ao pezar, que te definha?
Sempre, sempre a carpir?! Ah! vê, qu'em breve
A vida perderás da dôr nos braços!
Tu filha, e mãe de reis, de reis esposa,
Has de passar teus dias sempre tristes
Emquanto que as mais vis vassallas tuas
Passam os seus em risos e folguedos?!

HIPPODAMIA

Idamante não chega; algum desastre
De certo aconteceu.

CEFISA

À peor parte
Tudo tomas, Senhora; e nunca o susto,
Ou a magua te deixa. S'Idamante
Não chegou, chegará. Foi teu aviso
Por elle recebido antes que a aurora
No ceo dêsse o signal da luz primeira.

HIPPODAMIA

Ainda o sonho horrivel d'esta noite
Nas sombras do terror me tem submersa.

CEFISA

E tu, Senhora, se d'um vago sonho
Falsas imagens te perturbam, deves
A mentiras ceder?

HIPPODAMIA

És venturosa,
Cefisa, em não ser mãe! As mães sómente
Saberão dar valor ao mal que sinto.
Eu dormia; eis um 'spectro m'apparece.
Qu'Erope assimilava em voz, e em gesto:
— «Dormes, querida mãe, me diz, tu dormes
Quando a luzir tão brevemente assôma
Dia de tanto horror?!» Isto dizendo,
Triste pranto inundou seu rosto pálido!
Em vão quiz abraçal-a; sombra nua
Dos braços me fugiu; sómente ao longe
Seus dolorosos ais inda soavam,
Quando acordei. E queres tu, que seja
Filha do acaso esta visão? Tu sabes,
Qu'Erope teve um filho; que Thiestes
Foi seu infeliz pae; mas quê?! Porisso
Deixa de ser meu neto, e innocente?
E' verdade qu'Atreo leves suspeitas
Do que passou não teve; mas quem póde
Dar-nos por certo, que o não saiba ainda?
Logo que as feras armas da vingança
Vão espalhando o medo em Argos; quando
Os vapores de morte se condensam,
Queres, qu'alegre, e socegada eu viva?
A minha dôr é justa!

CEFISA

Almas afflictas
São credulas do mal; um sonho, um nada,
Lhes mostra o ceo em fogo, e o mundo em cinzas!

HIPPODAMIA

Meus filhos da desgraça a estrada correm;
E desgraças d'um filho, as mais remotas
No coração da mãe já são presentes!

CEFISA

Mas não encarregaste a Palamedes
De promover a paz? Atreo respeita-o;
Ha de attendel-o, ouvil-o...

HIPPODAMIA

Ai! não espero,
Que nosso mal ter possa já mudança!
O coração d'Atreo é gelo... é rocha...
Facil se não commove, mas... que vejo?
Oh! Ceos! vós m'o enviaes; é Idamante!

SCENA II

HIPPODAMIA, IDAMANTE, CEFISA

IDAMANTE

Senhora, se tardei, perdão mereço.
Venho com custo annunciar-te nova
De desgosto talvez!

HIPPODAMIA

Nunes! Que dizes?
Do misero sobrinho o rei...

IDAMANTE

Não temas.
O penhor que entregaste ha já tres annos

A meu zelo, e cuidado, se conserva
Por ora em segurança.

HIPPODAMIA

Então que novas
São essas que me dás?

IDAMANTE

As mais estranhas.
Hontem, já quando o sol s'aproximava,
A recolher no mar seu carro d'ouro,
Em minha casa entrou... quem ha de crêl-o?
Thiestes!

HIPPODAMIA

Ai de mim! Como? Thiestes!!
Em Argos, onde só a morte o afaga?!
Que loucura o moveu?

IDAMANTE

O amor do filho.
Quer leval-o consigo, e não attende
Supplicas, nem razões.

HIPPODAMIA

E de que modo
Pôde elle introduzir-se na cidade?

IDAMANTE

Disfarçado em mendigo; e de tal arte
Se soube transformar, que, se não falla,
Eu o não conhecêra.

HIPPODAMIA

Desgraçado!
Quem o ha de salvar, se ao rei patente

Sua chegada fôr! Corre, Idamante,
Obriga-o a partir.

· IDAMANTE

Mas sem o filho
Certamente não parte.

HIPPODAMIA

E que motivo
Agora, mais, que d'antes, sobreveio
Para dar-lhe esse affan? Ha já tres annos
Que, ao meu cuidado entregue, o caro neto
A's vinganças d'Atreo tem escapado;
E hei de perdê-lo agora, quando o p'riego
Redobra a cada instante?

IDAMANTE

Ah! porque choras?!
Rainha Augusta, qu'ê do nobre sangue,
Que nas veias te gira?

HIPPODAMIA

Ai! Idamante,
A natureza em todo estado é uma!
Ou escrava, ou rainha.

· IDAMANTE

Mas primeiro
De cedermos á dôr, tentem-se os meios
Para suavisal-a; em vez de lagrimas,
Melhor é ver se o mal inda tem cura.

* *Chora.*

HIPPODAMIA

E que cura ha de ter?

IDAMANTE

Chama Thiestes,
E falla-lhe tu mesma; os teus conselhos,
As vozes d'uma mãe têm muita força.

HIPPODAMIA

E quando as ouviu elle, que não fosse
Para as escarnecer?

IDAMANTE

Hoje mudado
O vejo muito. A confusão, o pejo
Impresso se descobre em seu semblante,
Quando o nome de mãe se pronuncia.

HIPPODAMIA

E poderá no Paço ter entrada,
Sem ser reconhecido? Ou, não o sendo,
Quererá elle vir?

IDAMANTE

Oh! Sim, Rainha;
Seus ardentes desejos são beijar-te
Tua mão maternal; mas tem receio;
Seus proprios desatinos o acobardam!

HIPPODAMIA

Vai ligeiro, acompanha-o, e tem cuidado,
Que possa entrar aqui sem dar suspeitas.

IDAMANTE

A ocasião, Senhora, é oportuna:
 O Rei no campo, a tropa revistando,
 Deve demora ter, talvez nem volte
 Mais ao Paço, e de lá corra a Mycenas.
 Mas, supposto, que volte, é bem difficil,
 Ser Thiestes d'Atreo reconhecido.
 A quem não desconfia o engano o cobre.
 Eu vou, Senhora, e volto com teu filho.

SCENA III

HIPPODAMIA, CEFISA

HIPPODAMIA

Tristes presentimentos me rodeiam!
 Quem sabe se o destino me prepara
 Desgraças mais crueis!

CEFISA

Vejo, Senhora,
 Que tentar consolar-te, é vão trabalho!
 Negras ideias vêm a cada instante
 Ten 'spirito assombrar; e tu, parece,
 Que só com ellas de nutrir-te folgas?!

HIPPODAMIA

E pôde a triste mãe, que vê seus filhos
 Empenhados em guerra crua, iniqua,
 Consolação achar! Não é sómente
 Ser mãe d'um filho morto; é também sê-lo
 Do cruel matador! Esta lembrança
 Insupportaveis torna minhas dôres!

SCENA IV

HIPPODAMIA, PALAMEDES, CEFISA

PALAMEDES

Senhora, estão cumpridos teus desejos!

HIPPODAMIA

Que prazer m'annuncias? Persuadiste
Atreo a ser piedoso?

PALAMEDES

Não te fallo
D'esses desejos; fallo dos que tinhas
Para qu'eu lh'expuzesse inuteis rogos.
Surdo á razão, á humanidade surdo,
A crer cheguei que sanguinosa victima
Men já cansado corpo lh'offertasse!

HIPPODAMIA

Ceos! para que Rainha me fizestes?
Quanto melhor me fôra em pobre alvergue
D'obscuro camponez viver contente,
Que nascer sobre o throno, onde a amargura
Me devora e consome!

PALAMEDES

Emfim a sorte
Ha de cumprir-se. As almas generosas
Devem saber vencer-se. Deixa aos Deuses
A decisão. Aos Deuses muitas vezes,
Quando um mortal mais infeliz se julga,
Apraz de dita, e de prazer enchêl-o.

HIPPODAMIA

Mas Thiestes em Argos... vem perder-se.

PALAMEDES

Thiestes?!

HIPPODAMIA

Escapou-me esta palavra...
Ah! não; não m'escapou... és Palamedes,
Não tenho que temer. Sabe, que existe
De Thiestes um filho; qu'Idamante
Até 'gora o roubou d'Atreo ás fúrias.

PALAMEDES

E Thiestes qu'intenta?

HIPPODAMIA

Quer leval-o
A Mycenas comsigo. E não curando
D'immensos riscos, elle proprio veio
Esta noite por isso.

PALAMEDES

Quer Thiestes
Expíar seu delicto. Não te cances,
Se o fado o guia á morte, estás sem filho!

HIPPODAMIA

Rasgas-me o coração com teus discursos!
Palamedes.... Eu sei qu' é immutavel
O destino.... mas uma mãe não póde
Imaginal-o tal.... Que vejo.... E' elle!!

SCENA V

HIPPODAMIA, THIESTES, IDAMANTE,
PALAMEDES, CEFISA

THIESTES

* Permite, ó cara mãe, qu'um verdadeiro,
Um remorso cruel te restitua
O mais culpado, e desditoso filho!

HIPPODAMIA

** Não és meu filho.

THIESTES

*** Sim, ó mãe querida,
Té 'gora não o fui; mas hei de sêl-o!
Hei de sêl-o.... e os Deuses, que penetram
O pensar mais occulto dos humanos,
Me sejam testemunhas da promessa,
Que prostrado a teus pés cumprir-te juro.

HIPPODAMIA

**** Muitas fizestes eguaes, todas quebraste.

THIESTES

***** Foi o meu crime enorme, não o nego...
Temerario, furioso, surdo ás vozes
Do maternal amor, eu hei trahido
Os mais santos deveres; mas que fructos
Amargosos me deu minha loucura!

* *Ajoelhando.*

** *Severa.*

*** *Ajoelhado.*

**** *Severa.*

***** *Ajoelhado.*

Qu'insuportaveis penas! Ah! perdôa,
 Perdôa ao triste filho, se não queres,
 Qu'elle expire a teus pés! Sujeito á cólera
 Dos Deuses contra mim, só me restava
 No seio maternal chorar meus erros.
 Não me prives, Senhora, d'este alivio,
 Talvez o derradeiro, que te pede,
 Thiestes sobre o tumulo!...

HIPPODAMIA

Levanta-te....
 Levanta-te, infeliz * (Eu já não posso
 Resistir mais!) Cefisa, vai; vigia,
 Se ao Paço volve Atreo, e nos previne.

SCENA VI

HIPPODAMIA, THIESTES, PALAMEDES,
 IDAMANTE

HIPPODAMIA

Emfim venceste! E filho inda te chamo!
 Mas que vens cá fazer? Que Nume avêsson
 Te pôde introduzir n'estes logares?

THIESTES

O Nume que protege um filho quando,
 Aos pés da terna mãe prostrado humilde,
 Dos desvarios seus busca indulgencia.

HIPPODAMIA

E como não temeste entrár em Argos?

* Thiestes levanta-se; e a Rainha diz o áparte no tado com o parenthesis.

THIESTES

Apparecer-te não temi culpado,
 E deverei temer arrependido
 A teus olhos mostrar-me? Palamedes,
 Aceita tu também minhas desculpas;
 De pae já me serviste; as lições tuas
 Se um momento esqueci, nunca de todo
 Se me varreram d'alma.

PALAMEDES

Sou ditoso,
 Senhor, em ver, qu'inda de mim te lembras;
 E mais ditoso sou, pois que t'encontro
 Firme seguindo da virtude a estrada.

HIPPODAMIA

Mas para que vieste agora em dias
 De susto, e de terror?! Quando vinganças
 Troveja o fero Atreo?

THIESTES

Por isso mesmo.
 Sou filho, e é tal nome a gloria minha!
 Se á vida, qu'aborreço, Atropos dura
 Deve os fios cortar-me... tu, Senhora,
 Tu só podias de pavor cobrir-me,
 Meus suspiros, meus rogos despresando!
 Perder o teu amor... á sepultura
 Descer c'o peso de meu crime enorme,
 Sem qu'a mão maternal, meiga, e piedosa
 Dos remorsos o pranto m' enxugasse!
 Eis porque o peito meu triste, e anciado
 Da afflicção entr'os braços arquejava!
 Todo o resto do mundo conspirando
 Em perseguir-me, pouco eu o temêra,

Se as minhas proprias penas de permcio,
 Para abater-me est'alma não bastaram!..
 Temo o meu coração, qu'a natureza
 Fez sensivel de mais... Não temo os homens,
 Nem a morte, onde vejo de meus males
 Unico termo, e prompto.

HIPPODAMIA

Desgraçado!
 E fallas em morrer?! Pensas acaso
 Consolar-me com isso?! Um pesar grande
 Dos crimes commettidos; voto firme
 De seres, no futuro, honrado, e probo,
 Bom filho, bom irmão; eis o qu'eu quero,
 E não a tua morte.

THIESTES

Mas, Senhora,
 Para abrandar de meu irmão as iras
 Os meios não tentei, qu'ultrapassavam
 De justa humilhação talvez a méta?!
 Não vim eu mesmo... Oh! Ceos! Que sacrificio!
 Com supplicante voz perdão rogar-lhe?!
 Não lhe cedi um throno, ao qual com elle
 Direito igual me dava o nascimento,
 Tendo por mim de mais o amor do povo?

HIPPODAMIA

E a offensa cruel, que lhe fizeste?

THIESTES!

Não foi preversidade; foi fraqueza,
 Quem me precipitou; foi Jove mesmo,
 Que quiz vingar de Tantalos nos netos,
 As culpas do avó; e abandonado
 Da protecção do ceo, cae sempre o homem!
 Compaixão, e não odio então merece.

HIPPODAMIA

A protecção do ceo! Como esperal-a
 Quem d'ella não faz caso, quem despreza
 Sempre dos Deuses o sagrado aviso?!

IDAMANTE

Permitte-me, Senhora, que recorde,
 A teu filho o lugar, que piza agora.
 * Queixas, exprobrações de nada prestam
 Ao mal, que já passou; hoje só cumpre
 Atalhar ao que vem; aproveitemos
 Momentos, que perdidos, talvez nunca
 Tornaremos a achar.

THIESTES

Nada mais quero!
 Vi minha mãe, de mim compadecida,
 Restituir-me seu amor primeiro:
 Todos os riscos, todos os trabalhos,
 Este vivo prazer me fará leves.
 Senhora, eu me retiro.

HIPPODAMIA

Mas teu filho?
 Que sorte lhe destinás?

THIESTES

A Mycenás
 Acompanhar-me.

HIPPODAMIA

Barbaro! Já vejo,
 Qu'és do genio do mal oppresso escravo!

Afeito a ser ingrato mal podias
 Hoje não sê-lo! Vai: mais não irrites
 As dôres d'uma mãe com teu aspecto.

THIESTES

Porém, Senhora...

HIPPODAMIA

Vai: não quero ouvir-te.
 Leva teu filho! Dêste-lhe a existencia
 Por um crime, por outro dá-lhe a morte!

THIESTES

Mas amar a meu filho acaso é culpa?!
 O' minha mãe, quanto és tambem culpada!
 Tu sempre nos amaste!

HIPPODAMIA

O verdadeiro
 Amor ao innocente era deixar-m'ó!
 Tu pelas fúrias impias agitado
 Pódes melhor, do qu'eu, amar teu filho?
 Ter com elle mais zêlo, e mais resguardo?
 Do sevo Atreo por toda a parte espias
 Coalham ruas... estradas... e tu queres,
 Pac! arriscar um filho? ó crueldade!
 O cegueira fatal, qu'em todo o tempo
 A mente t'offuscou!

THIESTES

Eu não julgava,
 O' cara mãe, que tanto t'offendesse?
 Se quiz levar meu filho, razões tinha
 Para fazê-lo. O povo de Mycenás,
 Vendo n'elle um penhor de segurança,
 Com mais vigor por mim combateria;
 Qu'onde esperanças faltam, raras vezes
 Tem os homens coragem. Sobre tudo

Sou pae afflicto, era-me o filho alivio!...
 Tu o sentes, Senhora! mas não queiram
 Os ceos, qu'eu te renove antigas penas!
 Cêdo á tua vontade: meus int'resses,
 Meu amor, minha vida, e gloria entrego
 Em tuas mãos... Promette-me sómente,
 Qu'has de viver... qu'irás em minha campa
 Derramar com ternura algumas lagrimas!

HIPPODAMIA

E hei de crêr o qu'escuto?! Achei um filho?!
 O' ventura maior que os males todos,
 Que me tem opprimido! N'estes braços
 Corre a lançar-te... Vêm; faze invejosos
 De nós n'este momento os proprios Numes.

IDAMANTE

Rainha, os teus transportes são bem justos!
 Mas vai fugindo o tempo, e não reparas
 Que nos Paços d'Atreo 'stá mal Thiestes!

HIPPODAMIA

Que dizes? Ah! viera Atreo agora!
 Os impulsos do sangue o tocariam.

IDAMANTE

Como te cega o amor! Do rei o peito
 Não se toca jámais.

HIPPODAMIA

E que remedio
 Para ás desgraças acudir futuras
 Nos aconselhas tu?

IDAMANTE

Ainda existem
 Cidadãos virtuosos dentro d'Argos,

Qu'em ti d'uma Rainha o nome adoram;
 Se ouvirem tua voz, se á frente d'elles
 Intrepida appareces, não duvido
 Qu'aos furores d'Atreò se ponha um termo.
 Sei que da tropa e dos Archontes muitos
 Só teu signal esperam.

PALAMEDES

Sou Archonte
 E os Archontes de mim assás confiam
 Se necessario fôr salvar Thiestes
 Das mãos d'Atreo...

THIESTES

Das mãos d'Atreo?! Que opprobrio!!
 Eu temo-o por ventura? Venha esse homem
 Cobarde, vil... veremos s'estes braços
 Afogam d'uma vez tão fero monstro!

PALAMEDES

Eu pensava, Senhor, que do infortunio
 Amestrado o character mudarias
 Mas vejo com pezar surgir Thiestes!
 Só por paixões movido te diriges
 Quer ao bem, quer ao mal!

THIESTES

Ousas fallar-me
 Tão atrevidamente?

PALAMEDES

Ousei: eu amo-te!

HIPPODAMIA

E diante de uma mãe dizes que intentas
 Banhar as mãos no sangue de seu filho?!

Quando roubaste a teu irmão a esposa
 Sua honra e coração feriste a um tempo!
 Queres roubar-lhe agora o throno e a vida?
 Deuses! Que mal vos fiz?! Que sorte a minha!
 Sempre o nome de mãe á natureza
 D'inefavel doçura foi o symbolo!
 Sómente em mim é symbolo de crimes
 De horrores e de morte!

THIESTES

* Ó mãe perdôa
 Ao infeliz das furias agitado.
 Que da culpa ao remorso a cada instante
 Passa em delirio! oh ceos! não me conheço!
 Sinto no peito a virtude e o crime...
 Ardo em odio, e em raiva e me arrependo
 Para de novo arder com mais violencia!
 Os homens desprezei... ri-me dos Deuses...
 Mas nos accessos de um furor insano
 Só o nome de mãe respeitei sempre!

HIPPODAMIA

Destino, como o meu nunca no mundo
 Até hoje se viu! Dizei, amigos,
 Como sahir podêmos d'este abysmo!

PALAMEDES

** Queres salvar Thiestes, ó Rainha,
 Confia no Senado, e em Palamedes;
 Mas s'occultos designios se disfarçam,
 Se se quer ir mais longe, aqui declaro,
 Qu'os anciãos Argivos nunca devem
 Dar seu concurso para que se offenda
 A vontade sagrada, com qu'os Deoses

* Ajoelhando.

** A Hippodamia.

Escolheram Atreo por primogenito
 Dos nossos reis. Assim a razão falla,
 E a virtude leal. Adeus, Senhora,
 Retiro-me, mas volto a um leve aceno
 Da tua mão para salvar teu filho!

 SCENA VII

HIPPODAMIA, THIESTES, IDAMANTE

IDAMANTE

Este velho é honrado, mas fantastico.
 Acaso tenta alguém seguir o trilho
 Da rebeldia? Acaso pôr limites
 D'um feroz rei á furia, é desthronal-o?
 Devem os homens ser como os cordeiros •
 Qu'um pegureiro a seu sabor degola?!
 De ti, Senhora, a salvação do estado,
 E a vida de teus filhos só depende.

HIPPODAMIA

Mas se a guerra se atêa, e o sangue em jorros
 Vai correr?! Eu de tanto mal a causa?!...
 Idamante, não posso resolver-me!...

IDAMANTE

Pois bem; verás correr inda mais sangue;
 Verás teus filhos mortos, que podéras,
 Se fóras menos timida, ver salvos.
 Só vence o mal, quem contr'o mal resiste;

Mas quem fraco lhe cede, n'elle acaba.
 * Vamos, Senhor, o tempo é precioso.

THIESTES

Querida mãe, adeus.

HIPPODAMIA

Filho, um instante
 Espera mais.

SCENA VIII

HIPPODAMIA, THIESTES, IDAMANTE,
 CEFISA

CEFISA

** As portas do Palacio
 Seguido d'uma escolta numerosa
 Chega, Senhora, o rei.

HIPPODAMIA

Ah! foge, ó filho!

THIESTES

Eu fugir, cara mãe! Hei de aviltar-me
 A cobardia tal?!... Antes a terra
 Me engula em seus abysmos! Sou teu filho,
 E sou filho de Pélope... não fujo,
 Augmenta o meu furor á vista odiosa

* A *Thiestes*.

** *Entra apressada.*

Do tyranno cruel: hoje decida
 Meu braço a nossa sorte. Estou tranquillo...
 Esperarei.

IDAMANTE

Senhor, vê, que te perdes.
 Não ha quem teu valor não reconheça;
 Mas a prudencia deve regulal-o.
 Qu'ó valor sem prudencia é qual navio
 D'optima construcção, prompto de tudo
 Para sahir ao mar, mas sem piloto.
 Na tua habitação, Senhora, existem
 Escondrigios incognitos: n'um d'elles
 Nos faze entrar; meios depois teremos
 Para nos evadir.

HIPPODAMIA

Quanto me custas,
 Thiestes... foste sempre o meu tormento!
 Se d'uma mãe a vida tens em conta,
 Segue-me, não resistas.

THIESTES

Tal conjuro
 Podia só vencer-me. Sim, ó Deuses,
 Vêdes meu coração; sabeis, que n'elle
 Não entrou o temor; com retirar-me
 Não me desminto descendente vosso;
 Qu'é para dar, a quem m'a deu, a vida.

FIM DO ACTO SEGUNDO

ACTO TERCEIRO

SCENA I

HIPPODAMIA

Cedi alfim; talvez, qu'em breves horas
De tumulto o signal meu nome seja!
Mas Atreo é meu filho; e hei de buscar-lhe
Desgostos e traições?! Não, não lh'as busco.
Quero que seja rei, mas que não roube
A Thiestes a paz, os bens, a vida;
Que mais o não persiga. Meus intentos
São justos... hão de ter favor divino.
Sangue não correrá... Porém... que sinto!
Que viva agitação!... Se eu conseguisse
Qu'Atreo á indulgencia ouvidos dando
Ao irmão perdoasse?! Venturosa
Me chamaria então... mas elle chega,
E com qu'aspecto, oh ceos!

SCENA II

HIPPODAMIA, ATREO, EIONEO

ATREO

Como, Senhora,
Tão cedo o brando leito desamparas?!
Apenas uma hora tem volvido

Depois que luz o dia; a madrugada
Póde ser-te nociva.

HIPPODAMIA

Filho ingrato,
E' d'esse modo, que uma mãe acolhes?
Por ti, por teu amor, é que m'encontras
Sem descanso, sem paz, triste vagando
Nos salões do Palacio, que retumbam
Ao ecco de meus ais! Por ti o somno
Foge de mim, e o leito m'incommóda!
E tu, cruel, qu'est'alma toda occupas,
Desdenhoso me fallas, não curando
Das penas maternas!

ATREO

Nunca, Senhora,
Ha de faltar teu filho ao que te deve;
Negar não poderás, qu'em todo o tempo
Te respeitei submisso.

HIPPODAMIA

E de que servem
Respeitos impostores, que mil vezes
Profere a boca, e o coração reprova?!
Formalidades vans, desprézo, odio!
Eu quero mais amor, menos respeito:
Qu'a sincera amisade não se nutre
D'apparencia fallaz, d'ócas palavras!
Mas vejo a pesar meu, que a natureza
Se no teu peito existe... existe morta;
E que n'elle só vive essa politica,
Esse respeito constrangido e falso,

Que te mostra a Rainha, e a mãe te occulta!
Em ti não acho um filho!

ATREO

Inda Thiestes,
Senhora, não morreu; elle te é caro,
O seu amor te basta.

HIPPODAMIA

Fere, barbaro,
Fere-me o coração; elle o merece
Por te ter sempre amado! A feroz indole
Nunca pude adoçar-te! És sempre o mesmo!
Amo a Thiestes, sim; elle é meu filho,
E' teu irmão, e malhei de querer-lhe?!
Mas porque o amo, acaso é necessario
Aborrecer-te? Assim olvidas prompto
Tantas provas d' affecto, qu' até hoje
Tens de mim recebido? Eu já não fallo
D'esses dias d' horror, em que Thiestes
Pôde roubar-te a c' róa, e o meu auxilio
T'a firmou na cabeça! Não refiro
A parte que tomei nos teus desgostos;
Nem os passos, que dei, para que fosse
Satisfeita, e vingada a honra tua:
As dores, que hoje sinto, e tu me causas
Sobejo testemunho devem dar-te
Do verdadeiro amor, que tu m' inspiras!
Tu vais buscar a guerra, vais a vida
Aos seus riscos expôr; esta lembrança
Enche-me d' amargura, e tu me pagas
Com frieza continua, e azedume!

ATREO

Eu ignoro, Senhora, em que t' agrave!
Se meiguices não uso em meus discursos,
E' porque a natureza forte, e nobre
Me deu varonil peito. Se Thiestes

Te sabe afagar mais, qu'hei de eu fazer-lhe?
Só sei obedecer-te.

HIPPODAMIA

Bem: Consente
Que viva teu irmão dias tranquillos.

ATREO

Dias tranquillos!... Elle!.. Que vilmente
Aos meus roubou até de dita esp'ranças!
Ah! não, Senhora; tanto não exijas
D'um filho que deseja comprazer-te.
Offendida tu foste; de teus braços
Foi Érope arrancada; se t'esquecem
Teus agravos tão breve, eu não m'esqueço;
Hei-de vingar-te.

HIPPODAMIA

Quanto és desgraçado!
Não sabes perdoar! Porém recorda,
Que nada aos Immortaes é tão odioso,
Como a vingança atroz!

ATREO

Deixa, Senhora,
Do impossivel querer. Busca outras provas
De meu amor; todas desejo dar-te...
Só uma reservei... essa me pedes?!

HIPPODAMIA

Cruel! Eu me retiro! Vai, apressa-te;
Cava tu mesmo a tua sepultura.

SCENA III

ATREO, EIONE0

ATREO

Debalde ella pretende commover-me!
 E' minha mãi Qu'importa?! Os proprios Deuses
 Prostrados a meus pés jámais fariam,
 Que perdoasse Atreo a quem o offende.
 Mas d'objecto mudemos. Sabe, amigo,
 Qu'é inutil perora nossa marcha.

EIONE0

Inutil! mas, Senhor, a trôpa ao menos
 D'isso causa não é; fiel, valente,
 Leva aos contrarios teus morte infallivel
 Nos olhos do soldado brilha o fogo,
 Annuncio da victoria.

ATREO

Tudo espero
 De meus bravos guerreiros; mas Thiestes
 De Mycenas faltou ha já tres dias.

EIONE0

Perdôa-me, Senhor, eu não entendo
 Esses altos mysterios. Servo humilde,
 Calar, e obedecer-te só me cumpre.
 Comtudo se fallar me fôra dado,
 Uma pergunta só...

ATREO

Falla.

EIONE0

A' fortuna,
 Que te busca propicia assim t'esquivas?

Se de Mycenas s'ausentou Thiestes
 Mais facil a conquista é da cidade!
 Não deves recear, que se te opponham
 Com vigor uns contrarios, a quem falta
 A assistencia do chefe.

ATREO

Não percebes
 Onde a finura está do meu infame!
 Apesar do segredo impenetravel
 Guardado em meus projectos, não supponho
 Que Thiestes ao menos por suspeitas
 Indicios não tivesse; e achas crível
 Que escolhesse tal tempo d'ausentar-se
 Do meio do seu povo, se não fôra
 Para trações urdir? O seu caracter
 Desconheces então!

EIONEIO

Mas que póde elle
 Tentar longe dos seus? E tu que deves
 Entr'os teus receiar? Estás mais firme
 Sobre teu solio, qu'altaneira rocha,
 A'quem tremendas vagas accommetem,
 Mas d'onde ao mar só volta branda escuma.

ATREO

Eu assim o pensava; mas quem sabe
 Se da perfidia a arvore mal sêcca
 Conserva em Argos validas raizes?
 As ultimas palavras não ouviste
 A' rainha escapadas? Os ameaços
 Que me fez? Em que podem ser fundados?
 Thiestes jámais perde um só momento
 De damnos me buscar! Sahir occulto
 Do reino seu, quando invasão tão proxima
 Devia suspeitar, como imaginas,
 Que sem sinistros fins, tal passo desse?

Aqui á minha côrte, aqui só póde
 O perverso ter vindo; aqui de certo
 Junto d'algum traidor elle se alverga.

EIONE0

Como, Senhor? Tão desvairado o julgas
 Que a sua perdição busque elle mesmo?
 Como entrar na cidade sem ser visto?
 Um inimigo não se atreve a tanto!

ATREO

Não t'espantes. No peito d'um malvado
 Muitas vezes o crime gera audacia;
 Tira-lhe o susto, esconde-lhe os abysmos,
 Té qu'a esapda fulminea da vingança
 Lhe caia sobre o cóllo. Eu não m'illudo.
 O coração me diz, que dentro em Argos
 Deve estar meu irmão, porque sómente
 Aqui me fará mal; o seu partido
 Existe solapado, mas existe;
 E póde n'um instante erguer-se em chammas
 Desprezada a faisca. E' necessario,
 Qu'as tropas vigilantes se conservem,
 Evitando surpresa.

SCENA IV

ATREO, EIONE0, CERAUNO

CERAUNO

Ha breve instante,
 Um soldado me disse lá no campo,
 Que, passando na volta d'estes Paços,
 Vira d'elles sahir certo mendigo,
 E com elle Idamante em companhia;

Qu'apenas percebidos se julgaram,
 Com ar de receiosos s'esconderam.
 Como tu tens, Senhor, recommendado,
 Que tudo quanto occorra saber queres,
 Eu, que de ser leal assaz me prézo,
 Te venho, do que ouvi, dar prompto aviso.

ATREO

* O coração presago quasi sempre
 Acerta em seus receios. Duidavas,
 Que machinar ousasse o meu infame
 Contra mim traições novas; vês agora
 Quanto a minha suspeita era fundada?

EIONE0

Mas eu, Senhor, mal posso convencer-me,
 Qu'um pobre homem vil deva assustar-te!
 Elle qu'ha de fazer?

ATREO

Tudo. Uma folha
 Só que se mova, essa me dá cuidado!
 Thiestes vive, e queres qu'eu descance?
 Tu sabes os signaes d'esse mendigo?
 Quaes as suas feições?

CERAUNO

Não tive tempo
 Para perguntar mais; porém se o mandas,

-
- * A *Eioneo*.
 - ** A *Cerauno*.

Írei, Senhor, ao campo, e co'o soldado
Volvo á tua presença.

ATREO

Vai; não tardes;
Mas... escuta... não quero, que transpire,
Que de tal caso informações me dêste.

CERAUNO

Basta, Senhor; o meu dever conheço.

SCENA V

ATREO, EIONEIO

ATREO

Quam dura condição é ser monarcha!
Jámais da doce paz a rosea bôca
Ao coração, á mente lhe bafeja!
Se mata seus contrarios, é tyranno!
Se lhes concede a vida, elles o matam!
Mas sou Atreo! Meu Nume é só vingança!
Outro nenhum prazer m'adoça a vida
Por meu justo furor envenenada!
Vai, Eionco; ás portas da cidade
Põe vigias fieis; não entre, ou saia
Sem saber-se quem é, ninguém: Eu corro
Dar outras providencias, porque o perfido,
Se ousou vir-nos buscar, comnosco fique.
Fortuna, se o trouxeste, e ás mãos m'o entregas,
Ês minha; já não podem teus caprichos
De meu maior prazer roubar-me o goso!

SCENA VI

EIONEIO

Ama pouco Thiestes os seus dias,
Se do cruel irmão no poder barbaro
Veio metter-se inermem. Alguma magna
Me causa o inteliz principe! Sen crime
Tem expiado assaz! Mas eu que posso
N'este lance fazer? Hei de por elle
Minha vida arriscar, e meus augmentos!
Do suspeito Atreo a confiança
N'um instante se perde; e da virtude
Não vale perante elle o dom precioso!
Depende só do rei a minha sorte;
Mas é mister obedecer-lhe cego...
Obedeço... e se as ordens são tyrannas,
Se a innocencia opprimem, que m'importa?
Embora o odio popular me siga:
O cortezão d'um rei sentir só deve
A propria desventura, e não a alheia.

FIM DO ACTO TERCEIRO

ACTO QUARTO

SCENA I

ATREO, EIONEIO

EIONEIO

Tudo dispuz, Senhor, como ordenaste;
Já vigias ficis as portas guardam.

ATREO

Estou fóra de mim; no peito anciado
Sinto da impaciencia acceso o lume!
Quem será este pobre? Que mysterios
Aqui s'encobrirão? Qu'indigno sangue
Deverei derramar?... Cerauno tarda!

EIONEIO

Quando voltei do campo, elle ia em busca
Do soldado, e demora ter não póde.
Eu o vejo, Senhor.

SCENA II

ATREO, EIONEIO, CERAUNO, UM SOLDADO

CERAUNO

Este o soldado,
Que mandaste chamar.

ATREO

* Falla. Que viste?

* Ao Soldado.

SOLDADO

Eu passava, Senhor, per essa estrada,
 Que cerca teus jardins, e vi, qu'abrindo-se
 Uma porta, sahia d'ella um pobre
 Pelo Archonte Idamante acompanhado!
 Julguei descobrir susto em seus semblantes;
 Logo que m'avistaram, com tal pressa
 S'esconderam de mim, qu'inda um momento
 Volvido apenas era, e já meus olhos
 Os haviam perdido! Quiz segui-os,
 Mas respeitei o Archonte. Ao nosso chefe
 Isto mesmo narrei.

ATREO

E não me sabes
 Feições, e gesto descrever do pobre?

SOLDADO

Elle não me deu tempo, se m'o déra
 Nada, Senhor, teu servo t'occultára.

ATREO

Foste fiel; farei tua fortuna;
 Guarda porém segredo, olha qu'a vida
 Perdes, se fallas: vai.

SCENA III

ATREO, EIONEIO, CERAUNO

ATREO

Já, meus amigos,
 Não posso duvidar. Dentro dos muros

D'Argos alguem conspira! Miseraveis!
 Querem a morte... tenham-na! Cerauno,
 Exemplo de leacs; chegou o tempo
 De dar-me o teu amor mais uma prova;
 Premiado serás.

CERAUNO

Manda; obedeço.

ATREO

Leva comtigo gente, corre, vóa,
 Conduz aqui o pobre; se elle escapa,
 Tua a culpa será; nem a meus olhos
 Ouses mostrar-te mais.

CERAUNO

Senhor, iremos
 Por tí da morte ás regiões sombrias.
 Mas, dize-me, se a casa d'Idamante
 D'abrigo lhe servir, hei de invadil-a?

ATREO

Duvidas? Nem a habitação de Jove
 Se em Argos ella fosse, poderia
 Os inimigos meus guardar impunes!
 A campa... E' só a campa quem os guarda!
 Vai; cerca, invade, queima, arrasa.... tudo
 Te é permittido, se por fim trouxeres
 Ou morto, ou preso o suspeito pobre.

CERAUNO

Eu parto já, Senhor, em mim descança;
 Ou servir-te, ou morrer, sabe Cerauno.

SCENA IV

ATREO, EIONEIO

ATREO

Que te parece?

EIONEIO

Estou, Senhor, confuso,
Mas não posso atinar, o qu'isto seja.

ATREO

Quem ousaria ao Paço vir ignoto,
Se o favor da Rainha não tivesse?!
Um mendigo!.. mendigo não é elle!..
Co'a Rainha!... Emissario é de Thiestes.

EIONEIO

Mas que certeza...

ATREO

Queres mais certeza?
Ou pensas tu, qu'um homem desprezível
Fosse por Idamante acompanhado?
E vir com taes cautellas?! Não se mostra
Algum profundo enredo aqui occulto,
Que cumpre destruir? E' da Rainha
Idamante valido; tanto basta
Para ser-me suspeito. Ha longo tempo,
Que vigio seus passos; e se a morte
Inda lhe não fiz dar, foi temeroso
De qu'entre o povo um nome respeitavel
Chamasse contra mim odio tão forte,
D'onde proveito meu irmão colhesse.

EIONE0

Oh! despressa, Senhor, teus vãos receios.
 Um servo t'incommóda?! Dá-lh'a morte.
 Qu'é a vida d'um homem, se o socego
 Turba d'um rei? Seja innocente embora,
 Ou criminoso... morra: tranquilliza-te!
 Tudo é licito aos reis.

ATREO

Assim o penso;
 Mas sei como é o povo; n'um instante
 Me póde abandonar; ah! se primeiro
 Visse a meus pés o perfido Thiestes
 Dando da vida os ultimos arrancos!
 E co'os olhos já quasi á luz cerrados
 Inda entrevendo meu prazer, e gloria!
 Nada depois temera! A Grecia toda
 Voltada contra mim déra ao desprezo!
 Mas se o malvado sempre em traições fertil,
 Escapa?! S'elle vence! Ideia horrenda!
 Antes da vida o lume se m'apague,
 Levando de vingar-me inda esperanças!

SCENA V

ATREO, PALAMEDES, EIONE0

ATREO

Palamedes aqui?! De novo intentas
 Com teus discursos nescios enfadar-me?
 Já hoje perdoei tua ousadia;
 Repara bem... outro perdão não queiras.

PALAMEDES

Perdão, Senhor, é só para culpados:
Eu innocente de perdões não curo.

ATREO

Mas a que vens então? Dize depressa!

PALAMEDES

Venho ao teu interesse, á tua gloria;
Venho ver se de rojo ao precipicio
Te posso inda salvar. O grande Pélope
Tua infancia entregou a meus cuidados:
Amei-te como mestre, e como a filho
Do meu Principe. Se depois subiste
De teus illustre paes ao throno egregio,
Não queres ser amado?

ATREO

Não: temido
E' quanto basta: os reis não tem os subditos
Por amigos: por servos tél-os cumpre.

PALAMEDES

Taes palavras, Senhor, da minha bôca
Nunca as ouviste, quando m'escutavas!
O bom rei viver deve entr'o seu povo,
Como vive um bom pae entre seus filhos;
Sim, respeitado; mas amado sempre!
E comtudo, motivos bem diversos,
De bem maior momento aqui me trazem.
Não falta quem murmure d'esta guerra;
Chamam-lhe injusta; e quando de Thiestes
Já ninguem se lembrava, hoje lamentam
O seu triste destino: a natureza
Sempre assim se regeu: a um perseguido

ATREO

• Quem és tu?

THIESTES

Sou, Senhor, um desgraçado,
Perseguido da sorte.

ATREO

• Que buscavas
Dentro dos muros d'Argos?

THIESTES

O que busca...
Um pobre sempre... algum soccorro... esmola
Que a vida lhe sustenha...

ATRIO

Que fazias
Em casa d'Idamante?

THIESTES

E' compassivo...
E' caridoso... Acode aos indigentes...

ATREO

D'onde és? Como te chamas?

THIESTES

E tu podes
Acaso conhecer-me?... Na Thessalia
Me deram nobres paes esta existencia,
Qu'os destinos tomaram por ludibrio
De seu feroz capricho. Desterrado.

Me vi da patria, e quasi a Grecia inteira
 Mendigando meu pão-tenho corrido!
 E' meu nome Agenór.

ATREO

Deuses! Que escuto?
 Que som de voz é este? Onde?! Em que tempo
 Recordo com horror já têl-o ouvido?!...
 Palamedes... descóras?!... Bem t'entendo!
 Conheceste-o tambem!... E' elle!... E' elle!...
 Eis as suas feições!... Eis a voz sua!...
 Não ha que duvidar... Elle é Thiestes!...
 Meu prazer... meu furor... assaz m'ó mostram!
 Malvado! Foi o ceo quem cá te trouxe
 Para uma vez pagar crimes tamanhos!

THIESTES

Eu! Thiestes! Senhor!

ATREO

Sim, miseravel!
 Tua imagem odiosa na minh'alma
 Deixaram bem gravada teus delictos!
 Para te conhecer é de sobejo
 A raiva que me pungel!

THIESTES

Reconhece-me!...
 Reconhece-me pois: sim: sou Thiestes.
 Tua presença em tal furor m'accende,
 Que não posso encobrir-me. Sou Thiestes:
 Mas, como tu, de Pélope sou filho;
 S'inda teu sangue desmentir não queres,
 Hoje a prova farás. Vai; toma a lança,
 Pega na espada, e vem comigo ao campo
 Entre nós decidir nossa contenda.

Attrae-lhe a compaixão; e attrae o odio
Sempre ao perseguidor. Mal d'este Paço
De sahir acabava, a meus ouvidos
Soou certa voz surda!... Estás seguro
Do exercito e do povo?

ATREO

Nada temo:
Impotentes esforços de rebeldes
Desfarei co'um assopro: mas tu dizes,
Que me tens muito amor; sabe mostral-o,
Descobrimdo-me o nome dos traidores,
Qu'as acções do seu rei censurar ousam.
Trata de t'explicar; um só momento,
Qu'encobres a traição, te faz seu cumplice.

PALAMEDES

Eu delator d'alguem? Julgar podéste
Palamedes tão vil! Melhor devéras
Ter-me já conhecido. Entre teu corpo,
E do assassino o ferro irei correndo
Arrojar-me, e salvar-te; porém nunca
Nomes revelarei, que se fiassem
De mim. Eu venho só por prevenir-te
Contra tua illusão. Em meu abono
Invoco os ceos, Senhor, por elles juro,
Que votos sempre fiz, para qu'a sorte
De gloria, e de triumphos te cercasse
Em todo o teu reinado.

ATREO

Prescindamos
De vans declamações. Dize, que queres,
Que queres tu qu'eu faça?

PALAMEDES

A paixão vence;
Deixa em paz teu irmão; mostra-te ao povo

Rei justo, e generoso; assim consegues
 Ganhar-lhe os corações, imperar n'elles.
 D'outra sorte, verás todas as horas
 Nascer conspirações, correr o sangue.
 Destruirás, é certo, muitas d'ellas;
 Mas quem, que uma não vingue, t'assegura?
 Qu'espantosa seria a tua queda!
 Quem com terror governa, em terror vive
 Muito maior! E' rei de desgraçados,
 Mais desgraçado qu'elles!

ATREO

Ah! percebo:
 Tu queres-me aterrar; desenganado,
 De que os amigos teus vão ser punidos,
 Imaginaste um meio de salvat-os,
 Qu'era em verdade facil! Velho incauto,
 Assaz confias na velhice tua!
 Mas olha, que uma vez te não enganes!
 Treme do meu furor!

PALAMEDES

Oh! Praza aos Deuses,
 Que te não arrependas; e que o dia
 De lembrar-te meu nome nunca chegue.
 Consolado, Senhor, vou retirar-me:
 Cumpri o meu dever; a voz amarga
 Da verdade, fallei dentro no Paço;
 Perigosa empreza, digna d'um subdito,
 Que o rei, e a patria amou, mais qu'a si proprio

SCENA VI

ATREO, PALAMEDES, EIONE0, CERAUNO

CERAUNO

Ajudou-me a fortuna; as ordens tuas
 Executei sem ruido; de soldados
 O preso acompanhado alli conduzo:
 Marca, Senhor, agora o seu destino!

PALAMEDES

• Um preso! Quem será!

ATREO

E conheceste-o?

CERAUNO

Não, Senhor.

ATREO

Onde estava?

CERAUNO

D'Idamante

Na casa o descobri a custo immenso:
 Idamante sahira; eu fiz cercal-a
 Pelos soldados teus; e n'um difficil,
 Occulto camarim fui enconral-o.

• *Aparte.*

Entregou-se á prisão sem resistencia;
Mas uma só palavra inda não disse.

ATREO

Vai; faze-o entrar aqui.

SCENA VII

ATREO, PALAMEDES, EIONEIO

PALAMEDES

* Já entrevejo
O momento cruel, que s'aproxima:
Vou chamar a Rainha, vou...

ATREO

Espera:
Conhecerás talvez quem seja o preso,
Que vai entrar aqui. Sinto em minh'alma
Desusado furor! Ah! Que presagios
Serão os meus?!

SCENA VIII

ATREO, THIESTES, PALAMEDES, EIONEIO
CERAUNO, GUARDAS

CERAUNO

Senhor, eis o mendigo,
Que mandaste prender.

PALAMEDES

** Oh Ceos! E' elle!

* *Áparte.*

** *Áparte.*

ATREO,

Perfido! E combater comigo ousavas?!
 Porqu'antes d'offender-me não tiveste
 Igual valor? Porque me não chamaste
 A decidir então, quem merecia
 Ser d'Érope marido? E queres hoje
 Medir comigo os brios? Desgraçado!
 Perde da vida as esperanças ultimas,
 Se tæl-as te lembrou. Eu só respeito
 Um dever que é... morreres! nenhum outro
 Comigo contrahiste.

THIESTES

Dar-me pódes
 A morte a teu sabor. Tua coragem
 Nunca passou alem d'um furor barbaro,
 Que só sabe vingar-se sobre inermes!

ATREO

Traidor infame, e vil, tu hem procura
 Excitar meu valor, mas nada alcanças!
 Morrer ás minhas mãos fóra honra grande
 Para tal criminoso! Não; não mudas
 O fado, qu'escolheram teus delictos!
 Quero os myrrados dedos ver da morte
 Palpar-te o coração, mas leptomente.
 Dentro em masmorra tenebrosa, e horrida
 Ás mãs acabarás d'objecto archeiro.
 Não contes com piedosas testemunhas,
 Só eu e o teu verdugo lá 'staremos.

THIESTES

Cruel! Eu já de ti não esperava
 Tratamento melhor! Mas não exultes:
 Resta a meu sangue um vingador no mundo!

ATREO

Morre primeiro; e disporão os Deuses
Depois o que lhes praza! E quem é esse
Heroe, que tanto exaltas?

THIESTES

E' meu filho!

PALAMEDES

* Oh, imprudente!

THIESTES

Porqu'um só instante
Não gozes de prazer sem amarguras,
Sabe, que tenho um filho. O amor da esposa
Que a ti me preferiu, deu-me este fructo.
Elle na Grecia existe, mas seguro
De teu furor iutil!

ATREO

** Morre, infame!
Morre da minha mão!

PALAMEDES

*** Senhor...

ATREO

**** Perverso!

-
- * *Aparte.*
 - ** *Arranca a espada.*
 - *** *Ajoelhando, e embaraçando-o.*
 - **** *Sempre para Thiestes.*

ATREO E THIESTES

125

THIESTES

Morrer da tua mão é honra grande!

ATREO

Quero-te o coração.

THIESTES

Fere! Esculpida
D'Érope acharás n'elle a bella imagem.

ATREO

Vai, monstro, unir-te a ella. As furias todas
Teu cortejo farão.

SCENA IX

HIPPODAMIA, ATREO, THIESTES,
PALAMEDES, EIONEIO, CERAUNO, GUARDAS

HIPPODAMIA

• Barbaros filhos,
Escutai-me uma vez! Se a natureza
Já vos abandonou; se quereis sangue,
Derramai todo o meu! Tirai-me a vida
Antes, qu'a amargureis com crimes novos.

ATREO

Senhora, em que momento um filho buscas!...
Quando o monstro maior, que deu o inferno,
Em vez d'envergonhar-se, faz alarde
Do seu mesmo delicto, é que tentavas,
Do poder maternal certo abusando

• *Entrando com precipitação, e Palamedes se deve já ter levantado.*

Fallar-me em compaixão? Não te conheço
N'este instante por mãe!

THIESTES

Ainda um filho,
Senhora, aqui achaste, e tão ditoso,
Que morrer alcançou da mãe nos braços!
Agora, sim, tyranno, a minha gloria,
Minha consolação roubar não podes.

ATREO

* Foge.

PALAMEDES

** Senhor, é mãe!..

HIPPODAMIA

Oh! ceos!

SCENA X

HIPPODAMIA, ATREO, THIESTES,
PALAMEDES, EIONEIO, CERAUNO, SÓLDADO
GUARDAS

SÓLDADO

Acode aos teus, Senhor. Acode,

ATREO

Qu'infraustas novas
Vens trazer-me?

SÓLDADO

De apparecer começa
Entr'os soldados sedição furiosa.

* *A Hippodamia.*

** *A Atreo.*

ATREO

E que causa os induz? Quem são os chefes
Da revolta?

SOLDADO

Idamante acompanhado
D'outros Archontes mais, eu vi no campo
A' frente dos rebeldes: grande parte
Das tropas se lh'uniu; e os que ficamos
Firmes no dever nosso, constrangidos
Fomos a retirar! já corre o povo
Pelas ruas armado; e os gritos crescem,
E os teus do Paço ás portas se amontoam,
De Thiestes em alto o nome sóa;
De tuas mãos é só para livral-o
Que os revoltosos marcham!

ATREO

Por Thiestes
Os traidores combatem?! Vou levar-lh'o...
Mas como elle merece. Eionco, corre,
Os meus fieis reune, eu já te sigo!

SCENA XI

HIPPODAMIA, ATREO, THIESTES,
PALAMEDES, CERAUNO, GUARDAS

ATREO

* Alcançaste, Senhora, o qu'intentavas!

* *A Hippodamia.*

Idamante te serve, e a hora extrema
 Chega talvez d'Atreo! mas não me pesa!
 Thiestes expirar verei primeiro!
 Dous filhos perderás! Emfim... é tempo.
 Para teus aposentos te recolhe,
 Que a natureza lassa principia
 A recordar-me em vão, que sou teu filho!
 * Não folgues, não, traidor, ninguém salvar-te
 Do castigo já póde.

THIESTES

E então qu'esperas?
 Cuidas que temo a morte? Não a temo!
 Só te peço uma graça! Descarrega
 Sobre mim todo o peso de teus golpes.
 Eu t'os mereço... nem perdão t'imploro;
 Mas respeita a rainha... assaz penosa
 Lhe foi nossa existencia! Não prolongues
 Depois da minha morte os seus tormentos.

ATREO

** Retira-te, Senhora!

HIPPODAMIA

*** Não retiro.
 Quero a tens pés morrer! Sé compassivo,
 Atreo, com tua mãe a vez primeira!
 No ventre, que te trouxe, embebe o ferro!
 Sempre uma mãe perdôa... não vacilles!

-
- *A Thiestes.*
 - ** *A Hippodamia.*
 - *** *Ajoelhando aos pés de Atreo.*

SCENA XII

HIPPODAMIA, ATREO, THIESTES,
PALAMEDES, EIONEIO, CERAUNO, GUARDAS

EIONEIO

Senhor, o p'riço augmenta. Os revoltosos
Com jámais vista audacia se avizinham
D'este Palácio. O filho de Thiestes
Nos braços d'Idamante conduzido
Lhes aviva o ardor.

ATREO

Qu'escuto, oh! Deuses!
O filho de Thiestes * Ah! levanta-te!
Venceste emfim; venceu a natureza!
Mais resistir não posso! Que me ordenas?

HIPPODAMIA

** Que a teu irmão abraçes! Que perdões!
Que um a outro vos ameis, quanto eu vos amo!

ATREO

Abraçal-o?! Não basta perdoar-lhe?
A vida elle quer só, não meus abraços!

THIESTES

Cruel! E como assim olvidar finges
Tudo o que já tentei por aplacar-te?!

* Depois de pensar um pouco diz á Rainha.

** Levanta-se.

Offendi-te atrocemente; mas quem pôde
 Das illusões d'amor vencer o impulso?!
 Iguala meu pesar meus crimes todos!
 Qué mais de mim exiges? Se t'eu-tinha
 Ódio mortal, tu mesmo me forçavas
 A aborrecer-te! Tu, que minhas supplicas
 De paz, e de perdão nunca escutaste!

ATREO

Basta d'exprobrações. * Vai: annuncia
 Aos rebeldes a paz. Mas porque saibam,
 Que ás vozes d'umã mãe, do sangue á força
 Cedi sómente, quero, que deponham
 As armas. Só de mim depende a vida
 Do meu irmão. Conheça enfim a Grecia
 Qu'Atreo é generoso, e qu' é sensivel.
 ** Mas elles vem! oh raiva!... Dissimule-se!

SCENA XIII

HIPPODAMIA, ATREO, THIESTES,
 PALAMEDES, IDAMANTE, EIONE0,
 CERAÚNO, ARCHONTES, GUARDAS

IDAMANTE

Todos, Senhor, fiéis vassallos somos;
 Nem da rebellião a estrada infame
 Trilharemos jámais. Se o ferro empunham
 Nossas dexttras, é para libertar-te
 D'essa paixão feroz, que te devora.
 Sim; vê, Senhor, que crueldade insana
 Te deslumbra, e te perde. Não queremos,
 Que o nosso rei, da Grecia o maior principe,

* *A Eioneo.*

** *Áparte.*

Qual o Tracio Diomedes terror seja.
 Do proprio povo seu, dos seus visinhos.
 Thiestes, que o perdão por tantas vezes
 Te pediu, hoje seja perdoado.
 Vá gosar a Mycenas do teo patrio,
 Nem lhe perturbes mais seus tristes dias.
 Sêgurança futura enfim promette
 A todos nós, e todos te juramos
 Eterna lealdade.

ARCHONTES, *que vieram com Idamante*

Sim, juramos.

ATREO

Onde está meu sobrinho?! Quero vê-lo,
 Quero de pae servir-lhe.

IDAMANTE

Resguardado
 Foi de novo per mim.

ATREO

Bem... escutai-me:
 Não penseis, que da força eu temeroso,
 Vos ceda n'um só ponto. Inda conservo
 Bravos guerreiros, que comigo as armas
 Da victoria brandir bem saberiam.
 Porém... não... eu detesto civis guerras,
 Nem posso derramar dos meus o sangue.
 Suspiros maternas, já conseguiram,
 O que vós pretendieis. Já Thiestes
 Fez reviver em mim o amor fraterno;
 Quanto passou s'esqueça. Louvo muito
 O zelo, que mostrais por minha gloria.
 Sobre a taça de Tantaló hoje mesmo
 Juraremos a paz. Inviolavel
 Sabeis, que sempre foi tal juramento.

Eis minha mão, Thiestes. Penhor certo
D'amor ella te dá. Porém os Numes
Querem abonador... puro, innocente;
É quem senão teu filho, ha de aqui sêl-o?

THIESTES

Sim, caro irmão, virá sobre os altares
Meu filho ser da paz abono aos Deuses.

ATREO

Vamos purificar-nos. Tão augusta
Sagrada ceremonia assim o exige.
Ide, amigos; agora os Deuses tomam
Nosso logar... obedecer-lhes cumpre.

PALAMEDES

Temos um rei!...

THIESTES

Oh dita!...

HIPPODAMIA

Quero... tambem... comvosco... Ah!... eu succumbo
A' força do prazer.

ATREO

Vamos, Senhora,
Vamos dispor-nos para a grande festa,
Qu'este o dia fará mais memoravel.

FIM DO ACTO QUARTO

ACTO QUINTO

SCENA I

ATREO, EIONEIO

ATREO

Minhas ordens cumpriste?

EIONEIO

Executadas
Foram todas per mim. Já novos chefes
Os batalhões commandam. Leaes todos,
Firmes no seu dever.

ATREO

Sempre cautella
Com gente costumada a ser rebelde!
Mas cumpre arriscar tudo! Se m'escapa
De Thiestes o filho, grande parte
Se perde da vingança, e eu quero-a inteira.
Elle vem; retiremo-nos; o tempo
D'alliança jurarmos será logo.

SCENA II

THIESTES

O' nobre habitação de meus maiores,
Eu te saúdo! Alfim cheguei a ver-te
De festival adorno ataviada!

Quanto ditoso fui!... quem suppuzera,
 Que os cantos sepulcraes se mudariam
 Em hymnos de prazer, de paz, de gloria!
 Deuses! Ah! Vós, que vedes a minh'alma,
 Sabeis, qu'envergonhada de seus crimes,
 Os detesta, e maldiz! Contente a vida
 Entregaria ás Parcas, e pudesse
 Não tel-os commettido! Erros, fraquezas,
 Sei que foram; mas contra um irmão terno,
 Que pôde perdoar-me generoso,
 Da mais justa aversão domando a furia!
 Que resta?... Reparar as minhas faltas
 D'acções boas á força!... Se reparem!

 SCENA III

THIESTES, IDAMANTE

THIESTES

Salvador de Thiestes, nos meus braços
 Parte vem receber do digno premio,
 Que a tão altas virtudes é devido!
 Mãe, filho, irmão, um reino, a paz... a vida,
 Tudo me restauraste! E' em Mycenas.
 Que reinarás comigo,

IDAMANTE

Não pretendo
 Subir, Senhor, tão alto. O teu affecto,
 A tua gratidão bastam sómente
 Para recompensar-me. O ceo permita,
 Qu'inuteis meus serviços te não fossem.

Por ti... pelo teu filho os meus receios
Não cessaram ainda...

THIESTES

E que motivos

Tens para recear?

IDAMANTE

Atreo conheço!...
Aquell'alma soberba, e vingativa
Tornou-se humilde, e meiga em tempo breve!...

THIESTES

Não estranhes, amigo, essa mudança;
Atreo, sim, é cruel, porém é filho!
A maternal angustia abriu entrada
Em seu peito á piedade. Se tu viras
Os excessos, que fez! Sua alma toda
Nos olhos lhe fallava. Era loucura
Seu novo amor comigo! Que franqueza!
Que sincero prazer alli reinava!
Que suaves abraços repetidos
Um ao outro nos demos sem reserva!

IDAMANTE

Nos abraços d'Atreo assim te fias?!
Teu coração, Senhor, leal, ingenuo
Perfidas apparencias desconhece!
E porque aos batalhões tira elle os chefes
A' nossa justa causa affeiçãoados?!...
Mas não; não queira o ceo, que eu aqui seja
Ave de mau agouro. Só te peço,
Que a tudo com cautella os olhos volvas,
Quanto te cerca. Lembra-te que em Argos
De teu irmão no Paço estás agora,
A quem muito offendeste; e que um contrario,

Quando caricias faz, é mais temivel,
Que quando ameaços trôa.

THIESTES

Bem disseste:
Mas deixemos suspeitas, que injuriam
O meu nobre character. Antes quero
A morte, que a vilesa. O juramento
Prometti; hei de dâl-o. Se Atreo mda
Aos soldados os chefes, que m'importa?
Os soldados, e o povo... Eis minha força!
Vai: traze aqui meu filho.

IDAMANTE

Vê!... não queiras
Arriscar o innocente.

THIESTES

Nada arrisco.
Pela taça de Tantalô sagrada
Nossa amisade, e paz jurar devemos.
Quero da avó nos braços, ver meu filho
Aos Deuses off'recido, pura victima!
De meu pesar sincero, e de meus votos
O futuro penhor seja o innocente.

IDAMANTE

Obedeço, Senhor; mas voz interna
Me diz ao coração, que algum desastre
N'este sacro apparatus anda escondido.

SCENA IV

THIESTES

Tanta perfidia em coração fraterno
Póde caber?! Ah! não; por mim o julgo.

Meu irmão offendi; mas elle pôde
 A morte dar-me... e conservou-me a vida!...
 Que fins tenha sinistros não compr'endo!...
 E deverei fiar-me?... Quantas vezes
 Fui d'Atreo abraçado, me parece,
 Que respirava a custo, e que seus olhos,
 Apesar da alegria, que mostravam,
 Tinham um não sei quê d'horror occulto!...
 Quem sabe se seu odio existe ainda
 Da natureza os brados abafando!...
 Este Palacio!... Oh! ceos!... se o filho percol!...
 Eu por elle só temo... d'Idamante
 Abalam-me as razões... mas a promessa,
 Que fiz a meu irmão!... Não fiz nenhuma!...
 Eu nunca prometti do filho a vida!...
 Corro a salvá-o... aqui não appareça...
 Mas a Rainha chega.

SCENA V

HIPPODAMIA; THIESTES, CEFISA

THIESTES

Emfim, Senhora,
 Que m'annuncias tu? Mudada a sorte
 Para nós se sorri? Atreo magnanimo
 Attenderá dos ceos á voz, que em breve
 Se vai pronunciar sobre os altares?

HIPPODAMIA

Não duvides, meu filho, Atreo escuta
 O sangue, e a humanidade, que lhe fallam.
 Cedeu seu coração; e n'este dia
 As vontades do ceo são também suas.
 Das velhas dissensões, da antiga injuria
 Custa-lhe a esquecer-se: agora mesmo
 Elle m'o disse; mas o bem do Estado,

O povo em teu favor tão commovido,
 O meu amor, e a honra propria sua,
 Tudo o venceu, e diz, que quer na Grecia
 Da grandeza d'um rei deixar exemplo,
 Que leve o pasmo ás gerações futuras.

THIESTES

Abalou-me Idamante! Eu receiava,
 Que teu neto assistisse.

HIPPODAMIA

Não receies;
 Eu 'stou aqui; Atreo conduz a taça
 De Tantaló sagrada, e ser prejuró
 Não ousará sobr'ella. Supponhamos,
 Que traição meditava, o povo é o mesmo
 Que te salvou ind'hoje; se o rei pensa
 Que, por ser povo, mude, e te abandone,
 Para que quer a fraude, tendo a força?
 Sempre a quem é leal os ceos protegem;
 Nunca a perfidia, ó filho, de ti venha;
 Cumpre o que prometteste.

THIESTES

Sim, Rainha,
 Não temas falsidade no teu filho;
 Se da medonha morte o espèctro feio
 Prepara n'este dia horrores novos,
 Has de intrepido vêr-me per entr'elles
 Mostrar que sou teu sangue.

HIPPODAMIA

O terror deixa.

THIESTES

Eu não tenho terror. Palpa-me o peito,
 Vê como o coração pausado bate!

Só o amor, que ao teu neto, e a ti me prende,
 Póde um pouco abater minha coragem,
 Mas extinguil-a nunca. Ceos!... Que vejo?
 Atreo!... Eis o momento.

SCENA VI

ATREO, HIPPODAMIA, THIESTES, CEFISA,
 CERAUNO, GUARDAS *

ATREO

Irmão querido,
 Raiou al-fim o dia aureo, e ditoso,
 Que deve a nossos odios pôr um termo.
 Meu grande coração conheça a Grecia:
 Veja que soube Atreo mostrar-se digno
 Dos inclitos avós, do regio sceptro.
 ** Satisfeita, ó Rainha, serás hoje!
 Vai entre os teus a doce paz firmar-se!
 *** Mandaste vir teu filho?

THIESTES

Aqui não tarda.

ATREO

Venha... e de nossos pactos penhor seja.

* Deve vir um altar, que se colloca no fundo do theatro.

** A Hippodamia.

*** A Thiestes.

THIESTES

Mas onde a taça está, pela qual sempre
Juraram nossos paes?

ATREO

Com ella em breve
Chegará Eioneo.

THIESTES

Quem? Esse infame,
Que sempre contra mim...

ATREO

Irmão... suspende...
Suspende accusações que nos deshonram.
Tudo quanto passou hoje se esqueça;
Meus amigos serão os teus amigos;
Reciproco perdão lhes dêmos ambos!

HIPPODAMIA

Ah! que doce prazer a taes palavras
Me banha o coração. Por este preço
Todas as minhas dores são bem pagas!
Atreo, tu és meu filho, nunca percas
Tão generosos, nobres sentimentos.

ATREO

Não perderei, oh! não; nunca na vida
Dia de mór prazer 'sperei do que este!

THIESTES

D'amor, e gratidão tão vivo impulso
Jámais, Senhor, tambem senti no peito!

Quem d'elle o coração tirar podéra
Para a verdade ingenua ser patente!

ATREO

Thiestes... eu te creio... o teu... affecto...
Assaz me toca... hei de saber pagar-t'ó...
Mas Eioneo co'á taça a ponto chega.

SCENA VII

ATREO, HIPPODAMIA, THIESTES, CEFISA,
EIONE0, CERAUNO, GUARDAS

EIONE0

* Eis, ó Senhor, a taça veneranda;
Do modo que mandaste, aqui t'a entrego!

ATREO

** Respeitavel penhor, que os juramentos
De nossos paes em todo o tempo ouviste...
Ouve tambem os meus. Por ti eu juro
De dar a meu irmão não dubias provas
De como perdoar-lhe me cumpria,
Uma cruel, atroz, barbara injuria,
Que ante este mesmo altar se fez outr'ora.
Juro tambem por ti, desde este dia,
Que o ceo piedoso a meus desejos manda,
Tudo esquecer, deixar em paz Thiestes!
*** Contente estás? Acaso inda duvidas
De meus votos sinceros?

THIESTES

Não duvido.

Eu só das traições tuas duvidava.
Dá-me a taça; deixa que eleve aos Numes
Meus verdadeiros, puros juramentos.

ATREO

**** Sim: ella te pertence, irmão, recebe-a.

* *Apresentando a taça a Atreo.*

*** *A Thiestes.*

** *Tomando a taça.*

**** *Dando-lh'a.*

THIESTES

Taça de nossos paes, sê testemunha
 Das promessas leaes que faz Thiestes!
 Irmão sempre fiel d'Atreo ser juro.
 Será seu o meu povo; em paz, e em guerra
 Cumprir da gratidão sacros deveres
 A seu lado virei, mal, que me chame!
 Desconsoladas mães, cansados velhos,
 Já da tuba guerreira o som medonho
 Mais não tem d'escutar; já sem terrores
 Abraça a terna esposa o esposo caro.
 Vamos fazer as libações aos Deuses.
 Amado irmão, começa: * mas meu filho
 Esperemos...

ATREO

Teu filho está no Paço...
 Tu vaes unir-te a elle! Principia
 A libação...

THIESTES

No Paço está meu filho?!
 E não vem assistir?!... ** Porém... que ideias
 Horriveis!... Aqui sangue!..

SCENA VIII E ULTIMA

ATREO, HIPPODAMIA, THIESTES,
 PALAMEDES, CEFISA, EIONEIO, CERAUNO,
 GUARDAS

PALAMEDES

*** Oh! ceos! Aparta,
 Thiestes infeliz!... Aparta os labios

* No acto de restituir a taça.

** Descobrimdo-a; e o theatro principia a escurecer-se.

*** Entrando com precipitação, e consternado.

D'essa taça fatal!... Teu filho é morto! *
Vi soldados ferozes immolal-o
Nos braços d'Idamante, que só pôde
Bravo e leal morrer tambem com elle! **

ATREO

Mas seu sangue eu te dava... era teu sangue...
Juguei do meu dever restituir-t'ol

THIESTES

Oh! monstro, o mais atroz que os ceos irados
Para opprimir a terra produziram!...
Horror da natureza!.. vês... *** um ferro
Inda me resta... **** morreremos ambos!

ATREO

Baldado é teu rancor! Guardas, predeei-o;
A' punição fugir em vão pretendes!
Se querias viver, não me ultrajasses!

THIESTES

Assassino!... Teus féros não me abatem!

* Silencio.

** Silencio.

*** Tira um punhal.

**** Quer ferir Atreo.

Como se morre livre eu sei... mas treme...
Treme, que de meus ossos não renasçam
Mil vingadores!... * Cara mãe, acolhe
Meu derradeiro adeus. **

HIPPODAMIA

E foi-para isto,
Deuses cruéis, que a vida me guardastes!... ***
Oh! meu filho..., oh! meu neto!... ****

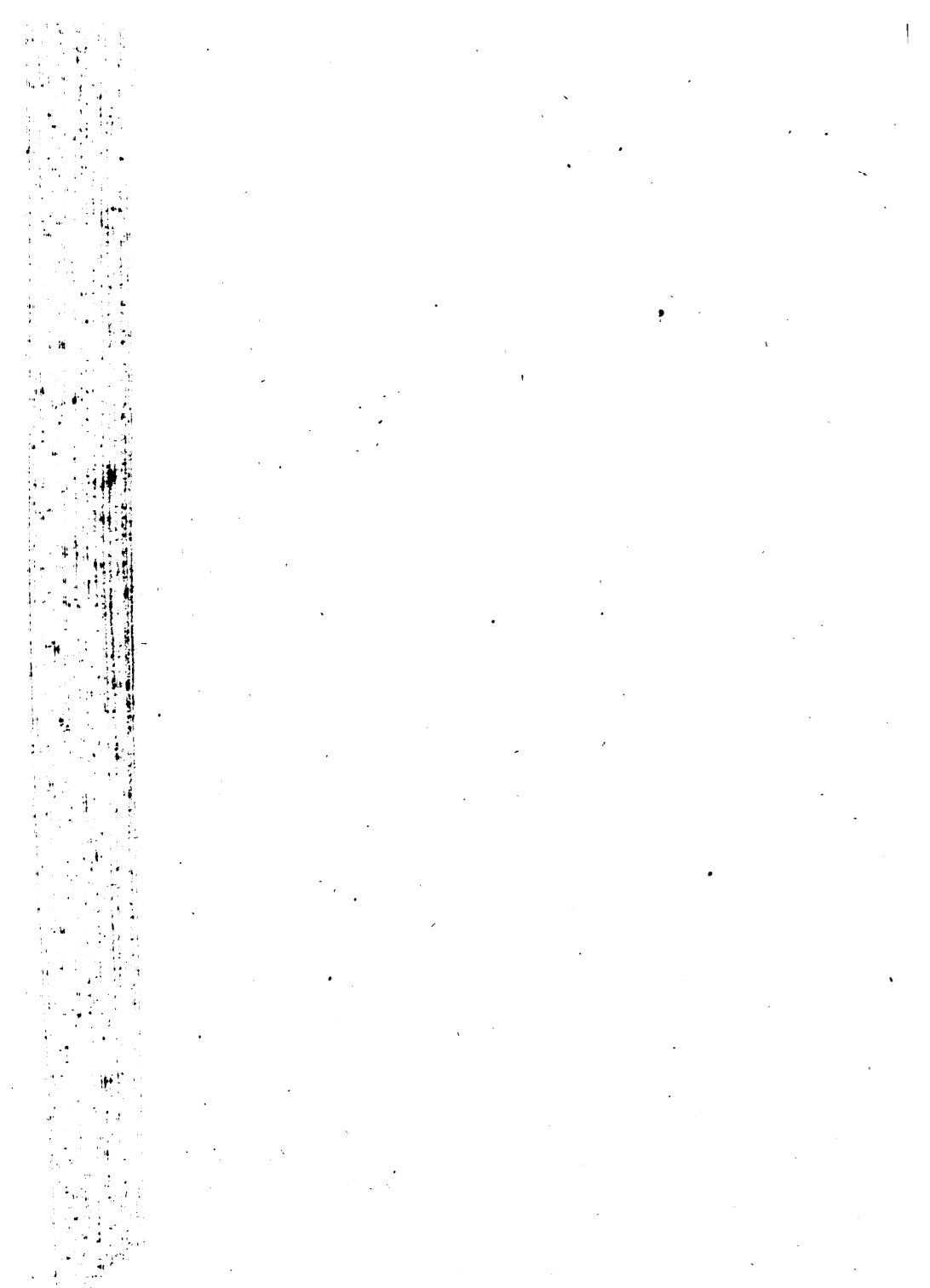
ATREO.

**** Teus presagios
Aceito por tal preço. Mas... que escuras
Sombras são estas?! Foge a luz! Os ares
Tomam luto medonhos! Oh Jove! Acaso
Condemnas a vingança?! Era Thiestes
Tão amado per ti?! Já prumpto o raio
Me virá fulminar?! Que furia nova
Me sinto consumir?! Serão remorsos?!...
Remorsos em Atreo?... Destino barbaro,
Zombo do teu furor!... Viram meus olhos
Do perfido a agonia... e a sua morte
Agora os proprios Deuses já não podem
Privar o peito meu de um gozo immenso!
Que mais não brilhe o sol, que o mundo acabe...
Que entre tormentos mil me fuja a vida...
Tudo será prazer... morro vingado!

FIM DA TRAGEDIA

* A Hippodamia.
** Mata-se.
*** O theatro acaba de escurecer-se.
**** Cai desmaiada nos braços de Cefisa.
***** Dirigindo ainda a falla para o corpo morto de
Thiestes.

AMOR E RECEIO



AMOR E RECEIO

CONTO

I

Carlos Magno, esse heroe, de quem nos conta
O bom padre Turpim proesas tantas,
Que deu aos mouros mais de cem batalhas
E que n'elles cortava per tal arte,
Que se vive mais annos, adeos mouros...
Teve uma filha, Emma, tão formosa,
Que mais formosa ser ninguem podia.
De seus cabellos a madeixa loura
Era qual d'um cometa a magestosa
Cauda brilhante, que no ceo se estende
Com todo o seu luzir e relampejo,
Vinham quatro criadas cada dia
Para lh'a pentear, e diz a historia
Que de ganchos de rosca lhe pregavam
Pelo menos dous mill... Mas assim mesmo
Se desfazia tudo ao mais pequeno
Balanço que fazia... tal o peso

A que deitavam caracões e tranças!
Quem hoje dera um penteado d'estes
Para as nossas donzellas se enfeitarem!

II

Tinha a testa arqueada e tão perfeita,
Que não faltou quem, vendo-a, a comparasse
Co'a lua, quando em noute luminosa
Vai proxima a fazer quarto crescente.
Seus olhos eram pardos, mas tão vivos,
Que melhor se fitava o sol, do que elles!
Afilado o nariz, ovado o rosto,
Pequena a boca, perolas os dentes,
A cutis delicada, a côr mui linda,
Largas as costas, a cintura estreita;
O pé, que mal enchia uma chinela
De curta dimensão e tão bem feito!...
E logo acima a perna... oh que d'encantos
Suás vestes reacs dissimulavam!...
Eram ceos, paraizos... era o Olimpo
Com seus primores todos, com seu nectar...
Mas pinte-os o desejo, pois não ousa
A paleta e o pincel dar-me o arrebique,
Que faz mister para bellezas tantas.

III

Tinha o monarcha invicto e poderoso
A seu serviço um page'... era Eginhardo
O nome, que lhe davam. Moço esbelto,

Agil, valente... que fallar sabia
Com doçura e meiguice ás raparigas.
E' verdade, que d'aguas de colonia,
D'oleos de macassar nunca fez uso.
Andava como deve andar um homem,
Bem lavado, vestido com aceio,
Sem effeminação, sem ar d'eunucho.
Não tinha pois signaes de peralvilho,
Nem ares de boneco, que hoje vogam
Com vergonha d'avós, que no outro mundo
A cara escondem por nos ver tão loucos.

IV

Este pagem um dia viu a furto
Emma, filha de reis... e n'um relance
Sentiu arder-lhe o peito em lavaredas
Tão fortes, tão activas, que ao Vesúvio
Podiam sem mentira comparar-se.
Amor cresce depressa, é como a chamma,
Que entrou n'um armazem de linho ou 'stopa:
E tanto amor cresceu, que al-fim não pôde
Emma desconhecê-lo per mais tempo.
Vê n'este caso a dama como um lynce...
Nos astros, sobre o polo, entre os antipodas
Que vá sumir-se o amante... ha de encherгал-o!
Louvado seja Deos, que tão bons olhos
Lhe deu por seu resguardo... e nossa pena!

V

Mas d'Emma o coração não era um seixo...
Quasi sempre a belleza é humana e terna.

Primeiro a compaixão, e a pouco espaço
 Vem vindo amor fagueiro e sem sentir-se!
 Depois sonhos nocturnos... e ella os teve
 Com desejos e ais... gemidos ternos;
 Melancolia, involuntario pranto,
 Que a rosea face inunda. Ah! como é linda
 A donzella no despontar d'amores!...
 Assim Emma gentil todos os dias
 Sentia amor crescer, e ao mesmo tempo
 Crescerem graças no arrebol da idade.

 VI

Eginhardo pescou estas mudanças
 Que em Emma succediam. Destro amante
 As pesca pelo ar, e exp'rimentado.
 Não quiz (teve razão) perder o ensejo.
 Começam de correr doces missivas
 Per delambida ancila *estafetadas*:
 (E esta moda pegou, que ind'hoje dura!)
 Após missivas não tardou o engodo
 De meigas entrevistas; 'té que ao cabo
 Vencidos com razões alguns escrup'los...
 Razões, que o bom Cupido ia dourando
 O melhor, que podia, com promessas
 De lealdade e constancia, e até, oh pasmo!
 De morrer por amor, cousa rarissima!
 Uma cumprida noute—era em dezembro—
 A porta se lhe abriu bem á surdina
 Do palacio d'Armida, mas d'Armida
 Sem ser bruxa, nem velha disfarçada
 Com feitiços do démo. Armida pura,
 Casta, innocente, em todo o luxo e arreio
 De sua juventude e formosura.
 Que protestos então, que juramentos
 De ser sempre fiel amante esposo...

E porque não os crê, pois sempre as bellas
Parecem duvidar do amor, qu'inspiram,
O mesmo, que jurára, outra vez jura...
E mais jurára, sei eu lá!... mil vezes
Se teima em duvidar. São os amantes
Mui faceis em jurar e por desgraça
Faceis tambem em perjurar no alcance!
Mas Eginhardo aos juramentos dava
No tom de sua voz, no volver d'olhos
Tanta força, que al-fim sem mais remedio
Acreditou-se tudo... tudo... tudo...
Então osculo de paz lhes prende as almas
E por palavras houve de presente
Casamento solemne, ingenua boda.

VII

Eginhardo, que pela vez primeira
Reparava pasmado emquanto é curta
De dezembro uma noute... mesmo em França...
Custa-lhe a desprender-se; mas convinha
Da amiga escuridão aproveitar-se
O protector silencio. A despedida
De lagrimas e risos é mesclada...
E com firmes tenções, com firme esp'rança
De na séguite noute darem novas
Demonstrações de fé tornando a ver-se.
Mas, oh dor! oh destino ingrato sempre
Aos votos de quem ama! Emquanto os novos
Esposos ao prazer se dão incautos,
A neve, a quem d'amor não queima o fogo,
Em camadas cahiu taes e tamanhas,
Que o mais pequeno pé atravessal-as
Não poderá sem que alli deixe a marca.
Eginhardo, coitado! conhecendo
Ser força descobrir-se a tentativa

Com tão feliz auspicio começada,
 Perdeu a côr, estremeceu, e disse:
 —«Agora sim, querida esposa! é certa...
 E' certa a minha morte! Eu não a temo,
 A vida tenho em pouco... e mais... oh Emma!
 Morrer por ser amado é dom precioso;
 Que vale vidas mil... mil existencias...
 Mas perder-te, morrendo... eis todo o 'spinho,
 Que no peito me punge! Quando a sorte
 Em seu desvelo me afagava os dias,
 Quando teus beijos um porvir de gosos
 Me descerravam prasenteiros, ternos...
 Que terrível tormento! D'improviso
 Do cumulo da mais aurea ventura
 Despenhado n'um mar d'angustia immensa!
 Esta neve... esta neve...» A voz faltou-lhe,
 E cáe nos braços d'Emma. Feliz queda,
 Qu'inda a qualquer de nós não molestára!
 —«Ah! tu não morrerás—lhe diz, chorando,
 A carinhosa amante—ás minhas costas
 Te quero conduzir. Assim se illudem
 Curiosos olheiros; pois no gelo
 Verão em vez das tuas, as pégadas
 De meu pequeno pé. Eis-te pois salvo...»
 Maga paixão d'amor, como és pod'rosa!
 Que alento em quem te sente soprar sabes!
 Uma fraca menina, e delicada,
 Trilhando o gelo frio, lá caminha
 Inspirada per ti co'o amante aos hombros!
 (Pobre de mim, que nunca topei d'isto!)

 VIII

**Mas inda aqui não para o triste curso
 Dos desastres da noute indiabrada!
 Horas tiveram de prazer e dita;
 Agora esperem qu'hão de ter pezares!**

Mundo, mundo fatal! Assim a vida
Humana se compõe de dôr e gosos!
Se o calix do prazer nos dá um trago,
Do desgosto os toneis nos dão almudes!
A prova d'isto a achareis, leitores,
Na historia, que vos conto... verdadeira!

IX

Andava Carlos Magno malucando
N'uma nova campanha contra os mouros.
Estes mouros jámais se despegavam
Do bestunto do rei: era o seu fraco!
Que fosse pois Orlando com seis homens
Do Catai á conquista era o assumpto
Qu'então o entretinha. Nem de noute
Dormia com socego o bom do velho!
Madrugára este dia a pensar n'isso;
E per acaso, abrindo uma janella,
(Se foi para cuspir, ou por ter calma
A historia, aqui mancando, não refere)
Viu a filha e a carga... e como tonto
Ficou com tal visão.—«Serão encantos
De Brunélo ou Atlante?!» Eis o que disse,
Fallando co'os botões, e de seguida
Começa a passcar na sala d'armas,
D'ira, d'agitação, de suor cheio...
Que é contra o frio a colera remedio.

X

Já vinha do Oriente a bella aurora
 Varrendo ao sol a estrada... já chilrava
 Importuno pardal sobre os telhados...
 'Scancaravam-se as lojas, e os caixeiros
 No liminar da porta abrindo as bocas
 De côvado na mão se espreguiçavam...
 As mulheres giravam pelas ruas
 Deitando os seus pregões garganteados,
 Quando o bom Carlos Magno o seu Conselho
 Convocou a palacio. Então propoz-lhe
 O caso como o vira; os conselheiros
 Deram votos diversos. Houve d'elles
 Quem quizesse uma forza para premio
 Do mais fiel amor! Mas o monarcha,
 Que, não sendo co'os mouros, era docil,
 Compassivo e bondoso... deu ao démo
 O rigor, e mandou, que prompto viesse
Ante Curiam dizer de facto e d'reito
 O venturoso amante. Conta a historia
 Que quando o triste moço ouvira a ordẽm
 Tremera como um vime, e que dissera
 Quasi desesperado:—«E' impossivel
 Qu'invenção do diabo amor não seja!
 Eu, que vivi na côrte tantos annos,
 De todos bem aceito e acarinhado
 Emquanto não amei... apenas sinto
 Tocado o coração d'uns meigos olhos,
 Um malvado me chamam, um perverso
 Digno de morte atroz n'um cadafalso!
 Como é isto, senhores?! Hão de os homens
 Censurar a quem ama uma donzella,
 Que tem requebros mil, que tem encantos
 Capazes de agradar até a um santo,
 E dar com elle doudo?... Que é solteira

E muito casadeira?... Melhor fêra
Punir os que cortejam altas damias
Que esposo e dono tem! Olvidam esses...
Embora sem pudor vão postergando
Da sociedade as leis sábias e justas;
E no charco do crime se enlábuzem
Commettendo adulterio a cada canto!
Mundo! mundo! que és casa dos orates...
E d'elles sou em um por ir lampeiro
Saborear manjares d'alta estofa
Sem guélas afeitadas a comel-os!...
Que tormento infernal! E' impossivel
Qu'invenção do diabo amor não seja!...»
Disse: e caminha á sala do Conselho,
Onde, ante o imperador, de olhos na terra
Como a mulher de Loth, 'statua parece.
Eis que sáe, trovejando, aos regios labios
O som, que nas abobadas rebomba:
 — «Infeliz, que fizeste? A magestade
De teu rei e senhor ousado insultas?...
Que negregado genio impio, protervo
A mente te offuscou, te entrou no peito?
Ingrato a meus favores, tu pensavas,
Perfido, em illudir-me?... E não sabias
Que sobre os maos a providencia véla
Só para os descobrir e castigar-os?
Julga-te agora, dize, que mereces?»
A tão terrivel voz o pobre pagem
Tremulo titubêa, e sem sentidos
Cahiu de bruços nos degraos do throno.
A pancada foi tal e tão 'strondosa,
Qu'espantados fugiram p'ra os buracos
Centenares de ratos bons freguezes
D'aquelles salões todos do palacio!...
E diz entre parenthesis a chronica
Que não sabiram mais em todo o dia:
Tanto poder n'um bicho tem o medo!...
So rriu-se o imperador, pois só foi esta
A punição, que quiz dar ao culpado.
E não foi tão pequena!... quanta gente
Tem morrido de susto pelo mundo?

XI

Emma, que recbêra então aviso
 Para vir ao Conselho, entrava agora
 Com os olhos pizados, com olheiras...
 (Pizados de chorar, que não por moda)
 E logo vê o misero do amante
 Estendido no chão como um cadaver!
 Correu p'ra o levantar, porém conteve-a
 O respeito do pae, que assim lhe falla:
 —«Chega, querida filha, e não receies.
 Sou teu pae, não serei o teu verdugo...
 Se amor te deu um 'sposo, não t'o roubo.
 As leis do pundonor, e o feudalismo,
 Qu'entre o nobre e o plebeu-enlaces vedam,
 Que os principes separam dos vassallos
 Para ligações taes por um abysmo...
 Devem-se respeitar, bem o conheço!
 Mas nunca com tal força e tyrannia,
 Que a natureza em ferros agrilhoem.
 A lei suprema, ó filha, é ser ditoso...
 Agradou-te Eginhardo, eu t'o concedo.
 Homem nasci, não rei! Da humanidade
 A voz sómente escuto... quem lhe é surdo
 Será principe ou rei, mas não é homem.
 Levanta-te, Eginhardo, sê meu filho;
 Eis a tua consorte, adora-a sempre:
 E dai-me netos, que a velhice extrema
 Me possam consolar, matando mouros...»
 Mal isto diz, benigna mão estende
 Ao triste derrocado, que se agarra
 Sem se lembrar que é mão de rei!... Mal pôde
 Minha penna escrever o que sentiram
 N'este momento os dous ternos amantes!
 Imaginem-no pois almas sensiveis,
 Que eu cá per mim não sei 'sboçar delicias
 D'este peso e medida. Em taes apertos
 Se viu o bom Camões em seus cantares

Tra la spica e la man, quando na bella
Ilha, por quem o mar saudoso chora,
A musa poz em fralda de camisa
Para brincar a gosto co'os requebros
Das nymphas tão ladinhas. Que fez elle
N'esse caso intrincado? Disse e eu digo
Seguindo o trilho seu, trilho de mestre:
Melhor é exp'rimental-o, que julgal-o,
Mas julgue-o quem não pôde exp'rimental-o.
D'est'arte perdoar soube um monarcha
A' natureza um erro, e não um crime;
Obrou bem, mas o caso é melindroso:
Fuja-se a entrada, louve-se o desfecho.

FIM DO AMOR E RECEIO

IDYLLIOS

IDYLLIO PRIMEIRO

Junto das frescas margens apraziveis
Que o Cavado frondoso banha e rega,
Um pastor existia, a quem terriveis

Golpes d'era d'amor a paixão cega;
Filinto era o seu nome, rico em gados
E mais bens, que a fortuna aos pobres nega:

Mas da abundancia em troco os duros fados
Dentro em su'alma borbulhar faziam
Ancias, desgostos, penas e cuidados.

Sempre os olhos chorosos se lhe viam,
E quando, apesar seu, co'os mais fallava
Distrahidos suspiros lhe fugiam.

Nos bosques mais sombrios se occultava;
De si mesmo e das rezes esquecido
Em extasis continuo delirava.

Quantas vezes descendo o monte erguido
Vinha o lobo roubar-lhe da manada
A vitella melhor sem ser sentido!

Quantas vezes das fragas despenhada
Cahia a mansa ovelha na corrente
Sem do seu guardador ser resguardada!

Assim passava os dias tristemente
O misero Filinto, assim a vida
Abreviando-lh'ia a dór pungente.

Uma manhã, que a aurora mal sahida
Lá das portas d'Eóo, a luz primeira
Lançava sobre a terra escurecida,

O affligido pastor, que a noute inteira
Do somno a doce paz em vão chamára,
Deixa a cabana, e vai para a ribeira.

Mais cedo, que o costume madrugára,
Pois que nos braços do silencio entregue
Inda a caterva pastoril ficára.

Com tardos passos vagaroso segue
Da parda luz os raios duvidosos
Por ver se a dór mitiga, que o persegue.

Entre uns rudes penhascos escabrosos,
Para as bordas do rio sobranceiros,
Parando al-fim, rompeu em ais queixosos:

—«Deosa, dizia elle, que aos outeiros
Vens despindo da noute o manto escuro,
Recebe meus alentos derradeiros.

Aos insoffríveis males que eu aturo
Talvez que termo ponha em breves horas
Da inexoravel parca o ferro duro!

Furia cruel, que o peito me devoras,
 Ciume ralador enquanto eu vivo
 Farta de sangue as garras matadoras;

Bem sei que ter não póde lenitivo
 A dôr atroz, que o coração flagella
 Com golpe cada vez mais forte e esquivo;

Mas deixe a um infeliz a sua estrella
 Ao menos exhalar em vãos gemidos
 Negra paixao que a mente lhe atropella:

Seja entre estes rochedos desabridos
 Raras vezes d'humanos pés calcados
 Que meus casos refira nunca ouvidos.

Aqui da ingrata Ulna os já quebrados
 Juramentos d'amor puro e constante
 Aos eccos contarei com tristes brades.

Ah! pastora infiel! no teu semblante
 Ninguem jámais previu achar occulto
 Um cofre de traições tão abundante.

Tens de Venus o gesto, tens o vulto;
 Mas tens, qual tigre hyrcana, a crueldade
 E qual volúvel grimpa o vario culto.

Descobriste, prejura, em mim maldade
 Que dêsse causa ao teu procedimento
 D'horrenda aleivosia e falsidade?

Pelo torpe Lisêo... ceos! que tormento!
 Pelo torpe Lisêo abandonares
 O mais leal amor do pensamento!

E não tens pejo d'inda estes logares
 Per ti manchados com acção tão feia
 A par do immundo amante audaz pizares?!

Não te lembra que todos n'esta aldeia
 Pelo mais vil vaqueiro reconhecem
 Esse, que no teu peito a chamma atéa!

Bem mostras, que és mulher, bem te parecem
 As inconstancias, que em tua alma entraram
 E o depravado gosto, em que fenecem!

Quam velozes os dias já passaram,
 Em que no monte ou prado ou na floresta
 Os meus ternos suspiros te agradavam!

Quando durante o estio e a longa sésta
 Comigo á fresca sombra t'entretinhas
 Em pratica amorosa, mas honesta!

Eu na relva assentado de florinhas
 Ramos compunha em quanto desçaçavas
 Unindo á linda face ás faces minhas.

Então nos olhos meus os teus fitavas
 E com branda meiguice encantadora
 Tua constante fé me asseguravas.

—A luz, que me alumia, os ceos agora,
 Me apaguem, meu Filinto, tu dizias,
 Se ao nosso amor me virem ser traidora.

Mais depressa serão as chammas frias,
 Quentes os gelos, negra a luz formosa
 Que na tua pastora aches falsias.

Se a sêcca mão da morte pavorosa
 Da vida me cortar o leve fio
 Amante sombra voarei saudosa.—

Assim, perfida, assim meu desvario
 Com promessas fallazes illudindo
 O golpe me dispunhas mais impio!

Oh! quanto é perigoso um gesto lindo
Quando com falsas mostras lisongia
Quem por sua desgraça o vai seguindo.

Ah! pobre do pastor que não receja
Poder a taça de ouro rutilante
Ser de lethal veneno ás vezes cheia!

Ai de mim! Como pude n'esse instante
Em que a ingrata trahiu minha fé pura
Suster da vida o giro vacillante?!

Que digo? Então morrer fôra ventura
E o fado contra mim, fero e raivoso
Mil mortes n'uma vida me procura.

E' triste o meu viver... é horroroso!
Sentir sempre do mal o amargo effeito...
Sem ver jámais do bém o dom precioso!...

Dize ao menos, ingrata, a que respeito
Elle soube exceder-me ou igualar-me
Para que assim ganhasse o teu conceito!...

Tres vezes, que ousou já desafiar-me
A' luta e á carreira foi vencido
Nem por vencêl-o foi mister cançar-me.

Na flauta e no cantar é conhecido
Que nenhum d'esta aldeia entre os pastores
Pôde comigo nunca ter partido.

Na qualidade e numero os melhores
Rebanhos d'estes sitios me pertencem
E não tenho a figura das peiores.

Mas para que me queixo? Não se vencem
Caprichos feminis do mer'cimento,
Nem das razões mais claras se convencem.

Cousas ha d'um tamanho encantamento
D'um effeito tão raro e peregrino
Que fazem da mulher moinho a vento!

Segue, malvada Uliua, o teu destino,
Que a pouca e triste vida, que me resta,
Gastarei a chorar meu desatino.

A paixão chorarei louca e funesta...
Horas perdidas... não amor, que odeio,
Amor, que a quem o serve, a paga é esta!

D'iguas traições está o mundo cheio.
Liséo digno é de ti, tu d'elle és digna,
Ninguem póde invejar o imnuundo enleio!

Mas já vejo lá vir para a campina
Dos pastores o gado, e já começa
Mostrando o sol a face diamantina.

Ah! Filinto, não mais: das queixas cessa.
Da dôr que te definha e te consome
Jámais a causa horrenda alguém conheça!

Livre d'opprobrio vil seja o teu nome,
E de teu mal a origem vergonhosa
Se occulte emquanto a terra te não come.»

Calou-se o bom Filinto, e a selva umbrosa
Resoou tristemente ás vozes tristes!
Vós, nymphas, que encubriu gruta musgosa
Vós o caso contastes, que lhe ouvistes.

IDYLLIO SEGUNDO

(TRADUZIDO LIVREMENTE DE GESSNER)

Perto da tosca choça, em que habitava,
Sob umas avelleiras assentado
D'est'arte o pastor Jonio a voz soltava:

— «Gentil Armia; a quem ordena o fado
Com tanto prazer meu ter-me sujeito,
Quando farás ditoso um desgraçado?

Quando consentirás, que no teu peito
Ardor igual ao meu se accenda e faça
O mesmo, que em mim faz pod'roso effeito?

Teus negros olhos para mim mais graça
Teem que a fresca manhã, e em teus cabellos
As prisões vejo, com que amor me enlaça.

Teus labios côr de purpura mais bellos
São que o cravo e que a rosa, se d'um riso
Encantador consentes entretel-os.

Se os abres para o canto, d'improviso
Pelos ares se espalha tal doçura,
Que os dons excede do pastor d'Anfriso.

Iada hontem junto áquella fonte pura
Os teus cantos divinos escutando
Passou meu prazer quasi a ser loucura!

Dos alamos, que a cercam, rumor brando
Pelos suaves zephiros movido,
E os ternos passarinhos gorgeando

Tudo me amofinava o meu sentido,
Tudo me aborrecia, quando estava
Na gloria de te ouvir todo embebido!

Vinte e tres produções de Ceres flava
N'estes campos me hão visto, e a figura
De que o ceo me dotou não é ignava;

Mil vezes tenho ouvido na espessura
Dizer, que canto bem, aos mais pastores,
E que sei tocar flauta com brandura.

Nenhum compõe melhor de lindas flores
Grinaldas e festões para adornar
A melindrosa trança aos seus amores.

E não me quererás, Armia, amar?
Não quererás saber quanto agradavel
Comigo n'esta gruta é vir morar?

Repara no tapete delectavel,
Que esta hera fórma em volta do rochedo
Com redes de verdura inalteravel;

Olha aquella carreira d'arvoredo,
Que alinhada plantei... como é formosa!
Alli do ardor do sol me esquivo ledo.

Olha a gruta forrada de mimosa,
Espessa e branca lã, que nada inveja
A' cabana mais rica e mais vistosa:

Vê como em borbulhões rompe e esbraveja
D'este penedo a limpida corrente,
Que ao longo d'esse prado se despeja;

D'aqui vai murmurando mansamente
Té ao fim da collina, aonde a entrada
Faz no pequeno lago transparente.

Vê como a este borda alta ramada
De viçosos salgueiros e da planta
Em que a filha a Ladon foi transformada:

Muitas vezes alli se baila e canta
Ao som da minha flauta. quando a lua
Socegado clarão no ceo levanta:

Cada pastor com a pastora sua
Fórma voltas, dá saltos, marca passos,
Ora avança ou ladeia, ora recua:

Assim nos foge a noute, e quando lassos
Se sentem os amantes vão nas grutas
Os corpos descançar d'amor nos braços.

Olha aquelle pomar cheio de frutas...
Que variadas côres, que belleza!
Que exquisito sabor lhe não reputas?...

Olha o cimino da encosta... que grandeza!
Como de campos todo está c'roado!...
Olha quanto não vale esta deveza!...

Olha esse parreiral tão dilatado
Vergando com os cachos, que espremidos
Dão o vinho melhor d'este montado.

Não te esqueça o jardim... como seguidos
Arbustos tem dos lados, e no meio
Jasmins, cravos e goivos repartidos.

Vê como é engraçado este passeio
Que vai ter á cascata, onde se gosa
Da simples natureza o almo recreio!

Olha aquella manada numerosa,
Que sobre a molle relva corre e salta
No pasto ruminando appetitosa.

Tudo isto me pertence... e que mais alta
Subirá minha dita, ó linda Armia...
Mas... eu... sem ti... oh ceos! tudo me falta.

Se me falta o amor teu nevoa sombria
De trevas cubrirá negras e tristes
D'esta bella morada a galhardia!

Ai de mim... caro bem, se tu presistes
Em deixar-me gemer sem me mostrar
Que só no mundo para mim existes.

E não me quererás, Armia, amar?
Não quererás saber quanto agradavel
Comigo n'esta gruta é vir morar?

Sobre o pãul macio, meiga, affável,
Sentada junto a mim aqui acháras
Ao ceo na terra imagem comparavel.

Para o meu peito a face recostáras,
E d'este coração, que tanto te ama
Doce bater das azas escutáras.

Alli pizãdo a verde e tenra gramma,
Viras entre as ovelhas ir brincando
A vitellinha a quem a idade inflamma.

Acolá, sobre o largo campo, olhando
Do mar a superficie prateada,
A' luz do sol verias tremulando;

Lá viras ir com vela desfraldada
Um enxame de lanchas opulentas
Em busca da sardinha ou da pescada.

Então teu canto, com que o ar alentas
Repetiria, os eccos acordando,
Divinos sons nas grutas somnolentas.

Co'a minha flauta a voz acompanhando
Tal entrevejo já minha ventura,
Que bem póde o prazer ir-me matando...

Mas... ai de mim... que digo... a sorte dura
Só com ideias vãs me nutre e cria
Quando roubar-me um bem real procura.

Surda a meus ais de mim se esconde Armia,
Condemnando ao silencio, á dôr, á morte
Quem só por ella a vida appetecia...»

Mais dissera o pastor, se n'um transporte
Do delirante amor, que o abafava,
Lhe não turbara a voz um pranto forte...

Eis de traz d'um penedo, que ficava
Defronte d'elle, de repente assoma
Aquella, por quem tanto suspirava:

Nos arcs lhe ondeava a loura coma,
Brilhava em graças mil o gesto lindo,
Qual deosa em torno a si 'spargia aroma.

—«Até'gora, pastor, diz ella, ouvindo
Cheia de goso estive o doce canto,
Qu'inda os sentidos meus está ferindo.

Ah! não chores, meu bem, não chores tanto...
Sabe, que só tu reinas em meu peito...
A que aspiras tu mais?... Enxuga o pranto.

Como é ás aves o seu ninho acêto,
Como o cheiroso trêvo ás ovelhinhas,
Tal é grato á minh'alma o teu aspeito.

Um meigo osculo teu nas faces minhas
E' mais doce que o mel, e mais suave
Que o brando murmurar das fontesinhas!

—Sou tua, serás meu—n'aquella trave
D'aquella opáca faia esta legenda
Por memoria d'amôr um ferro grave.

Isto disse a pastora; e sem que attenda
Resposta do pastor, vai ver a gruta;
Evitando assim qualquer contenda
D'uma maneira amavel, mas astuta.

IDYLLIO TERCEIRO

(TRADUZIDO LIVREMENTE DE BION)

O pastor Filinto, a quem
O buço mal apontava,
A' caça dós passarinhos
Uma vez co'um laço andava.

Já tinha pilhado n'elle
Dous, ou tres taralhões, quando
Viu andar uma ave enorme
De ramo em ramo saltando:

Era Amor, que fatigado
Depois de muito voar,
Vinha entre as arvores densas
Refrescar-se e descansar.

Ao ver uma ave tamanha
De gosto o pastor pulou,
Volveu com disfarce os olhos
E a costella preparou.

Sumiu-se depois n'um sitio
D'onde tudo descobria;
Esperou per longo tempo,
A ave porém não cabia;

Vinha sim ao pé da rede
E em volta d'ella girava;
Mas nem mettia a cabeça
Nem no grilinho picava.

Desesperado o rapaz
Do bom effeito dos laços,
Deu sobre elles co'uma pedra,
E fêl-os em mil pedaços.

D'alli correndo partiu
Ter co'um velho lavrador,
Que fôra quem lh'ensinára
Est'arte de caçador.

Contou-lhe o seu vão trabalho
E de raiva até chorava
Mostrando-lhe o alado féro
Qu'inda entre os ramos pousava.

Riu-se o velho amargamente,
Frangiu a testa escavada,
E disse ao rapaz:—«Não cures
D'esta caça endiabrada;

Foge antes, meu filho, foge,
Foge tal ave maldita,
Só em quanto a não conheces
Não conheces a desdita...

O buço, que aponta apenas,
Em te crescendo verás
Como ella então te procura
E as meiguices que te faz;

Mas não t'illudas com ella,
Que então mais ruim, que hoje aqui,
Se agora por ella choras
Te fará chorar por ti;

IDYLLIOS

**Repara n'este cabello
Pouco e branco, que me resta;
Eis o fructo d'essa caça,
Que minhas penas attesta!»**

**Calando-se emfim o velho,
Um ai, gemendo, exhalou,
Que no tenro infantil peito
De Filinto se gravou!**

**Feliz, se seguira sempre
Os bons conselhos, que ouvia,
Hoje não gemera em dobro
Do que o velho então gemia.**

IDYLLIO QUARTO

Quando a linda primavera
la adornando aş campinas
De mimosa verde relva,
De tomilhos e boninas;

Quando o passarinhô meigo
Com voz doce e delicada
Trinava junto ao seu ninho
Branda canção namorada;

Quando toda a natureza
Renovando seus primores
Nos ternos braços de Flora
Respirava mil amores;

Só o triste pastor Jonio
Aos prazeres se esquivava...
Entre a alegria de todos
Sómente elle suspirava.

—«Que mal, lhe disse Filinto,
Que mal, ó caro pastor,
Te esconde a nossos folguedos,
Te sepulta em pranto e dôr?

Por ventura da manada
Veio o lobo carniceiro
Cheio de raiva e de fome
Comer-te o melhor cordeiro?...

Não tens tu boa saúde,
Bens da sorte em quantidade,
Não és amavel, airoso...
Não estás na flor da idade?

Que causa desconhecida
Tens podido escogitar
Para triste e solitario
Sempre carpir e chorar?...

O pastor a taes palavras
Baixou os olhos, gemeu,
E com aspeito magoado
A custo assim respondeu:

—«Quanto, Filinto, t'enganas,
Se me julgas venturoso!
Essas razões, que me apontas
Tornam meu mal mais penoso!

Ah! que importa dar-me a sorte
Dos bens terrenos o augmento,
Se minh'alma atribulada
Vive em continuo tormento?...

Armia, a cruel Armia,
Qu'entre as nymphas vês, pastor,
Roubando o mimo das flores,
E dos astros o esplendor!...

Armia, a cruel Armia
N'este estado me tem posto,
E não cura aquella ingrata
De mostrar-me melhor rosto:

Se nos campos, se no bosque
A procura o meu cuidado,
Mal a tyranna me avista
Para longe leva o gado:

Como se eu fosse uma fera
Assim me evita e me foge,
E eu... insensato... lamento
Não tel-a visto inda hoje...

Se tu amas, meu Filinto,
Se a doce paixão bem sentes,
Que a natura se recreia
Em dar a todos os entes;

Ai... dize, serei feliz?...
Posso viver satisfeito
Quando me abraza e consome
A chamma, que arde em meu peito?...

Adorar... ser desprezado!
Fallar... não ser attendido!
Póde um triste soffrer tanto?...
E folgar... e andar garrido?»

Aqui um rio de lagrimas
Da face ao longo corria
Do desditoso pastor,
Que já nem chorar podia!...

Filinto compadecido
Sem podel-o consolar...
(Que isso tem consigo amor,
Só se consola em gozar!)

Que fez? Calou-se confuso
E pediu aos ceos piedade
Para que elles o livrassem
D'outra igual enfermidade!..

ODES

ODE PRIMEIRA

(A JONIO)

A VIDA CAMPESTRE

Embora affronte de Mavorte as furias
Audaz guerreiro, a quem a fama cante,
Tropheos erija, a frente lhe laurêem
Inclitas c'rôas:

Em lenho fragil atravesse os mares
Affouto nauta, e dos seus lucros cego
Perca das vagas, dos tufões, da morte
Frigido susto:

Deixe o repouso e sem cessar medite
Subtil politico em mil novos planos
Com que os destinos das nações prendendo
Prosperos reja:

A sorte d'esses, que famintos vóam
Apoz da gloria, do int'resse e mando,
Ab! quantas vezes, em logar de gostos
Lagrimas gera:

Bens momentaneos alcançando apenas,
Nutrem desejos, que jámais saciam,
Té que da morte nos myrrados braços
Miseros cahem.

E é esta, ó Jonio, dos humanos dita?
Dentro em su'alina a doce paz não tendo,
Póde o mortal chamar-se venturoso,
Dize-me, póde?

Eu que em socego n'esta aldeia passo
Alegre a vida, olbando a natureza
Como diversos, variados fructos
Provida cria!

Que ora nos valles á ligeira lebre
Galgos velozes m'entreteem seguindo,
Ora nos montes na costella a rôla
Timida colho:

Que recostado na mimosa relva
A' fresca sombra de copado freixo,
Durante a sesta com prazer desfructo
Languido somno:

Que quando a aurora rociando surge
D'orvalho meigo as delicadas flores
Attento escuto como as avesinhas
Canticos trinam:

Que então colhendo de jasmins e rosas
Lindas grinaldas off'recel-as corro
A' bella Enalia, que em meu peito accende
Magico fogo;

E ella aceitando-as com sorrir divino
Tão docemente o coração m'embala,
Que em rapidez instantes me parecem
Da vida os annos!

Não sou acaso muito mais ditoso,
Que esses qu'anelam ideias venturas,
As quaes per ultimo a fortuna varia
Irritas volve?

Ah!... sim, confessa, Jonio men, confessa,
Que se na terra feliz sorte existe
Só a possui o que da paz os dotes
Solidos busca:

Que satisfeito com o seu destino
O mundo evita e seus bulcios foge
E que em descanso deleitavel gosa
Jubilo p'renne:

Que ao brando amor de candida donzella
Terno sujeita o coração sensivel,
Sem que o ciume lhe bafeje u'alma
Halito negro:

Que da amizade conhecendo o preço
Amigo escolhe, a quem descobrir possa
Nos seus prazeres, ou nas maguas suas
O intimo peito:

Tal é o quadro da existencia minha:
Adoro Enalia, a natureza admiro,
Vivo contente com meu proprio fado,
Amo-te, ó Jonio.

ODE SEGUNDA

(A JONIO)

A AMISADE

Sonoras expressões, phrases sublimes
Com que sabe no Pindo um vate illustre
Cantar acções d'heroes, d'amor prodigios,
Ah... não as tem Filinto:

Apenas póde em rude cantilena
Fróuxas, rasteiras vozes entoando,
Ser como o cego, que de porta em porta,
Cantando, pede esmola.

Eis, ó querido Jonio, eis onde chega
A força do meu estro; em vão pertendo
As vezes remontar vôos mais altos...
Minhas azas são de Icaro.

Ora me lembro de cantar proezas
De famoso guerreiro, a cujas plantas
Humildes os destinos se curvaram
Da raça humana inteira:

ODES

Ora o turbado mar me traz á mente
Façanhas immortaes de affoutos nautas,
Que desprezando os ventos procellosos
E de Neptuno a furia,

Per caminhos incognitos correram
A' fama e á gloria, descobrindo ao mundo
Novos remotos mundos, que espantassem
A velha gente ignara.

Tambem de quando em quando elevo os olhos
As doçuras do amor onde descubro
Apolineas grinaldas, que desfolham
Mal total-as intento!

Emfim não posso; bastem-me os desejos.
Pulsar a maga lyra, que encantava
De Thebas e Venusio outr'ora os ares
Dado não foi a todos.

Direi, como souber, ó caro amigo,
Que da santa amisade os doces laços
Entre nós sejam sempre o penhor firme
De duradoura dita.

Taes são meus votos: oxalá que n'elles
Qual eu encontro, encontres prazer puro,
Então sem pejo affirmarei vaidoso
Que fiz bem boa Ode.

ODE TERCEIRA

A VIRTUDE

O' tu, qu'inda dominas em meu peito
Liberdade innocente, alta ventura
Dos primeiros mortaes, porque nos foges?
De tuas leis que é feito?

Sebre esta terra deploravel, onde
Impera o vicio e a corrupção triumphpha
Já não queres altares, já não queres
Em teu louvor incensos?

Os corações, escravos voluntarios,
Só d'erros e paixões seguindo o trilho,
Teu doce imperio e dons e bens cambiam
Por fôfas apparencias.

Per toda a parte, oh dôr! vejo cadeias
Com falso brilho deslumbrando os olhos,
Prendendo as almas, enlaçando os pulsos
Dos homens illudidos.

Haver não poderá quem sobranceiro
Ao egoismo, á seducção, ao crime
Queira a vida passar em paz tranquilla
Livre de ferreo jugo?

Se um homem tal existe a seus pés corro
Tributar-lhe homenagens, que á virtude
São sómente devidas; sim sómente
No mundo assim se é homem!

Feliz mediocridade, ingenua deosa,
Nos tempos teus gravada em letras d'ouro
Descubro a santa lei, que humanas ditas
Estabelece e firma:

Lá fulgem nas columnas pendurados
Os famosos tropheos per que salvaram
Os Cámillos, Fabricios, Cincinatos
Do precipicio a Roma.

Illustres generaes, cidadãos probos,
Co'o braço invicto, que já não depara
Mais imigos, que vença, aos campos volvem
Lavrar as terras suas.

Da Dictadura deixam sceptro e mando,
Fantasma enganador, frivola sombra,
Para gozar prazeres puros, solidos,
Que nada turbar póde.

Caia o palacio do faustoso Pluto,
Da gloria vã desapareça o idolo,
Verdadeiros heroes talvez mais prestes
Surgir então veremos.

Quem vãs riquezas, honras vãs despreza,
Quem só fitando da virtude o lume
Obra as boas acções porque são boas,
Esse é feliz, é grande.

ODE QUARTA

CONTENTE-SE CADA UM COM A SUA SORTE

O fortunatos nimium sua si bona norint.
VIRG. GEORG. 2. VERS. 458.

A' voz do Creador, que retumbára
Pelas do vacuo solidões immensas,
Existiram os ceos, brilharam astros,
Surgiu do nada o mundo.

Um ente inda faltava, que podesse
Sentir, apreciar, grandeza tanta;
Da criação prodigio existe o homem
E nasce amor com elle.

Mas não foi esse amor vendado ou cego,
Que os poetas nos pintam com seu arco,
Setas, aljava e auri-ornadas azas
Menino sempre e louco!

Monstro incognito ao mundo, quando asylo
Lá do Eden nos vergeis seguro davam
A' innocencia humana, emquanto o crime
Rugia ao longe apenas!

Que tempo tão feliz! Que bem tão doce
 Nossos primeiros paes então gozaram!
 Manes do grande Milton ensina-me
 Parte do que soubestes.

Sim, puro e meigo amor, tu inspiravas
 Prazer brando e suave aos dous esposos,
 Um sentimento só lhe unia os peitos,
 Um só querer as almas.

Tristeza allí não ha, não ha terrores
 De medonho porvir; o par ditoso
 Passeia sobre a terra, que tapetam
 Lindas, mimosas flores.

Eterna-primavera allí domina;
 Cheiroso aroma os ares embalsama;
 Da morte o germen não perturba ainda
 De Adão e d'Eva o goso!

A tibieza, o tedio, o esquecimento,
 A suspeita fallaz, o impio ciume
 No abysmo encarcerados inda ignoram
 Dos corações a porta!

Auras de paz saudosa quam ligeiras
 Passastes para nunca mais voltardes!
 Pomo... pomo fatal! como continhas
 Em teu seio um inferno?!...

Mas... ó bom Deos... não foi... não foi o pomo
 Quem nos perdeu; a inobediencias ás ordens
 Do Creador matou a creatura
 Desconhecida, ingrata!

Sempre nascem de nós os nossos males!
 Dos bens, que temos, nunca saciadós,
 Buscamos mais, e n'esta lida insana
 S'esvae a humanidade!

ODE QUINTA

AO NASCIMENTO DA ILL.^{ma} E EX.^{ma} SNR.^a
D. Mécia DOS PRAZERES MAGALHÃES E MENEZES,
FILHA PRIMOGENITA DOS ILL.^{mos} E EX.^{mos} SNRS.
JOSÉ DE MAGALHÃES DE MENEZES E VILLAS-BOAS
E D. ANNA ADELAIDE PREFEITO D'ARAGÃO,
PRIMOS DO AUTHOR

Salve tres vezes, nobre e boa estirpe!
Um ramo brota mais do tronco antigo,
Que a região dos evos abraçava
Com válidas raizes.

Cortando destemido um mar incognito
Soube Colombo ao velho mundo ignaro
Mostrar novos paizes, que occultavam
Talvez de Adão thesouros.

Fez muito; e já no templo da memoria
De louros immortaes reina cr'oado;
Maz não fez tudo; novas maravilhas
Os destinos preparam. *

* *Trata-se da navegação do grande Fernando de Magalhães.*

Da impenetravel urna ver o fundo,
 Varrer-lhe mesmo com a mão ousada
 Quantos a enchiam dons d'immensa gloria
 Um Magalhães só pôde!

Fernando! oh! de seu nome os ceos se admiram!
 Diz, vendo o mundo:—Hei de correl-o em volta;
 Horridos mares o terror não lançam
 Dentro em meu peito impavido.

O mesmo giro, com que o rei dos astros
 Caminha em torno á terra hei de eu fazel-o: *
 Animo tenho lusitano, altivo,
 Serei rival de Phebo.»

Em lenho fragil parte: em vão os Euros
 Com procella medonha o ar confundem;
 Em vão de monstros mil coalhado o pego
 A não tragar promette;

Não assombra jámais a mão do susto
 De Magalhães o rosto denodado:
 —«Ávante, companheiros, brada intrepido,
 Á gloria, somos Luzos!»

Só vence os p'rigos quem os não receia:
 Illustre Magalhães, assim fizeste!
 Viste o berço do sol, viste o seu tumulo...
 Marcharás no seu carro!

Aos Condamine, aos Cook, aos La-Peyrouse
 A estrada abriste de prodigios cheia!
 Foram grandes... mas que seriam elles
 Sem teu esforço e genio?

* *O grande navegador falla segundo a crença astro-
 nomica do seu tempo, em que a descoberta pasmosa de
 Galileo não estava ainda averiguada.*

E tem jámais teus brilhos d'offuscar-se?
Hão de esquecer-se? Sim: mas é teu sangue
Quem os faz olvidar: qual gloria póde
Eclipsar a belleza?!

Se a deosa alti-sonante, que firmando
Na terra os pés aos ceos eleva a fronte,
Dizia—MAGALHÃES,—já só lembravam
Terras, mares longinquos:

Hoje só lembra amor... amor só reina.
De Magalhães ao nome terno e brando
Desce Venus, as Graças a acompanham,
E desce amor com ellas.

Ao berço da que nasce gentil nympha
O cortejo celeste em gosos chega:
Venus a toma, as Graças a acarinham,
Amor lhe dá mil beijos.

Magalhães... Magalhães... o illustre nome
Já não recorda mares descobertos;
Convida os corações aos meigos laços
De doce e puro affecto.

ODE SEXTA

TRIBUTO DE SAUDADE

À MEMORIA DO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR. VISCONDE
DE ALMEIDA GARRETT, PRINCIPE DOS POETAS
PORTUGUEZES DO SEU TEMPO

Manibus date lilia plenis!
VIRG. ENEID. 6..

Morreu! oh! não morreu... genios, como este,
Começam a viver quando libertos
De terreno envoltorio á mansão voam
Da immensa eternidade luminosos!
Sim, Garrett immortal, eis teu destino;
De par em par as portas se te abriram
Do magestoso alcaçar, onde ha muito
Um throno t'esperava engrinaldado
D'immarcessiveis c'roas, que não póde
Desfolhador inverno destruil-as!
Receber-te alli veio o grande Tasso,
E com elle Camões veio abraçar-te!
Camões, a cuja gloria, que par'cia
Não poder augmentar, soubeste ainda
Novo realce unir pelo teu canto!
Alli Virgilio, Dante, Ariosto, Homero
Te cercam, te contemplam, e te admiram!

Ah! se tão nobres almas ter podessem
 D'alguma cousa inveja invejariam
 Teu 'spirito sublime, unico, ou raro!
 E qual não é seu pasmo quando encontram
 No genio, cuja luz quasi os innunda,
 A lhaneza de um homem franco, ingenuo,
 Que a soberba e a vaidade desconhece!
 Mas em meu coração sinto a amargura
 D'esta ausencia fatal... chore comigo
 Seu-adorno perdido a patria inteira!
 Que variados talentos n'um só homem!
 Era Catão, que moribundo em Utica
 A' virtude ensinava e á liberdade
 A expirarem sim, porém romanas!
 Era Luiz de Sousa, que mostrava
 Dos luzos corações n'antigas eras
 A fina tempera, o valor indomito!
 Era a meiga ternura e o sentimento,
 Que em Branca, e Aben-Afan reina e triumphal!
 Delicado, exquisito, como nunca
 Hade humano pincel melhor pintal-o!
 A heroicidade dos passados tempos
 Revivia em seu estro inimitavel!
 Qual outro Walter Scott restituia
 A' vida as sombras dos avós illustres!
 Em vão minha alma vendo-o entre os nubes
 Me diz por consolar-me:—«Era pequena
 Para genio tão grande a terra toda;
 Tocava-lhe outra patria... a eternidade,
 Por quem só se media a sua gloria!
 Olha os raios de luz que elle despede,
 Como no espaço brilham do infinito,
 Nem jámais terá força de assombral-os
 Do tempo a mão, que espalha ondas d'olvido!»
 Assim falla a razão... mas ah! que importa?!
 Póde mais que a razão no peito a mágoa.

Foi grande Portugal quando em Oorrique
 Firmou sobre o crescente as sacras quinas!

Quando em Aljubarrota um rei soldado
 Cortou os laços co'a fulminea espada
 Da estangeira invasão á patria oppressa!
 Quando o atrevido Gama devassava
 Do feio Adamastor o occulto imperio!
 E' grande Portugal quando hoje aponta
 Para o templo da gloria, e diz ao mundo:
 — «Entre os que vês fulgir, e aos quaes consagras
 Respeito, admiração, e quasi um culto;
 O ser eu dei a dous; a sua gloria
 Ha dé existir emquanto exista o genio!
 N'elle a parte hei de ter que a natureza
 Por filhos tão queridos me concede.
 Roma acabou em si, vive em Virgilio!
 Camões! Garrett! oh! nomes taes não morrem!
 Sou Portugal, hei de viver com elles!»
 E' esta a voz da patria, e se a saudade
 Nos não consente ouvil-a sem que o pranto
 Por nós responda á nacional grandeza,
 A' nossa justa dôr perdôe a patria!
 Nós, que o illustre finado honrava tanto
 Com a sua amisade, como havemos
 Supportar sem gemer perda tão grande?!
 Elle vive, é verdade, envolto em gloria,
 Mas não vive entre nós, e o peito humano
 Se é fraco por gemer... ai!... tem desculpa
 Gemendo sobre a campa de um amigo!
 Alli lhe espalharemos puras flores...
 Regadas pelo pranto da amisade
 Talvez conservarão o viço triste,
 Que o sentimento da saudade adoça!
 A historia, o tempo, as epochas vindouras
 Seu nome exaltarão e a sua gloria!
 Nós, vivendo com elle, que o perdemos,
 Chorar a sua morte só podemos!

TRADUCÇÃO DA ODE

AO TEMPO

DE M.^r THOMAZ

I

O' tempo, ó ser incognito, que apenas
Noss'alma abraçar pôde quando Urania
Póde a seu bom prazer medir o espaço;
Tu, qu'invisível tragas dias, sec'los,
Que a vida para o tumulo me arrastas,
Deixa que eu ouse emquanto a não estingues
Teu curso contemplar alguns momentos.

II

Quem me descobrirá quando nasceste?!
Quem pôde a vista remontar á origem
Da existencia tua, se o teu berço
Os limites tocou da eternidade?!
Inda nada existia, mas teu germen
Na sombra escura do espantoso abysmo
Sumido e sem acção já repousava!

III

Eis que as portas do cahos se descerram,
De deslumbrantes soes eis brilham fogos,
Nasces então e as leis do Eterno cumpres.
Disse Elle ao movimento:—«Sê medida
Do tempo;» e logo disse á natureza:
—«O tempo é teu, á criação pertence,
Comigo fica sempre a eternidade.»

IV

Tal é de Deus a essencia; muito abaixo
De seu throno immortal rola o oceano
Das edades, que envolve as creaturas
Sem jámais d'esse throno aproximar-se;
Dos dias os milhões, que se succedem,
Os seq'los, que uns sobre outros se derrubam,
São qual o nada do Eterno aos olhos!

V

N'este mundo montão sempre composto
De lama ou de poeira em vão pertendo
Contra o tempo encontrar barreira; tudo
Seu vôo impetuoso arrasa e vence,
Nem me é dado parar, minh'alma attonita
O na vasta extensão ponto, que occupo
Sob meus trémulos pés vê escapar-se!

VI

Por entre as neovas da existencia mostra-me
Em toda a parte a destruição vestigios!
Aqui antigos tumulos musgosos,

Acolá muros fortes derrocados!
Já vejo altas columnas em destroço,
Já de grandes cidades só as cinzas!
Eis do tempo as pégadas no Universo!

VII

Respeitam seu poder os elementos,
Ceos e terra lhe cedem, mas enquanto
Sua terrível mão silenciosa
As bases mina á criação se elevam
Do pensamento activo as igneas azas,
E voando comigo além do mundo
Me deixam contemplar do tempo as obras.

VIII

Ouso por vós chamar sec'los passados,
Sec'los, que haveis de ser, também vos chamo,
Ao momento, em que estou vinde ajuntar-vos;
Da immensa duração com passos firmes
Eu quero percorrer todos os pontos,
Quero viver nas eras do futuro
Sem que o presente e o passado olvide.

IX

Cançado o sol no curso magestoso
Por degráos perderá calor e brilho;
Os orbes, que divagam pelo espaço
Sem força ficarão envelhecidos!
Quaes os duros penedos das montanhas,
Que para os valles cáem, taes os astros
Uns sobre os outros cabirão um dia!

X

Da eternidade então começa o imperio:
N'esse vasto oceano, em que se abysma
Tudo quanto existiu; o proprio tempo,
Qual humilde ribeiro, irá sumir-se,
Mas minh'alma immortal vencendo os sec'los
Da destruição isenta irá voando
Sobre o sepulchro do Universo extincto.

XI

Omnipotente Deos, só tu fixaste
Os limites ao tempo como aos mares,
Só tu conheces o fatal momento
Em que hade a noite começar eterna!
Não o sabemos nós, nem tal insciencia
Deve jámais cessar, senão no dia
Em que findar do velho mundo a machina!

XII

Espantai-vos, mortaes, quando na torre
O tremulo metal vos annuncia
Com seus rapidos sons que as horas fogem,
Do relógio ao bater minh'alma accorda,
Attenta escuta e ouvir sempre imagina
Quando o martello fere o bronzeo sino
Em cada vibração soar a morte!

XIII

Triste cegueira humana! Erro funesto!
Só temos n'este mundo um breve instante
D'intelligencia e vida, e esse instante

Que assim s'escapa e foge é peso enorme!
Avaro de seus bens, da vida prodigo
O homem quando chega a conhecer-se
Invoca a morte, e cava o seu jazigo!

XIV

Sob cem annos vergando alguns existem
Que um dia não viveram, outros captivam
A preço de ouro a vida, estes em jogos
Ruinosos gastam a existencia amarga!
Para passar o tempo, que os fatiga
Sua fortuna aquelles barateiam!
Bem mais que a morte é infeliz tal vida.

XV

Insensato existir! Deixai-o, humanos,
A alma intelligente é vossa vida:
Seja ella só quem vos regule o tempo,
Culto á sabedoria dai profundo,
Aprendeí a viver comvosco mesmo,
Arte suprema é essa, então sem susto,
Vossos instantes contareis tranquillos.

XVI

Se em troco de ouro vil eu devo um dia
Votar-me á escravidão, tornar-me baixo,
Miseravel e infame, se os sentidos
Me devem só servir para lançar-me
No molle coração paixões ignobéis.
Previne, ó tempo, tanto mal, apressa-me
Contra a vileza a salvação na morte.

XVII

Se a generosa chamma da virtude
Passar de meus escriptos póde ás almas
Dos que aspiram ao bem; se d'um amigo
Infeliz minorar eu devo as dôres,
Se da innocencia obscura e desditosa
Que sem que a escutem chora, hade espontanea
Minha mão debil enxugar o pranto.

XVIII

Teu vôo então suspende, ó tempo, a edade
Juvenil me respita, a mãe que adoro,
Receba longos annos o tributo
De filial ternura; e vós, ó Deosas,
Formosas, immortaes, Virtude, Gloria,
Vossas azas brilhantes estendendo
Vinde pousar em meus cabellos brancos!

FIM DAS ODES

CARTAS

CARTA PRIMEIRA

(A JONIO) *

Não póde, caro Jonio, per mais tempo
Meu coração sensível já conter-se,
Sem saber novas tuas, sem alivio
A' saudade, que o punge, buscar n'ellas.
Cavernosa espelunca do silencio,
Porque não deixas vir á luz do dia
Do meu querido Jonio a aurea penna,
Que da doce amisade tantas vezes
As ternas expressões dentro em minha alma
Indeleveis gravou? Que fado iniquo
Roubar-me quer ousado gloria tanta?
Ah! dize, dize, ó Jonio, acaso a dita
D'alguns novos amores te deslembra
Do teu leal Filinto? Alguma bella
D'estas fascinadoras, que apparecem,
Com tal doçura o coração te trinca
Que aos amigos não deixas nem lambel-o?
Consólo-me em pensar que assim não seja.

* *Esta carta foi escripta n'um inverno, que o author passou na Povoá de Varzim.*

Bem que possa engolfar-te um gesto lindo
Nas delicias, que amor aos seus diléctos
Envia de presente, qual envia
O fallaz pescador a isca aos peixes:
Bem que tenha esse Nume em ti guerreiro
Incansavel, constante, obediente,
Que sem temer muralhas, nem trincheiras
Per entre o som terrivel das bombardas
Mil Oczackous assaltarás n'um dia!
E tomarias Troya em dez minutos
Se de outra Helena o rasto alli bispasses!
Sei que, apesar de tudo, da amisade
Conheccs o valor, que entre os combates
Calorosos, difficeis, um momento
Teu generoso peito lhe dedica.
Ceda pois a preguiça ás vozes d'alma:
Escreve ao teu Filinto novas tuas
Para dar-lhe prazer e distrahir-o.
Agora, que na costa o mar bramindo,
Erguendo até aos ceos montes d'escuma
Com medonho fragor quer engulir-nos,
Que o dia em treva escura transformado
Ao rouco som da chuva e do granizo,
Que salta nas vidraças e telhadós
De frio tiritando me conserva
N'um pesado capote amortalhado:
Que as noutes tão cumpridas, como feias,
Sibilando no ar com furia o vento,
Em somno modorral me teem submerso,
Sem uma vez ao menos ver da sota
Puxar pelo rabinho, agora venham
Do meu presado Jonio as brandas letras
Diminuir um pouco o peso enorme,
Que sobre mim o carrancudo inverno
Vai lançando sem dó. Taes são meus votos
Tal da presente carta o fim sincero.

CARTA A FILINTO *

Adeos, Filinto, doce amigo, a ausencia,
A saudade, este adeos quanto me punge!
Quanto me fere o intimo seio d'alma
Deixar os lares onde tu disfructas
Não falsos bens d'amor, reaes venturas,
Venturas, que appetço, e que me fogem,
Qual foge ao cego adorador da sombra
Na limpida corrente a imagem sua;
Aqui, Filinto, doces bens te enleiam,
Enleia-te um prazer, um goso d'alma
Puro, innocente, brando, deleitoso,
Que no seio mortal, com mão avara,
Não sei se um Creator, não sei se o acaso
Mesquinho escasseou entre catervas
De dôres mil, e mil, de mil tormentos.
Porém, Filinto, quão diversos ambos
Os quadros vemos que te off'rece a Patria! **

* Esta carta foi dirigida ao author por seu primo
D. João d'Azevedo. Está impressa no jornal—«O Ci-
dadão Filantropo,» n.º 3.º

** A Povoa de Varzim.

(Patria lhe chamo; porque é Patria ao homem,
Solo, que attenta de occultar-lhe as cinzas.)
Essas Campinas soltas ao Nascente,
Essa Arcada soberba que negreja
Lá pelos sitios onde o Sul rebenta,
A grita do Remeiro, e mais que tudo,
O Theatro vastissimo dos mares,
(A ti, Filinto, a ti talvez tão caro!)
Que dôr mais do que dôr, que golpe immenso
M'encrava a lento, e lento, e sem que finde
Vida d'angustias lhe avigóra as forças!

Estes prados, Filinto, estas campinas,
Este celeuma présago dos Notos,
O som das vagas, que na praia quebram
Uma apoz outra rebentando em flores,
Redobram mais, e mais o meu tormento,
Acerbam-me a saudade, e voz interna
Me diz ao coração:—«Armia outr'ora
Viu estes prados, estas ondas bravas,
Deu aos campos belleza n'um sorriso,
N'um suspiro, n'um ai brandura aos mares;
Estas paredes, este mesmo tecto,
Que hoje te abriga já cobriu Armia;
Os lascados taboões talvez que vissem,
Despidos d'alvo linho, e frouxas sedas,
Seios mimosos, feiticeiros pómos
Da minha Armia...» Mas que horror! Que disse!
Eu minha lhe chamei, e ella me fuge!
Eu sem ella! Eu sem ti! O' meu Filinto,
Encara os fados meus, e vê-lhe o effeito:
Estremeço d'horror; o sangue é gêlo;
E' gêlo o coração, e a pouco, e pouco
Este sopro de vida em ais se extingue,
Extingue-se a razão, soltam-se as furias,
Do ciume cruel tinto de sangue,
Fibra por fibra os membros me retalha,
E entre abraços mil já se me antólha
Que soffrego rival ávido beijo

Vai no labio imprimir-lhe, e vai o seio
Tentar com a mão do crime; agora esenta
Um terno suspirar... agora a estreita
Mais forte ao coração. mais forte aos labios...
Eis a mão lhe beijou... beijou-lhe os seios...
O meu rival é Nume... O' ceos! Filinto,
Caro Filinto, vençam-se os destinos,
Termine-se esta dôr, silencio eterno,
Eterno esquecimento envolva a campa,
—Adeos, Filinto, extremo adeus é este.

CARTA SEGUNDA

(A JONIO) *

Quizera, amavel Jonio, dedicar-te
Versos dignos de ti, de gloria dignos;
Mas, misero de mim! falta-me o estro!
Da tua lyra a par a minha sóa
Bem como contra a cithara d'Apollo
Soóu do louco Marsya a tosca avena!
Teu 'spirito sublime se remonta
Lá sobre as altas nuvens, eu serpeio,
Qual humilde ribeiro sobre a terra!
Nem isso faz espanto, que não tudo
Todos podemos; tu bebendo o nectar,
Que de aurea taça o cego deos entorna,
Sentes calar nas veias esse fogo
Que abrasa sem queimar, mata e dá vida!
Então tua alma de delicias cheia,
Dos immortaes a habitação tocando,
Inflammada d'amor, d'amor aprende
Harmoniosos sons, celeste canto
Do mesmo Nume inveja, que t'inspira!

* *Esta carta é a resposta da precedente, a qual não foi publicada ainda.*

Ao ceo voas assim, mas eu da terra
Sem saber despegar-me, n'ella fico
Sómente olhando como a natureza
Fórmosa em produções, em dons fecunda,
A vida m'entretém, que veloz foge!
Do aligero menino desconheço
Os farpões, e a aljava; sou ditoso,
Mas de um pobre mortal não passo avante.
Se a voz alguma vez soltar intento,
São grosseira canção sem ar, sem graça!
E' isto natural, pois quem duvida
Que um peito, onde as paixões fervidas faltam,
Não póde, como o teu, com vivo impulso
Taes commoções sentir, que a mente escaldem
Para pintar imagens, que arrebatem,
Para a lingua fallar, que os deoses usam?!
Mas que! podiam ser menos sublimes
Os versos, que me envias, sendo n'elles
D'Armia o doce nome celebrado?
Ah! não! eu já de ti não esperava
Nem devia esperar menor grandeza,
Energia menor: cantando o nome
De tão gentil donzella era infallivel
Dos deuses o favor, tu o tiveste.
Apollo e as musas com respeito curvam
As fronte, se d'Armia o nome escutam!
Suspende Jove a magestade e o raio,
Folga Cupido, e as divindades clamam:
«Assento aqui no Olympo a Armia é dado!»
Como, ó Jonio, és feliz, igual aos Numes,
Se o terno coração tocar soubeste
D'aquella, por quem pasma a natureza,
A cuja voz no mar irado as ondas,
No ar os rijos ventos se amaciam,
E os proprios ceos, que á terra a enviaram
Arrepellidos da mercê lh'a invejam!
Mas tu, se não me engano... tu parece
Que de ciume fallas? E é possível
Que esse dragão medonho as negras azas

Estenda sobre ti! Ah! não receies;
Traições não teme quem d'Armia alcança
Sorriso encantador, olhar modesto,
Que innocencia e amor a par abrigam.
E cobre-te o pavor? E a morte invocas?
Oh! vive, caro amigo, a tua estrella
Tão clara luz espalha, que mal podes
Não ver no teu futuro já marcados
Annos d'almo prazer, de dita immensa!
Ao som da maga lyra as vozes solta,
Entôa hymnos de gloria, com que aos astros
Da tua bella Armia o nome exaltes.
Taes são, ó Jonio, de Filinto os votos.
E se teu alto estylo me fallece,
Se o Deos que te protege me abandona,
Ao menos possa em cantilena rude
Dizer Filinto a Jonio adeos saudoso.

FIM DAS CARTAS

SONETOS

SONETO PRIMEIRO

—«Dura morte, que a fouce cortadora
Contra Marcia gentil impia vibraste,
Acaso d'esta vez o golpe erraste?
Foste ao Deos que te manda, hoje traidora?»

Ai! como, justos ceos, podes agora
Remedio ao crime dar, que perpetraste?!
Confessando, cruel, que te enganaste,
E' desculpa, que a dôr nos não minora!»

Assim fallei á morte, que maligna
Pouca attenção ás minhas queixas dava;
Mas tornando-se emfim já mais benigna:

—«Ignorante, me diz, a terra escrava
Da miseria e do mal, não era digna
De um thesouro guardar, que ao ceo tocava!»

SONETO SEGUNDO *

Do Cavaço na fresca borda um dia
 Com tres nymphas gentis amor brincava,
 Ora nas tranças d'ouro lhes pousava,
 Ora nos brandos seios se escondia.

De desejos no peito a quem as via
 Abrazadora chamma o deos soprava
 Não só de quanto aos olhos se mostrava,
 Mas do que em 'scura treva se sumia!

Eis apparece Marte em furia ardendo,
 E das alheias ditas invejoso
 Contra Cupido investe feio, horrendo!

Sôa o signal, e ao ronco pavoroso
 D'entre as nymphas amor foge tremendo,
 A morte se apresenta e finda o goso!

* *Andando umas meninas a divertirem-se aconteceu que uma ameaçou, brincando, a outra com uma espingarda, que julgou descarregada, e lhe deu um tiro, que desgracadamente a matou.*

SONETO TERCEIRO

Laços ditosos, fé constante e pura,
Delicias mil, mil dons encantadores
Tudo me promettiam meus amores,
Com tudo me embalava aurea ventura.

A bella Ismenia, encanto da natura,
Da sua fé me dava mil penhores;
Eu era o alvo, a inveja dos pastores,
Mimo dos fados, filho da ternura!

Eis n'um momento... horrivel desengano!
Perjura aos votos seus, aos seus deveres
Ismenia me abandona e segue Albano!

Assim fenecem magicos prazeres!
Assim se torna amor feroz tyranno!
E haverá quem se fie inda em mulherea?!

SONETO QUARTO

Ah! como, ó Jonio, um louco desatino
A deploravel vida me apoquenta!
Como ao de Orestes igualar intenta
Sem ter os crimes seus o meu destino!

Um ciume o mais barbaro e ferino
Com tal furor o peito me atormenta,
Que a morte a mais cruel, a mais violenta
Aos ceos imploro, como um bem divino!

Ser pela ingrata Ismenia atraídoado,
E só gemer, carpir, chorar por vél-a...
Eis do meu mal a força, eis o meu fado!

Tem dó de mim, ó Jonio, e se da bella
Nossa antiga amisade estás lembrado
Lamenta a sorte minha e foge d'ella!

SONETO QUINTO

**Razão, fraca razão, não te conheço
Quando os males d'amor meu peito sente!
Se és faisca do ceo, como indolente,
Permites que te cubra um veu espesso?!**

**Ciume atroz no coração oppresso
Me crava a cada instante o fero dente!
Desesperada e louca a dôr pungente
Em vão procura achar em ti regresso.**

**Mostras-me o erro sim, que me arrebatá!
E deixas-me seguil-o, e não me obrigas
A esquecer as perfidias d'uma ingrata?!**

**Se pois o mal, que eu soffro não mitigas,
Se é fado meu amar a quem me mata,
Pouco vales, razão, por mais que digas!**

SONETO SEXTO

**Maldito sejas tu, negro ciume,
Que só de sangue e morte te contentas!
Malditas sejas tu, que vês e inventas
Causas de magua em tudo e de azedume!**

**Tu és do inferno envenenado Nume,
Que as ancias infernaes ao mundo aventas!
Da humanidade horror n'ella sustentas
De odios, de furias sempre acceso lume!**

**Quantas vezes, ó monstro, esta existencia,
Que o meigo amor ditosa me destina,
Tens querido turbar com vã demencia!**

**Mas, vencido, a meus pés a fronte inclina,
Sou feliz porque creio na innocencia,
Traições não temo porque adoro Ulina.**

SONETO SETIMO

O' tu, que no porvir presente existes,
 Dos desditosos meiga complacencia;
 Celeste alivio, que a divina essencia
 Envia carinhosa ás almas tristes;

Ah! que será de mim, se não me assistes,
 Quando da cara Ulina choro a ausencia?
 Como terei de vida uma apparencia
 Se de animar meu fado tu desistes?

Más não, doce esperanza, essa luz pura,
 Que me consola esta alma alucinada
 Não pertende illudir minha ternura.

Quer sim minha constancia exp'imentada
 No rigor da saudade, onde se apura
 D'amantes corações a fé sagrada.

SONETO OITAVO

**Não, não quero viver... qu'importa a vida
A quem vê no porvir morta a 'sperança?
Eu amo... ó dôr... ó funebre lembrança!...
Prenda, que hade ser d'outro possuida!**

**Que esforço sempre vão, que insana lida
Nossas almas no mundo illude e cança?
Será da humanidade amarga herança
Contra os golpes d'amor não ter guarida?**

**Inexplicavel lei cega e terrivel'...
Seres minha... ser teu... nos ha vedado!
Tal vida, cara Ulina, é vida horrivel!**

**Amar-te... faz que eu seja desgraçado!
Deixar de te adorar não me é possivel!
Que me resta? Morrer... cumprir meu fado!**

SONETO NONO *

Olá, senhores, que rancor é esse?
 Que furibunda raiva os esbraveja?
 O dar n'um homem, que já morto esteja
 Não foi nunca valor, nem bem parece.

Se quiz outr'ora o ceo que elle morresse
 Da peste que alcançou sendo em peleja,
 Não quer que um seixo aqui de novo seja
 Quem os dias da vida lhe atravessse!

Basta, senhores, hasta de bater,
 Não rachem a cabeça a S. Luiz,
 Não o vão fazer martyr sem o ser.

N'isto reparem bem que se lhes diz,
 Sem corôa é melhor o santo ter,
 Do que vél-o sem queixo e sem nariz.

* *Achando-se o author em uma terra onde se fazia a procissão de quarta feira de cinza, por occasião de cahir a corôa da cabeça á imagem de S. Luiz rei de França, e os homens da procissão lh'a pregarem de novo, batendo com uma pedra sobre a dita cabeça.*

SONETO DECIMO *

Vi desmaiar do sol a luz brilhante
 Em treva escura os raios encobrimdo;
 Do mar as ondas vi aos ceos subindo,
 Vi a terra convulsa e oscillante!

O ar enfermo, o vento sibilante,
 Montanhas sobre os valles vi cabindo!
 Ouvi vozes confusas repetindo:
 —«Ai miseros de nós!» a cada instante!

—«Que é isto?! gritei eu, será chegado
 O derradeiro inevitavel dia
 Em que este velho mundo vai finado?»

Eis uma voz resôa, que dizia:
 —«Natercia hoje nos deixa!» ao triste brado
 Achei que inda era pouco quanto eu via!

* Na Pova de Varzim por occasião, em que se retirava dos banhos para a sua terra uma senhora muito formosa, parenta do aulhor.

SONETO DECIMO-PRIMEIRO

RECORDAÇÃO DE UMA MÃO DE BOSTON

Lembra-te, caro Jonio, aquella vez,
 Que uma *menor* ao Chantre atravessamos?
 Elle fazia-a só e nós ganhámos
 Armando eu sete vasas, e tu tres!

Tão torcido sarilho se lhe fez,
 Que tres reis e tres azes lhe cortamos;
 Elle estava zangado, e nós suamos
 Com riso da cabeça até aos pés.

Lembra-te quando em outra occasião
 Com sete trunfos o Barreto de az,
 Póde apenas fazer o az para a mão?

Que saudade esse tempo inda me faz!
 Quam differente o sarilho era então
 D'este que por aqui ora me traz!

SONETO DECIMO-SEGUNDO

(AO SEU AMIGO BERNARDO PAES DE FARIA)

Neve, chuva, trovões, saraiva e vento,
Lama com sete covados d'altura;
Eis o que o teu Filinto aqui atura
Cheio de zanga, triste e rabugento.

Já lá vai todo o meu contentamento,
Já perdi a pachorra e a frescura;
A chalaça acabou, faço a figura
De um caturra sem graça e quizilento!

Aquella gargalhada com que outr'ora
Deixava eu lá na Povia a casa cheia,
Despediu-se em latim, e foi-se embora!

Estou qual preso em horrída cadeia,
Mas por me distrahir chegou-me agora
Uma deliciosa diarreia!

SONETO DECIMO-TERCEIRO

(AO SEU PRIMO E AMIGO J. DE ARAUJO RANGEL)

Mettido n'esta aldeia solitaria
Entregue dos meus campos á cultura,
Alegre a vida passo, e a ventura
A face me apresenta menos varia.

Se da fortuna sempre tão precaria
Té'gora saltos dei na roda escura,
Hoje liberto rio da figura
Que de Quichote fiz involuntaria!

Em vez de ouvir roncar canhões e obuzes
Apenas ouço como canta a nora
Regando a quinta ao som dos alcatruzes;

Perfeita a minha dita, ó sorte, agora
Farás se aos braços meus Rangel conduzes,
Rangel, por quem saudosa esta alma chora.

SONETO DECIMO-QUARTO *

Bem com a Aurora, que de sombra illesa
Ensaia para o sol geral suffragio,
Assim nasceu Marilia e a natureza
Mostrou d'encantos mil n'ella o presagio!

Crescendo em perfeições e gentileza
Amal-a entre os pastores foi contagio;
Alta, difficil, melindrosa empreza
Dos pobres corações fatal naufragio!

Eis que a medonha parca a fouce arvora
E qual a tenra flor em flor cortada
Succumbe ao golpe a misera pastora!

Ai! triste humana raça desgraçada,
Que vãos são teus primores, se os devora
O tempo, a morte, a terra, a cinza, o nada!

* Publicado no—«Cidadão Philantropo», n.º 5.º

SONETO DECIMO-QUINTO *

Era alta a noute vinha o sol raiando
 Mostrando a face em 'seuridão formosa;
 Andava o mar na serra, qual raposa
 As ressicadas ondas demolhando.

Tudo isto acontecia, ó Jonio, quando
 Por certeza de duvida pasmosa
 Junto da linda Marcia pavorosa
 Senti chammas d'amor ir-me gelandó!

Lembrou-me então! fatal esquecimento!
 Apoz d'ella fugir, que me seguia
 Correndo c'um vagar o mais violento!

Sumiu-se emfim, eu... cego... bem a via!
 Mas ai! oh ceos! que dita! que tormento!
 Por mais que me calei nunca me ouvia!!

* *Parodiando o conhecido verso:*

«*Era a alta a noute vinha o sol raiando.*»

SONETO DECIMO-SEXTO *

.....*Crudelis ubique
Luctus, ubique pavor, et plurima mortis imago.*

VIRG. EN. 2.

Medonhas vozes, horrído tumulto!

— «*Ah! que não sei de nojo como o contel! ***

Eu não tolero que ninguém me affronte!

Da morte encaro, sem tremer o vulto!»

— «Nem eu tão pouco soffro um só insulto;

Jámais o medo me turbou a fronte;

Aqui, lá fóra, qual um firme monte

Me achará quem me busque, e nunca occulto!

— «Meus senhores, que démo de folia!

Eu lhes bradava, ardendo, como braza,

Ceda a discórdia á paz, ceda á alegria!»

Palavras vans, ninguém fazia vasa,

Tudo era confusão, bulha, anarchia,

E campo de batalha a minha casa!

* *Por ocasião de dous parentes e amigos do author se agonizarem em casa d'elle, por causa de um ligeiro equívoco, chegando a desafiarem-se.*

** *Verso de Camões.*

SONETO DECIMO-SETIMO *

(AO SEU AMIGO ANTONIO PEREIRA DA CUNHA) *

Do caso antigo, horrivel; desastrado,
 Que o Ave ameno e manso inda hoje chora,
 Por ti, querido Aonio, foi agora
 Com mão de mestre o quadro debuxado.

Aquelle cura ingenuo e tão honrado
 Typo do padre, que existiu outr'ora
 Pintaste-o mesmo como se te fôra
 Vêr outro tal e qual inda hoje dado!

Maria! Com que mimo a descreveste!
 E a boa Brites! Que belleza encerra!
 Que velha encantadora alli nos déste!

Se só dos quatro irmãos a brntal guerra
 E' menos nova, a culpa não tiveste:
 D'irmãos taes produzir a nossa terra!

* *Por ocasião de este mandar ao author o seu lindo conto dos «Quatro Irmãos»:*

SONETO DECIMO-OITAVO

À MEMORIA DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES

**Camões, grande Camões, teu nome e gloria
Para si perfilhou a eternidade!
Entre os heroes do Pindo em toda a edade
Teu busto affronta a vida transitoria!**

**No templo magestoso da memoria
Sculpiste em letras d'ouro a heroicidade
De quanto aos sec'los, quanto á humanidade
Apresenta de grande a lusa historia.**

**Da patria por teu peito tão querida
Cantaste a fama, com que a mão tremenda
Do tempo tragador não tem cabida.**

**E' teu canto immortal quem mostra a senda
Por onde uma nação brava, atrevida
Aos segredos do mar correu a venda.**

SONETO DECIMO-NONO

A UM CASAMENTO DA ALDEIA

Salve dia feliz, ditoso, augusto!
 Dia de goso, de alegrão, de festa!
 Dia, cuja alta fama inda hoje atesta
 Tremenda indigestão, que causa susto!

Dia de brodio, dia de magusto,
 Dia para as colmeias de atroz cresta!
 Dia, que faz suar dos pés á testa
 Dançando a chula um gebo assaz vetusto!

Dia de nunca vista primavera!
 Dia entre os dias memoravel dia!
 Emquanto derem velhos muros hera!

Casou... casou emfim! Haja folia!
 N'este dia casou... quem o dissera!
 Casou o nosso Antonio com Maria!

SONETO VIGESIMO

A EXISTENCIA DE DEOS

Essa dos altos ceos magnificencia,
A terra, o ar, o fogo, o mar salgado,
O tempo inquieto, e o espaço socegado,
De um Creador proclamam a existencia:

Em vão descrê e nega esta evidencia
Philosopho atrevido e desvairado,
Que a si mesmo e a tudo o mais creado
Busca no cego acaso a prima essencial

Todos os seres, toda a natureza
Mostram Author eterno e sabio e forte,
Que o vicio odeia, e que a virtude préza.

Mas a sempre infeliz humana sorte
Faz que sómente a um Deos nega ou despreza
Quem deve inda viver alem da morte!

METRIFICAÇÕES VARIAS

111 111 111

ORPHEO E EURYDICE

(CANÇONETA)

O grande Orpheo quasi louco
Vendo extincta a esposa amada
Entre os finados a busca,
Desce da morte á morada!
Lá nas regiões medonhas,
Onda sombra eterna habita,
Sem contar do p'riego instantes
Ousado se precipita!

Viu fantasmas, monstros, furias,
Viu do abysmo a ardente lava...
Sorrindo passou ávante...
O seu amor procurava!...
Pulsa a lyra e ao som divino
O cão trífauce adormece;
O proprio Plutão se alegre,
Quasi o inferno ceo parece!

la enfim a sua Eurydice
Voltar da vida ao fulgor!...
Eis que sóffrega ternura
Triumphou do seu valor!
Jurára só ver a amante
Sobre a terra e á luz do ceo;
Não soube cumprir a jura
E para sempre a perdeu!

Tão leal, tão puro affecto
Ao triste que aproveitou...
Se um só momento de olvido
Todo o seu bem lhe roubou!
Debalde foi elle o amante
Tão fiel, que a historia diz...
Faltou-lhe a força e prudencia,
Soube só ser infeliz!

TRINTARIO CERRADO

*La mort seule y parut... le vaste sein des mers
Nous entr'ouvrit cent fois la route des enfers.*

CRÉBILLON, *Idoménée*, ACTE 1. SCENE 7

INVITATORIO

Vinde cá, poetas funebres,
Vossos prantos preparai!
Morreu a gentil Zulmira,
E' preciso dizer:—Ai!
O Fado cego e despotico
Legisla, manda, decreta,
Que atraz da belleza morta
Siga chorando o poeta!
Nem consente em seu enterro
Um só padre ou coufraria,
Taes funcções quer que pertencam
Ex officio á poesia!
Quer epicédios, quer nenias,
Quer elegias *et cetera*,
Quer *janotas*, e quer *fosseis*,
Quer trova nova, e quer *vetera*.

Não faz excepção alguma,
 Não admitte *compadrego!*
 Hade todo o trovador
 Por força chegar-se ao rego!
 Esta a lei fundamental,
 Que sobre os poetas cáe:
 Morreu a gentil Zulmira,
 E' preciso dizer:—Ai!

HYMNO

Brada o bronze na alta torre,
 Dando signal de finado!
 Expirou linda donzella,
 Temos trintario cerrado.
 Logo trinta sacerdotes
 Da religião do Parnasso
 Psalmeiam canção tristissima,
 Onde entram *tenor e basso.*
 Oh! que vozes tão sentidas,
 Que partem o coração!
 Nunca os capuchos poderam
 Fazer assim canto chão!

PRIMEIRO NOCTURNO

Psalmo 1.º

E' morta a bella Zulmira...
 Morta com toda a certeza!
 Nossas lastimas o dizem,
 E o vacuo da natureza!
 O cemiterio se apresta,
 Descobre-se a campa fria!
 Já sobre negro cypreste
 Rouco mocho triste pia!

E a pobre fiôr, que a Linneo
 Talvez por medo esquecesse,
 Murcha, mirrada, desfeita
 Eil-a aqui... eil-a apparece!
 E' de *flor do cemiterio*,
 Que tem hoje a nomeada;
 Faz d'ella raminhos sêccos
 O coveiro á sua amada!
 E já chega o sahimento,
 E o ataude fatal,
 Já bruxuleia nas trevas
 Dos cirios a luz mortal!
 E póde haver quem assista
 Em scena de tanto horror,
 Sem que torrentes de lagrimas
 O venham n'um banho pôr?!
 Ai! o trovador miserrimo
 Não podendo mais... coitado!
 Sempre n'estes lances fica
 De hôca aberta... pasmado!

ANTIPHONA

E o côro dos sacerdotes
Requiescat in pace, diz;
 E diz *amen*, e diz *gloria*,
 Não dá vivas por um triz!!

LIÇÃO PRIMEIRA

Com isto finda o primeiro
 Nocturno, mas ha segundo;
 Foi até'gora *tenor*,
 Agora é *basso* profundo.

SEGUNDO NOCTURNO

Psalmo 2.º

De que vale a vida odiosa,
De que vale a quem perdeu
Doce objecto idolatrado
Do mais ardente amor seu?!
Vai o trovador morrer
As mãos do mal que o consome;
Desesperado, perdido
Nem póde beber, nem come!
Elle sente... elle conhece
Que o duro rigor da sorte
O quer ter cá n'este mundo
Feito pesqueira da morte!
Que uma vida tão penosa
Sem um instante folgar,
«E' ver a morte ás pinguinhas»
Sobre a gente a borrar!
Antes morrer de uma vez
O trovador ò deseja;
Mas não quer morte ordinaria,
Quer que romantica seja!
Anda tu em seu auxilio
O' do dia astro accado,
Abraza, reduz a cinzas
Seu corpo da dôr 'stafado.
E depois n'um de teus raios
Á esfera celestial
Leva sua alma já farta
De viver em Portugal!
Terra, onde existiu Zulmira,
De seus pés terra pisada,
Perdeste-a, e queres ainda
Ser de um *janota* habitada?!

Penas, tormentos, martyrios,
Loucura, raiva, furor...
Eis a carga, que suspira
Por largar o trovador!

ANTIPHONA

E o côro dos sacerdotes
Requiescat in pace, diz;
E diz *amen*, e diz *gloria*,
Não dá vivas por um triz!!

LIÇÃO SEGUNDA

Ora sus, vão os poetas
Para o ponto *culminante*,
Que é o terceiro nocturno
Em dueto palpitante!

TERCEIRO NOCTURNO

Psalmo 3.º

Descobre o *tenor* nas rochas,
Que o mar pontudas rodeiam,
Semelhança ás feras magoas,
Que sua alma *afflicta* aneiam!
Acha em morrer affogado
Suaves recordações,
E a sepultura já *prompta*
No bucho dos tubarões!
Mas o *basso*, em cujo peito
Amarga dôr fez assento,
Quer antes morrer queimado
Na pyra do sentimento!

Alli derretido espera,
 Que ao menos a sua memoria,
 Como o bezerro de Aarão,
 Eterna fique na historia!
 Chora o *tenor* a belleza
 D'aquella, a quem tanto amou...
 «Mas porque com tanta pressa
 D'esta terra se abalou?!»
 —Cheia de saude e vida,
 De seus annos na tenrura,
 Como pôde, diz o *basso*,
 Morrer esta creatura?! —
Tenor e basso conformes
 Maldizem morte assim lésta!
 Grosso pranto a face inunda-lhes,
 E frio suor a testa!
 Comtudo se a 'stancia etherea,
 Onde *ella* de certo está,
 Velhas lembranças consente,
 No trovador pensará.
 Ah! então é justo, é santo,
 Tempo metter de permeio!
 Talvez entretanto chegue
 Lá do ceo algum correio!
 Se d'*ella* conduzir novas,
Qual contento! Qual piacer!
 De que alegrão se privava
 Quem fosse a vida perder!
 Oh ideia luminosa!
 Oh meiga consolação...
 Que em terna saudade mudas
 A maior desesp'ração!

ANTIPHONA

E o côro dos sacerdotes
Requiescat in pace, diz;
 E diz *amen*, e diz *gloria*,
 Não dá vivas por um triz!!

LIÇÃO TERCEIRA

E os poetas, que furiosos
Queriam já já morrer,
Lá vão para suas casas
A chorar, mas a viver!

RESPONSORIO

E finda aqui o Trintario
Outro em breve havemos ter,
Que os poetas estão promptos,
E morre tanta mulher!...

EPICURISTA INOFFENSIVO

I

Sacrificar da sorte aos vãos caprichos
À fortuna, a saúde, a paz, a vida,
A troco de ganhar na humana lida
De homem do grande tom sonora fama;
Póde ser o melhor, mas para mim,
Digo-o aqui baixinho,
Não quero a gloria assim.

II

A mais solida gloria a considero
Em que o 'spirito meu tenha descanso;
Que, qual d'um rio o placido remanso,
Quasi sem eu sentir meus dias corram;
Té que a final á sepultura desça
Sem ter tido nunca
Uma dôr de cabeça!

III

Ao almoço, ao jantar, e mesmo á ceia
Unido ao paladar o pensamento
Não deve perturbar-me um só momento
O prazer, que então gozam meus sentidos:
Unico sentimento alli me reja,
 Continua saudade
Do que ainda sobeja!

IV

Deitando-me a dormir em molle cama
Nas mais compridas noites de janeiro
Comigo se hade achar somno primeiro
Já depois de nascido o sol seguinte;
Quero então acordar, quero estirar-me
 E a bóca abrir languida!
Quero depois coçar-me!

V

Se n'este ensejo á porta do meu quarto
Batendo de mansinho o meu criado
Vier dizer:—«Senhor, se deputado
Quer ser ás Côrtes, anda o regedor
A passar os bilhetes, e é maré:»
 Respondo:—«São horas,
 Venha leite e café.

VI

Se para o ministerio me apontasse
Enganada a opinião por incidente
Daria logo parte de doente

Até ser o logar per outro cheio;
 Vale mais receber, que dar despachos,
 E ter carregados
 Que carregar os machos!

VII

Ir commandar a tropa nem per sombra,
 Setembrista, cartista, ou miguelista;
 Esta nação de farda e sobrevista
 Se catanadas dá, tambem as leva;
 Nada de guerras, nada de batalhas,
 Eu não quero gloria
 Colhida entre mortalhas!

VIII

Diplomatico ensaio inda soffrera
 Se mister lhe não fôra mentir tanto,
 Soltar, querendo rir, amargo pranto,
 E querendo chorar, rir então muito;
 Passar vigalias mil, estudar manhas,
 Mostrar bôca aberta
 Para engulir patranhas!

IX

Aos Cyros que aproveita, e aos Alexandres,
 Cesares, Fredericos, e Bonapartes,
 E a mil outros famosos n'outras artes,
 A poder de trabalhos e perigos
 Essa cousa ganharem dicta gloria?
 Mais doce é a vida
 Na cama, que na historia!

X

Sem gabar-me direi: tenho comido
E bebido tambem soffrivelmente;
Em mangas tomo a fresca em tempo quente,
Assento-me ao fogão quando faz frio;
No mundo estou, qual paio no fumeiro,
Ninguem lhe faz venia
Nem lhe pede dinheiro!

A AMISADE

(N'UM ALBUM)

Emanação do ceo, santa amisade,
Que raros são teus dons, quam poucas vezes
Brilha na terra a tua luz divina!
Em vão procura o homem generoso
Achar um coração terno e sensível
Com quem prazer ou magoas repartindo
Seu gozo augmente, sua dôr minore!
Qual em noute invernosa estrella escassa
Com frouxa, dubia luz no ceo tremúla,
Tal d'um fiel amigo a sorte avára
Produz raro no mundo o almo thesouro!
Dous corações, que os doces sentimentos
D'ingenua candidez, de mutuo agrado
Com sincera affeição iguaes partilhem,
Tocam a méta da ventura humana,
Dos proprios anjos a existencia attingem!
Mas póde um mundo insidioso e falso
Da celeste mansão ser pura imagem?!
Desgraçada experiencia a cada instante

D'este bello ideal nos mostra a sombra
Que nos anima, engana, e logo foge
Longe de nós qual sonho vaporoso!
Bem como a planta que a longinuos climas
De seu solo natal foi transportada,
Murchas as folhas, sêccas as raizes
Inclina para a terra a hastea languida,
Perde a vegetação, definha e morre!
Assim no mundo um homem generoso
Triste percorre o circulo da vida!

O' santa amizade
Meu nume serás;
Ventura suprema
Sómente tu dás.
Se o mundo, se os homens
Desprezas, odeias,
Se sempre nos ccos
Te prendes, te enleias,
Ah! deixa que ao menos
Me illuda o meu fado,
Que eu julgue possível
Amar... ser amado...

A BORBOLETA QUEIMADA

(N'UM ALBUM)

Borboleta, que insensata
Vás queimar-te á luz brilhante,
Quanto ao meu teu fado infausto
Se quer tornar semelhante!

Illudida co'a apparencia
D'um clarão que te allucina
Buscando dita e prazer
Achas só morte e ruina.

Tambem eu, querido insecto,
Como tu victima sou;
Um meigo gentil semblante
Tambem foi quem me enganou!

Quando a vi... oh! como é triste
Fazer tal recordação!
Quando a vi a vez primeira
Foi celeste essa visão!

Tanto fulgor deslumbrou-me...
A seus pés ajoelhei,
Só viver para adoral-a
Balbuciando jurei...

Fitou-me os olhos, sorriu-se;
Meu juramento attendeu;
Viu-me no dia seguinte,
Fez que me não conheceu!

Foste borboleta á luz?
Tambem á luz me cheguei...
Queimaste as azas formosas?
Eu até a alma queimei!...

Morreste emfim, lindo insecto!
Teu corpo jazendo o diz!
Eu vivo... oh ceos!... sim... eu vivo...
Mais que tu sou infeliz!!

 (A JONIO*)

QUADRA

Se a amizade terá lei
 E' que eu desejo saber;
 Ou se quem promette e falta
 Póde meu amigo ser.

GLOZA

Quem de um amigo tem dada
 Palavra de qualquer cousa
 Com justa razão repousa,
 Julgando-a desempenhada.
 N'esta lei antiga e honrada
 Sempre firme acreditei,
 Té que estes dias topei
 Um amigo tão ratão,
 Que duvido e com razão
 Se a amizade terá lei.

* *Este Jonio é o Snr. João Malheiro de Magalhães Villasboas, primo e amigo do author, e o mesmo a quem sob esta denominação já outros se acham dirigidos n'este livro.*

Prometteu-me o tal sujeito
Que viria a minha casa
E n'ella faria vaza
Tres dias por meu respeito:
Eu certo n'este conceito
Mandei-lhe a cama fazer.
Prompto para o receber
Hoje inda por elle espero!
Ora se isto é ser sincero
E' que eu desejo saber.

Se por acaso escrevesse
Prevenindo o meu receio;
Se a causa porque não veio
Com tempo e a tempo dissesse,
Desculpa talvez lhe dêsse;
Porém nada, o tal peralta
Faz-se muito fresco á malta
E na questão se não mette
Se é melhor quem não promette
Ou se quem promette e falta.

E hade haver quem se cale
Quem não affirme comigo
Que hoje a palavra de *amigo*
Muito pouco ou nada vale?
Haverá quem não se abale
Com tanta decepção ver?
Se gente assim póde haver
Então digo aos taes heroes
Que qualquer Jorge d'Anzoes
Póde meu amigo ser.

AO R. J. J. DE O. APAIXONADO DE JOGAR
O VOLTARETE A REAL O TENTO

QUADRA

Um quartinho ao voltarete
O padre José perdeu;
Estava co'uma carranca
Que par'cia um Farisêo.

GLOZA

No jogo muito enfronhado
O padre José topei;
E logo lhe perguntei
Quanto tinha já ganhado;
Eis elle muito zangado
Arripiando o topete
Me responde: «Quem se mette
N'estes assados é tólo;
Vou perdendo, afóra o bolo,
Um quartinho ao voltarete.

Inda não pude chuchar
 Remissa que tenha posto;
 'Stou tão perro, que o meu gosto
 Fôra estas cartas trincar,
 Irra! faz desesperar
 Um joguinho tao judeu!»
 —Não falle assim, tornei eu,
 Não dê cavaco per cima,
 Olhe que se desanima:
 O padre José perdeu.—

Palavras não eram ditas
 Chegaram-lhe os azes pretos
 Tão sêccos como esqueletos,
 Tão sós como ermitas;
 Pegou nas cartas malditas
 Estendeu-as sobre a banca
 Voltou n'uma carta branca
 Foi comprar, nada comprou...
 Quaes olhos me revirou!...
 Estava c'uma carranca!...

Inda mal aos parceirinhos
 Tinha pago esta reposta
 Quando mesmo em ar de aposta
 Lhe tornam os taes azinhos
 Co'a manilha e dous trunfinhos;
 Abafou-os e perdeu!
 Que patadas então deu,
 Que caretas fez diff'rentes...
 Rangiam-lhe até os dentes,
 Que par'cia um Farisêo!

(A JONIO *)

Que caso, Jonio querido,
O caso que me succede,
Caso porque se não mede
Qualquer caso acontecido:
Nos livros de casos lido
Nunca foi um caso assim;
E' caso a que só a mim
O rei dos casos condemna,
Caso, ai céos! digo-o com pena
Ser eu que caso por fim!

* *Por ocasião do casamento do author.*

A GARRAFA *

Como é bom
 Do Roncom
 Beber tanto viaho!
 Arruêda,
 Ventozêlo
 Poem o pêlo
 Em lavareda!
 Provesende
 E Boa Vista,
 Bem s'entende,
 Entram na lista,
 Oh! que alegria
 N'este bom dia
 Nos vai dar
 O nosso nobre amigo
 Que nos manda enclugar
 D'este licor, fidalgo tão antigo,
 Tanta garrafa, de crystal lizente!
 Na garganta já sinto um fogo ardente!
 E é preciso apagal-o sem demora
 Venha esse Ventozêlo! ah rousa encantadora!
 Cá vai! oh que prazer!.. que dita!.. Com que gloria
 D'este festivo dia hade existir memoria!
 Prolongue-se na terra, além dos astros suba
 A fama, o grande nome d'este heroe sublime,
 Fóssil habitador de mui janota cuba!
 Cá vai! mas com qual gosto a lingua se comprime,
 Emperra, balbucia, e de fallar se exime!
 Depressa... antes que chegue o somno caridoso
 Levantemos um — Viva — ao homem generoso
 Que de bondade em mostras infinitas
 Nos deu tantas garrafas tão bonitas!

* Esta garrafa e copo foram apresentados pelo author n'um jantar em casa do seu sempre chorado amigo o Snr. Manoel de Clamouse Browne.

O COPO

Oh! venha o copo já,
O copo encantador,
Que este optimo licor
Em nós despejará!
Sem copo que fazer!
Sem copo não ha vida!
E' toda a nossa lida
'Sgotar, e logo-encher!
Em continuo balanço
Momento de descanso
Não deve o copo ter.
Viva, viva,
Quem regala
Seus amigos
Com activa,
Grande 'scala
Dos bons vinhos
Mais antigos
Que ha no Porto,
Que resuscitam um morto!
E com pasmosa rega
Da barriga nos fazem uma adega!

RECORDAÇÃO SAUDOSA

AO ANNIVERSARIO
DA PERDA DO VAPOR PORTO EM 29
DE MARÇO DE 1852

Cruel recordação... infausto dia,
Que nossa dôr acerba hoje renovas,
Como a luzir chegaste sem que as trevas
Da noute escura e feia te cobrissem?!
Dia fatal! O Porto consternado
Eterna chorará tua memoria!
Em nossos corações impressa a imagem
D'este caso espantoso dura ainda!
Inda em nossos ouvidos tristemente
Sóam os brados da agonia immensa
Com que os míseros naufragos morrendo
Socorro á terra em vão pediam!
A magoa tao pungente que os possue,
O pranto amargo, que lh'inunda as faces,
Dos portuenses sempre generosos
Os pios sentimentos patenteia!
Ossos mirrados, venerandas cinzas
Da mais justa afeição, reliquias unicas,
Que na terra existis, ah! se podesseis

Nossas lagrimas ver, euviras vozes
 Com que ao ceo exprobramos mal tão duro;
 Grande alivio nos fôra, mas prohibem-no
 As leis que regem o destino humano!
 E vós, almas queridas, que voastes
 A' sup'rior esphera, onde os espiritos
 de seu sublime fim a essencia alcançam,
 Aceitai puros votos da saudade
 Que, nunca extincta em nossos peitos, vimos
 Sobre estas mesmas cinzas dedicar-vos.

Negra foi, ó infelizes,
 A sorte que vós tivestes,
 Onde esperaveis a vida
 A morte encontrar viestes!

Esse mar que n'outros tempos
 Cheios de prazer buscastes,
 Cujá vista com folguedos
 Tantas vezes celebrastes!

Qual bravia fera indomita
 Vossa innocencia enganou,
 E nas medonhas guéllas
 Para sempre vos tragou!

Em vão nas praias fronteiras
 Vossos parentes e amigos
 Affrontam para salvar-vos
 Da morte os horridos p'rigos!

Perdidos, desesperados
 Entre gritos de amargura
 Viram cahir seus esforços
 Ante a vossa má ventura!

Já só lhes resta chorar
Vosso destino traidor,
E erguer á vossa memoria
Um monumento de dôr!

Este dia consagrado
Todo a um dever penoso
Recorde ás eras vindouras
Successo tão lastimoso!

Sempre n'este dia o Porto
Vestirá pesado luto
Satisfazendo á saudade
Seu doloroso tributo!

Abaixai, ó ceos piedosos,
Para nós vossa attenção,
Aos amigos, que perdemos
Dai paz e eterna mansão.

Porto 29 de Março de 1853.

EPIGRAMMAS

I

A UM POETA DE AGUA DOCE

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Aonde vais, meu bom Fabricio,
Onde vais com tanta pressa?
'Stá na meza o teu jantar
E tens medo que arrefeça?

Receias que um tio rico
Sem testamento a alma renda?
Esperas n'este correio
Algum titulo ou commenda?

Fab. E' cousa muito mais séria...
Não durmo de noute nada,
E busco os versos de Aonio
P'ra servir de amendoada.

II

AO MESMO

Fez Aonio na poesia
Uma reforma espantosa!
Soube introduzir nos versos
A natureza da prosa!

III

AO MESMO

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Já lêste os versos de Aonio,
Versos com que a imprensa súa?
Fab. Tive-os na mão sem os ler
Assentado na com...

IV

UM FIDALGO D'ANTIGO SANGUE,
MAS TRATANTE

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. E' fidalgo Dom Chrysostemo?

Fab. Fidalgo de velha raça.

Aur. Dizem que é grande tratante...

Fab. E é, mas com muita graça.

V

UM FIDALGO ANTIGO, MAS ESTUPIDO

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Dom Fabiano é fidalgo?

Fab. Dos pés até ao touço.

Aur. Não sabe ler nem escrever!...

Fab. Fidalgos precisam d'isso?

VI

UMA MENINA MUITO FEIA,
PORÉM DUITO RICA

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Sempre Eurinda tem uns olhos
Bem piscos e remelados!

Fab. Que dizes, se tem de dote
Cento e trinta e mil cruzados?!

VII

UMA MENINA PERFEITAMENTE
PRENDADA E BELLA, MAS POBRE

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Amavel moça é Ismenia,
Não tem senão nem um só!

Fab. Quem póde acreditar isso
Se ella é póbre como Job?!...

VIII

TALENTO SEM JUIZO

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Fab. Que talento que tem o joven Paiol
 Qu'espírito brilhante e tão sublimel
 Se falla na tribuna é qual um raio
 Nd' força e no calor com que se exprime!

Pois entre meninas
 Com enthusiasmo
 Ninguem tem mais chiste,
 Ouvil-o é um pasmo!

Aur. Mas porque no que diz se lhes descobre
 Mingua sempre de senso e bom aviso?

Fab. E' porque o seu engenho grande e nobre
 Tem falha no juizo.

IX

A MANIA DESCRENTE

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Quem é um maganão chamado Fabio,
Que rabiscos compõe para os jornaes?

Fab. E' um, como ha innumerous mortaes,
Perfeito pulha, mas com ar de sabio!

Aur. Será elle um dos nós muito curtinhos
Que em Coimbra seus *rr* abocou,
E que afinal *simpliciter* passou?
(Que a asneira se baptisa e tem padrinhos!)

Fab. O mesmo, e desde então nem um momento
Se esqueceu d'embirrar com Jesus Christo;
Pois cuida o pobre moço bastar isto
Para passar por homem de talento!

Aur. Forte mania na verdade é esta!
 E não perceberá o bonachão
 Ser a crença só propria da razão
 E a descrença commum a toda a besta?

Fab. Não percebe, e se exiges que eu te diga
 O que penso, desculpe-se o rapaz;
 Descrêr sem estudar quem quer o faz,
 Estudar para crêr custa e fatiga.

 X

 UTILIDADE DAS CONDECORAÇÕES

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Quem é este figurão
 Tão coberto de medalhas
 Que parece exposição
 De numismas e antigualhas?

Será elle Ruy Capão *
 Patriarcha de nobreza
 Homem de grão coração
 De barba e de perna teza?

* *Homem de grande nomeada entre os nomes anti-
 gos genealogicos.*

Fab. Nada d'isso, o tal ratão
 E' sujeito mui moderno,
 Traz esta carregação
 Para se aquecer de inverno!

Logo que chega o verão
 Usa a mesma cobertura,
 Medalhas e fitas dão
 Calor com muita frescura!

 XI

 OS MEDALHÕES

DIALOGO—AURELIO, FABRIGIO

Leitor, se vires um homem
 Tendo já madura idade,
 Que cheio de gravidade
 A todos faz cumprimentos
 Com ares de protecção,
 E' medalhão.

Se vires outro em um dia
 De mais solemne assemblea
 Que sempre prompto se arreja
 Com commendas e com fitas
 Sobre o rico fardalhão,
 E' medalhão.

Se vires um que em política
Sempre os partidos respeitam
E que todos d'elle aceitam
A influencia e os serviços
Com a maior submissão,
E' medalhão.

Um que diga mil sandices
E que as escreva tambem,
Que nada fazendo bem
Tenha sempre muito credito
E grande consid'ração,
E' medalhão.

Um que apesar de saber-se
Ser tratante consummado
E' por todos bem tratado
E geralmente acolhido
Com cortezia e attenção,
E' medalhão.

Um que sendo conhecido
Além de tolo por mau
Em vez de levar co'um pau
E' convidado a jantares
E a bailes com distincção,
E' medalhão.

Finalmente um já convicto
De calotes patriarcha
Que acha sempre aberta a arca
Dos a quem pede dinheiro
Sem jámais ouvir um «não»,
E' medalhão.

XII

A INSTRUCCÃO É DISPENSÁVEL.

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Quem é este sujeito tão esbelto
Com tão gentil bigode, e tal perinha?
Que traz um *paleto* tão elegante
E uma tão apurada gravatinha?

A poder-se julgar pela figura
Mancebo deve ser de alta valia;
O seu ar *dégagé*, suas maneiras,
Tudo um homem sem par nos annuncia!

Fab. Eu te digo, é Sempronio, as raparigas
Acham seus ademães muito agradáveis,
E d'elle me affirmaram já algumas
O mais amavel ser entre os amaveis.

Co'um bote de florete a uma pulga
 Fura infallivelmente pelo meio;
 E, quando quer, co'um tiro de pistola
 Parte em dous um grãozinho de centeio!

Ninguem monta a cavallo com mais graça
 Nem um carro dirige mais garboso,
 Nos salões a dançar é um portento,
 No campo ou monte é caçador famoso,

Estas virtudes tem e muitas outras
 Que levariam annos a contar,
 So lhe falta saber (mas bagatella...)
 A arte de escrever, ler, e fallar.

XIII

NECESSIDADES DE UM MINISTRO

DIALOGO—AURELIO, FABRICIO

Aur. Que significa este rabo
 Pertencente a esta figura,
 Que dizem ser de um ministro
 De estado a caricatura?

Além de pelludo e grosso
E' elle tão prolongado,
Que eu de um cometa o julgara
Se o não visse arrebitado!

Fab. Não te espantes: os ministros
D'este membro hoje hão mister,
Nem se póde ser ministro
Sem um grande rabo ter.

A praga dos pertendentes
Com tal furor os investe,
Que bem póde assimillar-se
A um ataque de peste!

Out'ora no Egypto as moscas,
E os gafanhotos com ellas,
A' vista d'isto eram doce
Digno de mil *tambedellas!*

Como hade viver um homem,
A quem a cauda faltar,
Todo coberto de insectos
Sem ter com que os enxotar?

Então mais do que ministro
Valeria ser jumento,
Que mal as moscas lhe zunem
As enxota n'um momento!

XIV

ÁS MISERIAS D'ESTE MUNDO

A maldade e a estupidez,
Eu não sei qual póde mais;
Sei que podem ambas muito
Entre os miseros mortaes.

XV

ÁS MESMAS

Todos fallam em reformas,
Ninguem se quer reformar;
São dentistas que não sabem
A si proprios desdentar!

FIM

INDICE

	<i>Pag.</i>
AS BUCOLICAS DE VIRGILIO:	
Ecloga primeira—Tytiro—	5
» segunda—Alexis—	11
» terceira—Palemon—	16
» quarta—Pollion—	27
» quinta—Daphnis—	31
» sexta—Sileno—	38
» setima—Melibeo—	43
» oitava—Pharmaceutria—	49
» nona—Meris—	55
» decima—Gallo—	60
ATREO E THIRSTES (tragedia)	67
AMOR E RECEIO (conto)	147
IDYLLIOS:	
Idyllio primeiro	159
» segundo	165
» terceiro	171
» quarto	174
ODES:	
Ode primeira—A vida campestre—	179
» segunda—A amisade—	182
» terceira—A virtude—	184
» quarta—Contente-se cada um com a sua sorte—	186
» quinta—Ao nascimento da Ill. ^{ma} e Ex. ^{ma} Sr. ^a D. Mecia dos Prazeres Magalhães e Menezes—	188

	<i>Pag.</i>
Ode sexta—Tributo de saudade á memoria do Ill. ^{mo} e Ex. ^{mo} Sr. Visconde de Almeida Garrett	191
Traducção da ode—Ao tempo—de Mr. Thomaz	194
CARTAS:	
Carta primeira	201
» a Filinto	203
» segunda	206
SONETOS	209
METRIFICAÇÕES VARIAS:	
Orpheo e Eurydice	233
Trintario cerrado	235
Epicurista inoffensivo	242
A amisade	246
A borboleta queimada	248
A Jonio	250
Ao R. J. J. de O. apaixonado de jogar o voltarete a real o tento	252
A Jonio (por occasião do casamento do author)	254
A garrafa	255
O copo	256
Recordação saudosa	257
Epigrammas	260

ERRATAS

ERROS

- Pag.*
6, v. 49, benignos
7, v. 60, assidio
12, lin. 2 (nota) *por todos*
13, v. 78, orandos
19, depois do v. 78, na in-
dicação: **MENALCAS**
» v. 98, ajunte
25, lin. 3, orbem—*prova-*
velmente que este
30, lin. 2 a 3, armento
35, v. 136, acoutadas
39, v. 58, fulgor
» v. 68, deixando
44, v. 49, do leite
50, v. 41, horror tanto!
51, v. 83, ou
55, v. 11, cantar
57, v. 72, de
58, v. 102, Deixa, menino,
mais canções façamos,
60, v. 10, do Gallo
61, v. 40, flôres
» v. 62, importa

EMENDAS

- benignos
assidio
por quasi todos
arandos
DAMETAS
ajunto
orbem—*não colhe; pro-*
vavelmente é que este
argumento
açoutadas
fulgor
deixado
de leite
horror tanto
os
contar
dos
Deixa, menino, mais
canções; façamos
de Gallo
floreas
importava

ERROS	EMENDAS
<i>Pag.</i>	
94, lin. 21, estrdaas	estradas
108, lin. 15, Que um pobre homem vil deva assus- tar-te	Que um pobre, um ho- mem vil deva assus- tar-te
144, lin. 13, luto medonhos	luto medonho
149, lin. 23, sobre	sob
180, lin. 25, colhendo	formando
184, lin. 5, Sebre	Sobre
185, lin. 6, tempos	templos
186, lin. 16, nos vergeis	os vergeis
187, lin. 26, a inobediencias	a inobediencia
193, lin. 12, N'elle	N'ella
196, lin. 22, envelhecidos	envelhecidos
197, lin. 17, horas fogem,	horas fogem.
216, lin. 3, Malditas	Maldito
217, lin. 8, animar	amimar
224, lin. 1, Bem com a	Bem como a
229, lin. 7, faz	fez
233, lin. 6, Onda	Onde
244, lin. 23, Cesares, Fre- dericos, e Bonapartes	Cesares, Fredericos, Bo- napartes
247, lin. 8, defina	definha
250, lin. penultima (nota), <i>outros se acham</i>	<i>outros versos se acham</i>
253, lin. 14, como ermitas	como dous ermitas
258, lin. 1, ouviras	ouvir as
» lin. 7, de	De
263, no titulo 1.º, DUITO	MUITO
264, lin. 10, se lhes descobre	se lhe descobre
266, (nota), <i>nomes</i>	<i>nossos</i>



